

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

Instituto de Geociências e Ciências Exatas

Campus de Rio Claro

**AS LETRAS DE RAP DO MOVIMENTO HIP-HOP COMO  
DESDOBRAMENTO DO PROCESSO DE SEGREGAÇÃO SÓCIO-  
ESPACIAL: ANTIGAMENTE QUILOMBOS, HOJE PERIFERIA.**

**Luiz Henrique dos Santos**

Orientador: Prof. Dr. Paulo Roberto Teixeira de Godoy

Dissertação de Mestrado elaborada junto  
ao Programa de Pós Graduação em  
Geografia – Área de contratação em  
organização do Espaço, para obtenção do  
Título de Mestre em Geografia.

**Rio Claro (SP)**

**2013**

**Luiz Henrique dos Santos**

**AS LETRAS DE RAP DO MOVIMENTO HIP-HOP COMO DESDOBRAMENTO DO  
PROCESSO DE SEGREGAÇÃO SÓCIO-ESPACIAL: ANTIGAMENTE  
QUILOMBOS, HOJE PERIFERIA**

Dissertação de Mestrado elaborada junto  
ao Programa de Pós Graduação em  
Geografia – Área de contração em  
organização do Espaço, para obtenção do  
Título de Mestre em Geografia

Comissão Examinadora

---

Prof. Paulo Roberto Teixeira de Godoy

Departamento de Geografia- Unesp Rio Claro

---

---

Rio Claro, \_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_, 2013

910h.3 Santos, Luiz Henrique dos  
S231L As letras de rap do movimento hip-hop como  
desdobramento do processo de segregação sócio-espacial :  
antigamente quilombos, hoje periferia / Luiz Henrique dos  
Santos. - Rio Claro : [s.n.], 2013  
80 f. : il., figs., tabs., fots.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista,  
Instituto de Geociências e Ciências Exatas  
Orientador: Paulo Roberto Teixeira de Godoy

1. Geografia urbana. 2. Hip hop. 3. Rap. 4. Periferia. 5.  
Globalização. I. Título.

Ficha Catalográfica elaborada pela STATI - Biblioteca da UNESP  
Campus de Rio Claro/SP

Dedico este trabalho a memória de minha avó materna Leontina Amaral Martins, mulher negra e guerreira, que me ensinou a ser gente.

*In memoriam*

## **AGRADECIMENTOS**

Em primeiro lugar agradeço a toda força espiritual e divina que move os dias vividos.

Agradeço a toda minha família, em especial a minha mãe: Luciângela Martins dos Santos

A minha irmã Layane Aparecida Martins dos Santos, por sua doçura, carinho e compreensão.

A querida amiga Celeste Pieri pelos momentos de euforia e sorrisos;

Ao querido amigo Pedro Henrique Ferreira Costa, pelo incentivo contínuo para que eu permanecesse na Universidade.

Ao querido amigo Dener Toledo Matias, por me mostrar os caminhos da luz e transcendência.

A queridos amigos paulistanos geógrafos Camila Canuto, Wagner Nostório, Leia Cherif e Abbul, por terem me ajudado a desbravar a periferia com sabedoria e humildade;

A professora Bernadete de Castro Oliveira por toda sua criatividade e generosidade;

Ao professor Roberto Braga por sua amizade e admiração;

A todos os B. Boys que de Rio Claro, em especial, o B. Boy “Índio”;

Ao Luiz Fernando Porfírio, vulgo Kamarão, por toda sabedoria sobre Hip Hop;

Aos velhos e novos amigos, em especial ao Eder Merino.

A família xamânica Morada do Sol de Araraquara.

Ao coordenador do Programa de Pós Graduação em Geografia Professor José Gilberto de Souza.

A Capes- Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de nível superior.

Ao financiamento do CNPQ – Conselho Nacional de Pesquisa, sem o qual a exequidade deste trabalho não seria possível;

E por fim ao meu ao meu orientador Paulo Roberto Texeira de Godoy por sua dedicação no ofício de orientar essa pesquisa.

*“Equilibrado num barranco incômodo, mal acabado e sujo, porém, seu único lar, seu bem e seu refúgio.  
Um cheiro horrível de esgoto no quintal, por cima ou por baixo, se chover será fatal.  
Um pedaço do inferno, aqui é onde eu estou.  
Até o IBGE passou aqui e nunca mais voltou.”*

Um homem na estrada (Racionais MC's)

## SUMÁRIO

<b>Resumo.....</b>	<b>8</b>
<b>Abstract.....</b>	<b>9</b>
<b>Introdução.....</b>	<b>10</b>
<b>Capítulo I - Movimento Hip Hop, das Paisagens sonoras dos EUA para o BRASIL: um modo de vida adotado pelas periferias.....</b>	<b>16</b>
1.1.A população Negra: Resquícios da escravidão, revolta e traumas no século XXI.....	16
1.2. Compreendendo os elementos da Cultura Hip Hop.....	22
1.3. Cultura Hip Hop dos Estados Unidos da América para o Brasil: um modo de vida adotado pelas periferias.....	30
<b>Capítulo 2- As letras de Rap que representa as minorias étnorraciais: encontros e desencontros no processo de Segregação Sócio Espacial.....</b>	<b>32</b>
2.1. Ativismo Urbano Brasileiro.....	32
2.2 Contribuições da teoria da análise de discurso para uma análise geográfica das letras de rap: Língua, Cultura e Espaço na perspectiva discursiva.....	36
2.3 Da metrópole para a tribo indígena: As minorias sendo representadas nas letras de rap denunciando o processo de Segregação Sócio Espacial.....	40
Considerações Finais.....	61
Referências Bibliográficas.....	63
Bibliografia Geral.....	65
Anexos.....	68

## RESUMO

O rap é um gênero musical de protesto que tem buscado valorizar a cultura popular do lugar onde é produzido: A periferia. Este trabalho foi o resultado da análise das letras de RAP produzidas no Brasil, pelos grupos musicais mais influentes do momento. Considerado por muitos como um movimento político, e por outros como apenas uma simples manifestação artística das culturas juvenis, é fato que esse gênero musical se tornou uma apreciação global. Durante a realização da pesquisa foi detectado a expansão do hip hop em lugares bastante incomuns do Brasil, como é o caso de uma aldeia indígena. Dar visibilidade para a identidade social e espacial das populações que habitam os espaços segregados foi um dos princípios norteadores dessa pesquisa. Por meio de análises das letras de rap tivemos como suporte a análise de discurso e conteúdo das músicas previamente selecionadas. Para comprovarmos esse processo optamos por utilizar um corpus teórico bem diversificado que contemplasse nossas inquietações. Foram utilizadas para fins de amostragem as letras de rap de 10 grupos musicais produzidas em diferentes contextos geográficos. A escolha dos grupos teve como norteador principal a diversidade dos lugares de onde estas composições foram elaboradas, tornando possível demonstrar que tais culturas juvenis urbanas já estão sendo absorvidas fora do eixo metropolitano Rio – São Paulo. Foi possível elaborar uma reflexão e análise sobre as práticas discursivas que estes grupos de rap contemporâneos estão adotando no Brasil, as quais são indissociáveis ao processo de produção desigual do espaço. A ideia do trabalho foi dialogar sobre os aspectos das condições de produção que estas músicas tiveram, bem como o resgate de suas memórias, com intenção de compreender os sentidos que essas narrativas constroem em relação à população que habita esses espaços segregados.

**PALAVRAS CHAVE:** movimento hip-hop, Rap, Globalização, periferia.



## ABSTRACT

Rap is a genre of protest that seeks to enhance the local popular culture of the place where it is produced: The low-income communities. This research is result of the analysis of the lyrics of RAP produced in Brazil by the most influential bands of the moment. Considered by many as a political movement, and by others as just a simple artistic expression of youth culture, is the fact that this musical genre has become an overall assessment. During the research developments was detected the expansion of hip hop in quite unusual places in Brazil, as in the case of an native village. Give visibility to the social and spatial identity of populations who inhabit segregated spaces was one of the guiding principles of this research. The method had as support the analysis of speech and content of lyrics previously selected. To prove this process we chose to use a very diverse body of theory that encompassed our inquietude. Lyrics of ten groups of rap produced in different geographical contexts were chosen for sampling. The groups' choice had as main guiding the diversity of the places where these compositions were made, where it was possible to demonstrate that such urban youth cultures has already become absorbed off-axis metropolitan Rio - São Paulo. It was possible to develop a reflection and analysis of the discursive practices that these contemporary rap groups are adopting in Brazil, which are inextricably linked to the uneven production process of space. The idea of the study was a dialog about the aspects conditions of production that these songs were made, as well as the rescue of its memoirs, with the intention of understanding the meaning of these tales built in relation to the population that inhabits these segregated spaces.

**KEYWORDS:** hip-hop, Rap, Globalization, low-income communities.

## Introdução

### 1.A motivação para esta pesquisa.

Sempre admirei a capacidade que a ciência geográfica tem no aspecto de poder observar as transformações que ocorrem no espaço e suas possíveis contribuições para nossa sociedade. Confesso que sempre tive um grande interesse também por outras áreas do conhecimento que trabalham em terrenos mais subjetivos, como por exemplo a música e o teatro, e sempre esperei ansiosamente um momento que eu pudesse demonstrar essa possível articulação de linguagens dentro da academia.

Muito antes de ingressar na universidade eu já havia vivenciado algumas práticas com grupos de teatro amador, e sempre pensei na possibilidade concreta de que um dia, em uma única oportunidade eu poderia somar a prática dos conhecimentos teatrais que possuo adquiridos ao longo da experiência vivida, com os conhecimentos teóricos que foram transmitidos através da minha formação acadêmica no curso de Licenciatura em geografia.

O passo inicial foi dado no ano de 2010 através do Projeto de Extensão Universitária “Cia. Teatral Bumba-Meu-Baco”<sup>1</sup>, coordenado pela professora antropóloga Dra. Bernadete de Castro<sup>2</sup>, que possibilitou a criação de uma peça de teatro e tinha como foco as “relações sociais contraditórias”. Na ocasião o trabalho finalizado chamava-se “*Algumas tramas urbanas*” (figura 1) Foi neste momento de criação da peça, com um grupo de alunos do Campus da Unesp, que nos debruçamos sobre a cultura do Movimento Hip Hop. Foi uma troca bastante rica, onde aprendi coisas incríveis sobre a periferia através do material que coletamos durante esse ano para produzirmos a peça.



**Figura 1:** Cartaz da peça “Algumas Tramas Urbanas (Fonte: Cia. Teatral Bumba-Meu-Baco Unesp)

<sup>1</sup> Grupo de teatro que foi criado e articulado na Unesp Campus de Rio Claro por mim no ano de 2005, e que posteriormente foi oficializado enquanto projeto de extensão oficial no ano de 2006.

<sup>2</sup> Professora Antropóloga Docente do DEPLAN-IGCE (Departamento de Planejamento e Geoprocessamento Territorial), responsável pelo projeto de teatro “Cia. Teatral bumba-meu-baco”.

É notório o quanto a extensão universitária ainda não é uma prioridade nas Universidades, tendo em vista toda a demanda que existe nas áreas de pesquisa e ensino. Por essas razões as apresentações da peça não tiveram continuidade, acabou sendo apresentada poucas vezes apenas para a comunidade acadêmica, e uma única apresentação para a comunidade da cidade de Rio Claro.

Além disso, os integrantes do grupo naquele momento (ano de 2010) eram estudantes de diversas áreas, não só do Curso de geografia, o que foi muito rico para nosso processo de criação, fazendo parte também do coletivo integrantes dos Cursos de Graduação de Física, Matemática, Ecologia, Biologia. Nesse sentido um aspecto a ser apontado é que a ausência de uma maior afinidade sobre temas prioritários (luta de classes, produção do espaço, desigualdade de renda) por parte de todos os integrantes, resultou no desinteresse de muitos, sendo que predominou em sua maioria os estudantes Geografia.

O processo de montagem da peça foi registrado, e teve como encaminhamento meu trabalho de conclusão de curso (TCC), orientado pelo professor Dr. Roberto Braga (Docente do DEPLAN-IGCE-Departamento de Planejamento e Geoprocessamento Territorial), que foi intitulado de *“Algumas tramas urbanas: Geografia, teatro e movimento hip hop como linguagens ,estratégias e possibilidades dramáticas no estudo da segregação sócio-espacial”*.

Após o término da graduação e escrita do TCC, que de certa forma tinha alguma proximidade com as questões do Hip Hop, sua relação com temas geográficos e pude constatar que ainda faltavam elementos para serem investigados, e que avia ainda muito material para trabalhar.

E foi justamente nesse movimento de visão e amadurecimento da minha trajetória acadêmica e pessoal que eram indissociáveis, que se sobrepôs uma vontade imensa de continuar com a pesquisa sobre o movimento hip hop, agora focando apenas com as letras de rap, por apresentar um corpus teórico mais acessível e não depender necessariamente de todo um grupo de extensão universitária, devido aos problemas citados anteriormente.

Outro fator determinante para que a pesquisa se desenvolvesse em torno dos assuntos referentes as culturas urbanas , decorre da influência que a cidade de Rio Claro possui no contexto paulista da cena do Movimento Hip Hop.

Percebi que a própria cidade em que eu havia passado ao menos 5 anos cursando a graduação em geografia, já tinha me dado material suficiente para começar a despertar minhas inquietações acerca dos elementos da cultura hip hop e a possibilidade de abordagem destes em uma pesquisa acadêmica, entretanto ainda não tinha definido qual objeto de estudo em específico para me aprofundar na pós graduação.

Consequentemente após essa fase de experimentação de linguagens, acreditei que as letras de rap seriam uma seara fértil para discutir algumas questões sobre a produção do espaço urbano a partir do ponto de vista dos pobres, dos excluídos socialmente e é a partir desses estímulos iniciais que tive curiosidade em continuar a pesquisar as letras de rap e elaborar esta dissertação.

## **2. Metodologia e distribuição dos capítulos**

Levando em consideração diferentes contextos geográficos do Brasil, este trabalho tem como principal objetivo a investigação das canções de 10 grupos de rap, que fazem parte da atual cena contemporânea Hip Hop do país, sendo eles: 1) Racionais MC's, 2) Z'afrika Brasil, 3) Projota, 4) Emicida e 5) Criolo (Grupos referentes a realidade urbana da cidade de São Paulo), 6) Faces da Morte, 7) Sub louco Coletividade (Grupos referentes a realidade urbana de cidades do interior do Estado de São Paulo), 8) Brô MC's (Grupo referente a reserva indígena de Dourados no Estado de Mato Grosso do Sul), 9) Opanijé (Grupo referente a realidade urbana de Salvador, Estado da Bahia) e 10) Rapadura Xique-Chico (Rapper proveniente da cidade de Brasília, Distrito Federal). Foram ao todo pesquisadas um total de 397 músicas, sendo que 30 foram utilizadas no corpus desta pesquisa. Todas as letras foram pesquisadas em um site específico, que possui um enorme acervo musical de letras musicais: <http://letras.mus.br/>, que foi acessado no período integral da pesquisa entre março de 2010 até janeiro de 2013.

Tais grupos foram selecionados com a intenção de contemplar a própria diversidade geográfica do país, sendo que tais coletivos musicais provém de diferentes contextos culturais e econômicos do Brasil.

Não descartamos aqui também o uso dos materiais que foram acumulados anteriormente no TCC e que de certa forma também vieram a anteceder essa pesquisa. Serão utilizados alguns trechos de entrevistas que foram cedidas durante o processo de montagem da peça de teatro citada anteriormente.

Durante o desenvolvendo do texto, iremos perceber que o Rap produzido no Brasil possui como característica que é peculiar, pois diferentemente do rap produzido nos EUA, os brasileiros se apropriaram da estética de uma forma bastante original, trazendo a tona em sua grande maioria uma insatisfação devido à desigualdade social.

Uma atividade especificamente humana, não encontrada em nenhuma outra espécie animal é a comunicação pela linguagem falada. Para se expressar através da fala, o homem

criou palavras, frases, metáforas e outras construções linguísticas; desenvolveu a linguagem verbal, utilizando códigos e símbolos, interagindo com o mundo e conquistando sua história.

A linguagem movimentou o homem e possibilitou a comunicação entre os povos, mediando as relações em múltiplos espaços simultâneos, manifestando e transmitindo de forma específica seus pensamentos, transformados em mensagens.

Tendo em vista todo o “universo paralelo” – a periferia – de onde provêm as inspirações para a produção dos Raps, para efeito de entendimento de suas inquietações, devemos olhar o movimento Hip Hop de uma forma mais abrangente a partir da “questão da linguagem”. Podemos considerar o movimento Hip Hop como uma ferramenta, que pode auxiliar na abertura de um diálogo mais sincero e direto com as minorias, compreendendo melhor a própria realidade das comunidades periféricas, através das produções das letras de rap, considerando essas experiências em sua maior parte como traumáticas, de um povo pobre e excluído.

O rapper não fala sobre a cidade de um lugar externo a ela. Como arte, o rap é uma “instalação” no domínio da música: ela ao mesmo tempo se estampa e é parte do urbano (ORLANDI, 2004, p.31)

Em sua grande maioria, as letras de rap trazem à tona um discurso insatisfeito, evocado na voz de um *narrador testemunho*. Uma regularidade presente na maior parte das letras são denúncias referentes ao processo de segregação socioespacial, fenômeno típico do meio urbano, que consiste em uma separação social e espacial, conforme determinados níveis de renda e, conseqüentemente, seus agrupamentos relativos. Atualmente, as principais áreas de concentração humana são os espaços urbanos.

É notório que a discussão teórica sobre a segregação socioespacial, feita por especialistas, tem uma visão muito parcial do problema em si e, também, muito técnica e distante da realidade da periferia. Em contraponto com essa prática acadêmica, que é muito hermética, os rappers oriundos do Movimento Hip Hop, fazem críticas bastante coerentes ao processo de segregação sob outra perspectiva, utilizando como estratégia de comunicação as letras de rap.

Assim, no primeiro capítulo faremos um percurso para entendermos como o movimento hip hop dos EUA foi absorvido pela cultura brasileira. Para entendermos esse processo será necessário recorrermos um pouco à historiografia a fim de resgarmos o legado do povo afro-brasileiro e sua mestiçagem, os quais irão influenciar nos objetivos e anseios do rap genuinamente brasileiro, com feições brasileiras.

Neste sentido, em relação aos problemas que emergem, ressoam e ecoam dentro da periferia brasileira, podemos considerar que a Universidade (Academia) possui uma visão de fora para dentro, a respeito do processo de segregação socioespacial, enquanto que os ativistas do movimento Hip Hop observam o processo de dentro para fora. Eles têm, efetivamente, mais condições críticas de analisar essa situação, uma vez que são os seus atores principais.

O rap funcionando como flagrante, tomado como instalação, é uma modalidade narrativa urbana, cujo lugar é o gueto. Tem sua forma material: o gesto, o lugar, a cena, as palavras, o som, os corpos. Sítio de significação. Concreto. Novo (ORLANDI, 2004, p. 31).

É através dos discursos proferidos pelos Mc's nos shows de Rap que esse estilo musical apresenta um instigante conteúdo para ser debatido e refletido pela população pobre; o rap nacional é direto, sem “rodeios” para denunciar as mazelas das minorias excluídas.

Para os ouvidos mais sensíveis e requintados, o rap pode soar como uma agressão, mas essa nova forma de protesto pela linguagem musical está ganhando cada vez mais espaço nas mídias, principalmente nas independentes.

Até meados da década de 90, para se veicular um CD ou algo similar, era necessário o apoio de uma gravadora, e contar com a propaganda das rádios. Hoje, entretanto, com as grandes mídias digitais assessoradas pela internet, basta apenas ter um pouco de desenvoltura tecnológica para produzir seu próprio CD, além de poder postar as faixas gravadas em sites de divulgação específica como o “myspace”, e nas “redes sociais”.

No capítulo 2, iremos discorrer sobre todas essas novas artimanhas e facetas da produção cultural contemporânea que está vinculada ao processo de globalização, e assim dialogaremos com as ideias do geógrafo Milton Santos, o qual sempre expôs o processo de Globalização com maestria, com um pensamento crítico. A globalização é um tema polêmico abrangendo vários níveis tais como o econômico, tecnológico, cultural e político. Embora seja um grande anseio da humanidade uma possível comunhão universal, ela está muito distante ainda de ser executada de uma forma que não seja perversa.

A priori, toda a temática que será desenvolvida aqui nesta dissertação, parte da curiosidade de investigação que temos pelos desdobramentos contemporâneos que o gênero musical “RAP” vem provocando na sociedade, como uma grande narrativa de insatisfação dos pobres e dos excluídos em nossa sociedade, representando neste sentido as minorias dos povos negros e indígenas no Brasil.

Sabemos que desde os anos de 1980, as inquietações desse movimento político e cultural já circulavam pelo Brasil, através da indústria cultural, em demasia nas periferias das

idades de São Paulo e Rio de Janeiro, que de certa forma foram as primeiras cidades brasileiras a absorverem a ideologia importada dos Estados Unidos da América.

Mas qual é a atual cena do Rap brasileiro? Aquele produzido no século XXI? Pois bem, passaram-se 30 anos e os desdobramentos que Movimento Hip Hop, em específico o Rap, assumiram formas e projeções incríveis no território brasileiro.

O Rap brasileiro é engajado, politizado, e sabe muito bem aonde quer chegar. Basta analisarmos o próprio contexto das letras produzidas atualmente para entendermos sua proposta.

O Hip Hop tornou-se tão globalizado quanto os problemas sociais atuais. Tais problemas ocorrentes no momento atual que o planeta vive, devem-se em grande medida ao fato de às normas virem de cima para baixo, dos que têm para os que não têm. Existe pobreza no mundo todo, ela se apresenta em escalas maiores ou menores de acordo com o nível de perversidade dos efeitos da globalização que estão impregnados em cada lugar.

## Capítulo I - Movimento Hip Hop, das Paisagens sonoras dos EUA para o BRASIL: um modo de vida adotado pelas periferias.

### 1.1.A população Negra: Resquícios da escravidão, revolta e traumas no século XXI.

*“Eu tenho orgulho da minha cor,  
Do meu cabelo e do meu nariz.  
Sou assim e sou feliz.  
Índio, caboclo, cafuso, crioulo! Sou brasileiro!”*

*Rapper Criolo*

O Território paulista, ocupado inicialmente pelos indígenas, foi colonizado pelos portugueses. Não é também nenhuma novidade que no século XVI os colonizadores trouxeram para cá os negros à força, que vieram trabalhar na condição de escravos. Posteriormente, vieram os imigrantes.

No Brasil, o movimento hip hop e o rap vão tomar feições particulares, próprias de demandas específicas apresentadas pelos afro-descendentes e pelo contexto brasileiro. Os raps podem ser entendidos como um tipo de apropriação que o rapper faz da palavra para poder tornar sua comunidade e suas histórias visíveis (VIANNA, 2008, p. 9)

Para pensarmos sobre a influência das letras de rap na sociedade atual é preciso refletir sobre a condição do povo negro no Brasil, retomando aqui um pouco sobre o legado dessa população remanescente de um intenso processo de escravidão. Nossa sociedade foi formada por uma grande mistura de elementos étnicos e culturais.

Sem qualquer condição prévia as populações negra e indígena de antemão já tiveram como experiência traumática seus primeiros contatos com os europeus:

A resistência dos povos indígenas ao processo de escravidão teve duas consequências notáveis: a sua massiva exterminação e a busca dos africanos que aqui foram deportados para cumprir o que os índios não puderam fazer. Assim abriu-se caminho ao tráfico negreiro que trouxe ao Brasil milhões de africanos que aqui foram escravizados. (...) A escravidão foi o meio que os portugueses encontraram para tirar mais lucro do Brasil. Além do tráfico e do comércio de algumas essências naturais, em especial o pau-brasil (que deu origem ao nome do país), eles recorreram também à agricultura de açúcar, na época um produto raro, comercializado pelos árabes e vendido em gramas a preço de ouro, como se vendem hoje os remédios nas farmácias. (MUNANGA, 2004, p. 16)



Posteriormente a cafeicultura, concentrada em São Paulo passou a receber muitos imigrantes, principalmente italianos, portugueses, alemães espanhóis e alemães. Mais tarde, a industrialização atrairia para o estado novos imigrantes. O Brasil é uma enorme mistura.

Para tratar os aspectos fundamentais da enorme mestiçagem brasileira, Ribeiro (1995, p.19) já havia se referido ao Brasil como “*um povo novo*”:

Novo porque surge como uma etnia nacional, diferenciada culturalmente de suas matrizes formadoras, fortemente mestiçada, dinamizada por uma cultura sincrética e singularizada pela redefinição de traços culturais dela oriundos. Também novo porque se vê a si mesmo e é visto como uma gente nova, um novo gênero humano diferente de quantos existam.

Além da “mão-de-obra serviçal”, vieram também agregadas a esse “povo novo” uma cultura que simplesmente transborda, um verdadeiro legado que ultrapassou barreiras continentais e ainda resiste na contemporaneidade:

De modo geral, o *atual povo brasileiro* é oriundo de quatro continentes: América, Europa, África e Ásia. Quando os primeiros portugueses pisaram nesta terra em 1500, eles encontraram no local u mosaico de centenas de nações ou grupos nativos a quem denominaram indistintamente de índios. (MUNANGA, 2004, p. 17)

Talvez seja esse o motivo de tantas lutas e pontos de vista que divergem bastante nos aspectos mais diversos desse povo tão misturado, que é o povo brasileiro. O artista Cândido Portinari retratou perfeitamente na sua obra “O Mestiço” (figura 2), os traços e fisionomia de quem seria esse povo novo e misturado, que não era genuinamente negro, nem índio muito menos europeu, mas sim o brasileiro que é fruto dessa mestiçagem:



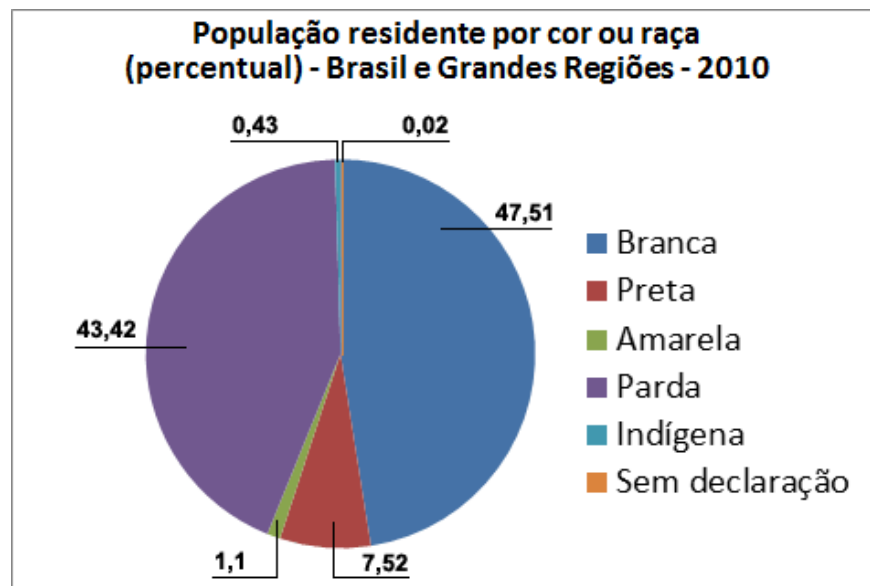
**Figura 2:** O mestiço – Cândido Portinari, 1934, óleo sobre tela.

Fonte: <http://www.tumblr.com/tagged/mesti%C3%A7o>

Em qualquer parte do país, onde se olha, sempre é notória a presença do negro no dia-a-dia. Os negros tem presença marcante em várias manifestações culturais brasileiras, sendo o símbolo maior da luta contra a escravidão no Brasil, Zumbi dos Palmares, que acabou se transformando herói do povo negro. Mesmo após abolição da escravatura os negros sofreram com o preconceito, com a pobreza e com a imposição de baixos salários.

Mesmo sabendo de toda essa negritude brasileira, quando os dados censitários são sistematizados pelo IBGE algo estranho acontece, sabemos que existe uma população negra, mas ela é tímida quando necessita se “autodeclarar” nos censos, vejamos o gráfico abaixo:

**Gráfico 1: População residente por cor ou raça (percentual) Brasil e Grandes Regiões - 2010**



Fonte: IBGE

Devido a todo apagamento da cultura afrobrasileira, os negros não se autodeclaram como negros, e os pardos irão acabar aparecendo em maioria, devido a “falta de identificação com as próprias origens”.

Com toda essa mistura, algo ficou opaco na memória desse povo novo, suas próprias raízes. Veremos a seguir que além de retomar a sua própria memória ancestral representada em algumas letras de rap, essas minorias tanto a indígena, quanto a população negra vai passar por um processo de revalorização das próprias origens, de seus próprios espaços que foram apagados pelas políticas de branqueamento racial do País.

Sobre esses mecanismos dos valores da cultura negra Souza (2007), com muita propriedade nos trás alguns apontamentos possíveis sobre essa retomada de consciência, dessas minorias, vejamos:

Os afrobrasileiros que tinham mais estudo e consciência das desigualdades sociais, e que geralmente moravam nas cidades maiores, se afastaram, porém, das tradições dos seus antepassados e assimilaram os valores dos grupos sociais aos quais queriam se integrar. Para conquistar lugares equivalentes aos que os ditos brancos ocupavam, os negros assumiam os valores dominantes, deixavam de lado suas tradições com características africanas e se desinteressavam de coisas que um dia fizeram parte de sua história.(p. 126)

Neste sentido, o movimento hip hop em específico em suas letras de rap vai cumprir um papel social fenomenal retomando as memórias que ora foram apagadas pelo processo doloroso que a população negra passou, fazendo com que essas novas memórias sejam selecionadas de uma forma positiva, se não pelo menos convidativa para uma reflexão, vejamos a transcrição da letra “Voz Ativa<sup>3</sup>” do grupo Racionais Mc’s:

Não quero ser o Mandela  
 Apenas dar um exemplo  
 Não sei se você me entende  
 Mas eu lamento que,  
 Irmãos convivam com isso naturalmente  
 Não proponho ódio, porém  
 Acho incrível que o nosso compromisso  
 Já esteja nesse nível  
 Mas Racionais, diferentes nunca iguais  
*Afrodinamicamente* mantendo nossa honra viva  
 Sabedoria de rua  
 O RAP mais expressiva(E ai...)  
 A juventude negra agora tem a voz ativa(Pode crer)

A voz ativa se faz presente, convidando, cobrando lembrando um despertar de consciência da autoimagem do povo negro. Consecutivamente vai ser essa dinâmica que assumiremos aqui, a de dar um tom explicativo as letras, analisá-las, comentá-las. Sequencialmente aqui nesta pesquisa, iremos apontar como que através dessas produções e criações artísticas das letras de rap poderão aparecer basicamente 3 aspectos em seus conteúdos:

---

<sup>3</sup> Todas as letras apresentadas em fragmentos ao longo do trabalho aparecerão integralmente transcritas na sessão de anexos dessa dissertação.

- 1) Produção artística (caráter estético)
- 2) Conduta social (caráter ideológico)
- 3) Produção do espaço (aspecto geográfico).

Ao testemunhar, o rapper narrador anseia pela inclusão de seu interlocutor em suas violentas que, ao serem narradas passam a ocupar a condição de experiência vivida e tornam o indivíduo capaz de, ao mesmo tempo, contruir-se e destruir-se. (VIANNA, 2008, p.7).Nessa retomada de memórias que posteriormente será melhor detalhada no 2.3, onde será feito a análise das musicas selecionadas.

Segundo Hall (2011, p. 51), as culturas nacionais são compostas não apenas de instituições culturais, mas também de símbolos e representações. No caso da linguagem que é utilizada na produção dos raps brasileiros, esse exemplo cabe perfeitamente, tendo em vista as condições em que foi produzido tal material artístico: A periferia. Um espaço com amostras infundáveis de símbolos e representações. Tais símbolos e representações costumam vir a tona, de uma forma traumática. Pois, a maior parte dos relatos são de sofrimento, relatos de memórias de um povo sofrido que habita os espaços segregados no Brasil .

Quais histórias sobram para contar nesses espaços segregados no Brasil? Quem conta muito bem esses relatos hoje em dia são os Rappers. Sim , esses jovens com microfone na mão que cantam músicas agressivas com batidas de samplers, sintetizadores e as vezes acompanhados de dançarinos que se mexem como que se seus corpos fossem quebrar.

A idéia geral aqui nesta pesquisa foi tecer aqui situações que percorrem entre memórias e espaços. Tentar dialogar com as paisagens sonoras contemporâneas que habitam o Brasil globalizado do século XXI.

Considerando que, segundo o IBGE (Instituto de Geografia e Estatística), cerca de 50,5 milhões de brasileiros têm entre 15 e 29 anos, representando  $\frac{1}{4}$  da população do país. Destes, 45 milhões de jovens estão nas classes C, D e E imersos em realidades sócio-econômicas desfavoráveis que impactam fortemente em suas potencialidades de vida.

Até a década de 1930 do século XX a juventude foi considerada uma categoria de pouca relevância social, contudo, a popularização do rádio, da indústria fonográfica e do cinema ajudou a fazer das experiências juvenis um novo e inquietante estilo de vida.

De acordo com a lei 10.639, que prevê o ensino de historia e cultura afro-brasileiras (nos níveis médio e fundamental das escolas publicas e particulares), acreditamos que ser coerente associar uma pesquisa que remete as linguagens das culturas juvenis

contemporâneas, como o movimento hip hop, tendo em vista que os conteúdos das letras produzidas em sua grande maioria gravitam em torno de problemas do cotidiano exatamente destes mesmos jovens e excluídos que habitam essas periferias, sendo na maioria negros e invisíveis. Podemos considerar o movimento Hip Hop como uma ferramenta, que pode auxiliar a abrir um diálogo mais sincero e direto com as minorias, neste contexto compreendendo melhor a própria realidade das comunidades periféricas através das produções das letras de rap.

No Brasil, a música impôs também sensíveis alterações na agenda pública e apresentou, no final do século XX, os rappers como os principais porta-vozes das demandas dos jovens periféricos.

O debate sobre a segregação sócio-espacial é um tema que tem muitas possibilidades de abordagem, por ser uma temática que pode dialogar com várias áreas correlatas do conhecimento. A Geografia, é uma dessas áreas do conhecimento, que pode colaborar muito com essa discussão, devido ao seu ponto de vista diferenciado do qual é seu objeto de estudo: o espaço geográfico.

Podemos considerar a rotina da periferia urbana brasileira, como o “espaço do acontecer”, uma espécie de matéria prima para a criação de raps, transformando a experiência vivida em poesia musical, utilizando como estratégia de comunicação a os “eventos” que são produzidos nesses lugares. A música nesse contexto é uma forte estratégia para denunciar e reivindicar os problemas mais clássicos desses subúrbios, que são: o combate a violência, tráfico de drogas, preconceito racial, falta de saneamento básico, moradias inadequadas além da falta de atividades culturais oferecidas pelos órgãos públicos cabíveis.

De acordo com SOUSA (2009, p.9):

Ao cantar as mazelas e o desconforto do mundo circundante, os rappers encontram ressonância junto as suas comunidades para criticar alguns dos pilares de sustentação da cultura Ocidental: Democracia, Liberdade, Justiça e Cidadania. Evidenciam, assim, a pouca importância e o pouco significado que estes conceitos têm para as suas vidas.

Através da experiência vivida pelos adeptos do Movimento Hip-Hop residentes nas comunidades periféricas, a utilização de uma linguagem do cotidiano, como gírias e expressões locais podem causar estranheza para quem ouve a música: afinal, toda produção

artística origina-se de um determinado lugar, logo, a linguagem do hip hop é a linguagem do seu lugar, do seu território.

## 1.2. Compreendendo os elementos da Cultura Hip Hop

O hip hop é uma corrente cultural profundamente dominada por homens. As concepções desse universo possuem claras tendências machistas, dado que raramente surge uma mulher como figura principal no texto de um rap. A violência que de fato fazia parte do cotidiano nos bairros de Nova Iorque nos anos 60-70 estava mais do que presente, afastando um pouco também as garotas desse contexto. No Brasil a realidade não vai ser muito diferente da norte americana.

É comum encontrarmos publicações sobre juventude e culturas juvenis que compreendem a categoria de juventude como um todo, ou seja, não fazem distinção entre jovens adolescentes do sexo feminino e masculino. (WELLER, 2006, p. 112).

Um fato bastante interessante a se pensar, é que os 4 elementos da cultura hip hop estavam acontecendo simultaneamente nos EUA, mas os americanos não haviam notado com clareza a somatória de todas essas atividades, as quais são: 1) Mc+ Rap, 2) DJ, 3) Graffiti, 4) Break (dança). Tal somatória caracteriza a cultura hip hop, portanto nos EUA tudo estava acontecendo, mas ninguém tinha atribuído ainda o nome de “movimento hip hop” a todos esses fatores culturais que estavam surgindo nas ruas de Nova Iorque. É então posteriormente que o DJ “Afrika Bambaataa” vai oficialmente “batizar” essa cena cultural, intitulando-a de “Movimento Hip Hop”, que é praticamente uma onomatopeia com a intenção de querer dizer “mexa os quadris”.

### O Mc, o Dj e o Rap

A palavra rap vem do inglês *rhythm and poetry*, que significa “ritmo e poesia”. O ritmo é dado pela base musical, enquanto a melodia é dada pelo rap, que depende diretamente da forma como a letra vai ser construída.

No caso dos raps, vale destacar que é como se, ele se posicionasse como observador daquilo que relata e, por vezes, fosse parte integrante de suas observações. Ao manter certa distância do narrador, é possível observar-lhes os traços conhecidos com mais facilidade, os traços que se destacam nele.

O rapper-narrador construído pelo grupo vai colocar a necessidade de aceitação da condição de negro, a exaltação da cultura negra, e finalmente, a consciência da alteridade constitutiva existente entre brancos e negros que

impossibilita a existência de uma identidade negra “pura”, isolada do contato ou da contaminação pela cultura branca e vai também tornar pública a vivência cotidiana de toda a comunidade negra periférica que representa.(VIANNA, 2008, p. 17)

Os pioneiros do Movimento Hip Hop nos Estados Unidos da América, foram os maiores agitadores culturais desta “cena da cultura de rua”, podemos dizer que eles são considerados os precursores do rap, em que se destacam: Kool Herc, Grandmaster Flash e Afrika Bambaataa (figuras 3,4 e 5). Os três desempenhavam simultaneamente as funções de DJ (Disc Jockey) e MC (mestre de cerimônias).

Afrika Bambaataa (figura 5) e Grandmaster Flash (figura 4), foram os primeiros a pensar em produzir material sonoro e veiculá-los nas rádios nos Estados Unidos da América, através do lançamento de LP (Long Plays), sendo que a partir dessa iniciativa se tornaram conhecidos devido a repercussão que os discos tiveram nas rádios.



**Figura 3:** : Kool Herc

Fonte: <http://bboylegends.com/the-legend-of-dj-kool-herc/>



**Figura 4:** Grandmaster Flash

Fonte: <http://lumdium.com/tag/grand-master-flash/>



**Figura 5:** Afrika Bambaataa . Fonte:

<http://namiradogroove.com.br/showsfestivais/urban-music-festival-traz-afrika-bambaataa-john-legend-cee-lo-green-e-quem-sabe-primal-scream>

Posteriormente a indústria cultural vai absorver a prática dos DJ's como profissão muito ligada ao entretenimento e festas chamadas de Raves a partir dos anos 90, fazendo uma transição da Black music original para a música eletrônica.

O primeiro Rap que veio a ser gravado no Brasil, foi uma versão de Rapper's Delight do Sugarhill Gang, gravado pelo comediante Mielle. (VIANNA, 2008, p. 36).



## O Graffite

O graffiti (figura 4) é uma forma de apropriação da cidade. É a maneira pela qual o Movimento Hip Hop se mostra mais claramente e de modo mais duradouro para toda a população. Mas ainda não existe efetivamente uma articulação dos artistas, no sentido de lutar pela permanência dessas obras de arte, principalmente nos *espaços privados*.



**Figura 4:** “RG EXPO LIVE ART”, cidade de Rio Claro  
Fonte: Acervo do autor

Polêmicas a parte principalmente para os leigos que confundem os graffiti feitos pelos integrantes do movimento hip hop com o vandalismo das pichações, ainda há muita falta de informação para que as pessoas da sociedade civil possam compreender melhor essa situação:

A pichação e o graffiti usam o mesmo suporte, a cidade, e o mesmo material, tintas. Assim como o graffiti, a pichação interfere no espaço, subverte valores, é espontânea, gratuita e efêmera. As pichações são freqüentemente encontradas em espaços internos, como pátios escolares e banheiros públicos<sup>1</sup>, além de ambientes freqüentados por uma coletividade, tais como escolas e centros comunitários. Uma das diferenças fundamentais entre o graffiti e a pichação é que o primeiro advém das artes plásticas e o segundo da escrita, ou seja, o graffiti privilegia a imagem, enquanto a pichação, a palavra e/ou a letra. (GARCIA, 2007, p. 4)

Aqui no Brasil ficou marcado em nossa memória o incidente que aconteceu durante a *Bienal de Artes plásticas* do ano de 2008, que na ocasião foi invadida por um grupo de pichadores que fizeram uma intervenção de protesto, escrevendo nas belas curvas arquitetônicas de Oscar Niemeyer palavras de protesto, exigindo a legitimação de sua arte, conforme ilustrado na figura 5.



**Figura 5:** Pichação na Bienal de Artes Plásticas de 2008

Fonte: <http://www.estadao.com.br/noticias/geral.pichadora-da-bienal-e-condenada-a-4-anos-de-detencao.441491.0.htm>

Os desenhos de graffiti também se tornaram enfoque de pesquisas acadêmicas, como objetos de investigação devido a uma série de fatores. Atualmente a arte de grafitar é considerada uma forma de expressão artística, mas já foi duramente reprimida no Brasil:

A arte de grafitar foi, durante muito tempo, duramente combatida, pois era vista como um ato de vandalismo e um crime contra o patrimônio público ou privado, sofrendo, por causa disso uma forte repressão policial. Essa situação encontra-se hoje bastante amenizada, pois o grafite conseguiu ganhar legitimidade como arte, e por isso, é mais tolerado, tanto pelas administrações públicas como pelos proprietários particulares. Um dos fatores que levou a criminalização do grafite foi o fato de ele ser confundido com a simples pichação, que é uma atividade muito diferente do grafite e que pouco ou nada tem a ver com arte.<sup>4</sup>

Se compararmos as clássicas obras de arte do pintor alemão Johann Moritz Rugendas (figura 7), que já ilustraram muitos livros didáticos no Brasil, com a atual produção de graffiti, chegaremos a conclusões bem interessantes: na obra de Rugendas podemos notar a presença de “imagens estigmatizadas” dos maus tratos sofridos pela população negra

<sup>4</sup> SOUZA, Marcelo Lopes de & RODRIGUES, Glauco Bruce. **Planejamento Urbano e ativismos sociais**. Rio de Janeiro, Editora Unesp, 2005.

escravocrata , enquanto que nos populares graffitis atuais, o negro coloca-se como protagonista de sua arte, e não apenas como mero coadjuvante (figura 8).



**Figura 7:** Punições Públicas

Fonte: <http://www.projeto memoria.art.br/JoaoCandido/biografia4.html>



**Figura 8:** TÍTULO DA FIGURA

Fonte: <http://funwebtest.epfl.ch/site2005/Smayemba/images/multiple-rappers.gif>

O grafite que até então emergiu no contexto do Movimento Hip Hop, ainda é uma forma de extrapolar e desencourçar as qualidades estéticas e artísticas dos excluídos, expondo com cores, traços e linhas toda a auto-estima subjetivada nessa técnica.

A arte de graffitar se explica como a própria persistência e afirmação estética de uma cultura (excluída) que se impôs para modificar seu passado, transformando-o num presente muito mais colorido e próspero.

Nesse processo de exclusão, como alternativa de protesto o Movimento Hip Hop através dos militantes engajados tornou-se uma ferramenta essencial de reivindicação e protesto, sendo uma voz popular representativa, uma espécie de tribuna popular contemporânea, mesmo que eventualmente tenha que se impor espacialmente, afinal de contas é um saber urbano contemporâneo e criativo.

### **O Break**

No Brasil, especificamente, a apropriação da cidade alcançou proporções que extravasaram o limite da periferia. O dançarino de rua conquistou livre acesso às localidades populares urbanas, invadindo centros culturais, espaços artísticos, áreas de lazer e locais centrais de trânsito urbano (ALVES, F. S. 2004, p. 4)

Percebe-se no contexto da dança do movimento hip hop que existe uma ocupação simbólica feita pelos dançarinos, os quais muitas vezes se descolam da periferia para ocupar as regiões centrais, o dançarino de rua experimenta a cidade à sua maneira, entrelaçando sua forma autêntica de expressão corporal com a sensação de estranhamento que ele sente na sua relação com a cidade e na sua relação com seu próprio corpo.(idem, p. 3)

Tendo em vista a ocupação simbólica que este momento de dançar permite acontecer em sua subjetividade, podemos considerá-lo como a instância mais efêmera do movimento Hip Hop.

Sem dúvida, a criatividade e resistência máxima do movimento hip hop está inserida no contexto vivenciado pelos B. Boys que praticam a dança *break*. “Sendo um dos componentes fundamentais do movimento hip hop pelo fato de que “O b-boy (dançarino de break), ocupa um espaço da cidade, reafirmando, com o corpo, sua existência. O break deixa as favelas e periferias e vai se apropriar dos espaços públicos da cidade: praças, ruas, estações de metrô” (SOUZA e RODRIGUES, 2005).

Um dos motivos do surgimento do break, deve-se a importância análoga que foi atribuída a alguns de seus movimentos, inspirados em fatos marcantes para a humanidade, diz-se por exemplo que alguns de seus passos foram inspirados na Guerra do Vietnã, como, por exemplo, a maneira de os dançarinos mexerem os membros inferiores e superiores, como se estivessem quebrados. Com essa coreografia eles lembravam os mutilados daquela guerra,



mas de uma maneira bastante criativa. O rodopio de cabeça para baixo, por exemplo, tinha como objetivo remeter à imagem dos helicópteros que foram muito utilizados nos ataques americanos ao território do Vietnã do Norte.

É importante ressaltar, que esta atividade de dança está impregnada de reforços positivos, proporcionando sempre um novo caminho de abertura para que os praticantes tenham uma vida mais saudável e demarquem subjetivamente seus territórios existenciais, além de ser muito prazerosa para quem é espectador de uma manifestação cultural tão dinâmica e empolgante como essa, como encontra-se evidenciado na **figura 9**.



**Figura 9:** B. Boys reunidos no coreto da praça central em Rio Claro

(Fonte: Jornal da Cidade 02/02/2011)

### 1.3. Cultura Hip Hop dos EUA para o BRASIL: um modo de vida adotado pelas periferias.

O processo de globalização está cada vez mais notório em nossa sociedade, interferindo em vários aspectos econômicos, políticos e culturais. Basta andarmos por alguns instantes em qualquer metrópole do mundo para vermos esses efeitos se concretizarem, uma mistura total de estilos, vestuário, indumentárias, sotaques, tudo pulverizado.

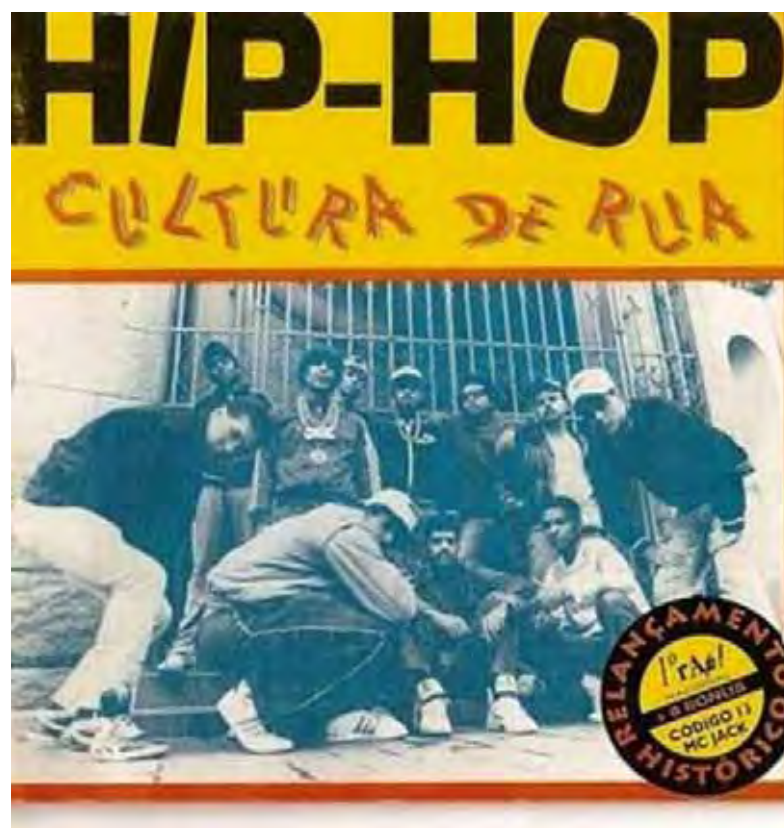
Em meados de 1970, em um cenário hostil de crises políticas e econômicas, a guerra no vietnã levou jovens jamaicanos aos Estados Unidos – principalmente para os bairros pobres de grandes cidades como Nova York e Los Angeles - , somando esses jovens aos latinos e aos descendentes de escravos africanos. Em sua bagagem, os jamaicanos traziam o *toasting*, um estilo musical semelhante ao reggae. Na Jamaica esse estilo era disseminado unindo pessoas em locais públicos com carros equipados com um som potente; as letras consistiam em pequenas rimas improvisadas (*free style*) , com um certo teor político. Nesta época, a insatisfação dos imigrantes e do povo marginalizado era traduzida em manifestações como a de pegar aparelhos de som e coloca-los em frente de suas casas, nos quais gritavam ao microfone palavras de ordem pautadas principalmente nas idéias de Malcom X, Martin Luther King, Panteras Negras, e ao som de bases contínuas de discos como os de James Brown. Surge o **RAP**, que significa “batida” em inglês.. O rap é responsável por dois elementos do hip-hop: o que pega no microfone para rimar – MC (mestre de cerimônia) – e o que cuida do som para garantir a base contínua – o DJ (disk jockey).

Essa difusão cultural da estética do hip hop dos EUA para o Brasil pode ser associada ao conceito de paisagem sonora que SCHAFER (2001, p. 23) utiliza: “A paisagem sonora é qualquer campo de estudo acústico. Podemos referir-nos a uma composição musical, a um programa de rádio ou mesmo um ambiente acústico como paisagens sonoras”. Além da questão artística, temos que agregar a este conceito de paisagem sonora a produção do espaço urbano também, que é o lado crítico da questão. Nesse sentido, para o presente estudo foram imprescindíveis as leituras dos autores FELIX (2005), SOUSA (2009) e HERSCHMANN, (2005), que trazem um panorama bastante preciso sobre a atual cena musical do RAP Brasileiro.

É unânime entre os que se debruçaram para pesquisar o movimento hip hop no Brasil, que a principal cidade que influenciou esse estilo ligado as culturas juvenis em nosso país foi a cidade de São Paulo, inclusive a primeira tentativa de reunir um coletivo com a intenção de lançar um disco de Rap, foi na metrópole paulista. “Hip Hop Cultura de Rua” (**figura 10**) foi a primeira coletânea de rap brasileira, lançada em 1988. Além da famosa dupla Thaíde e DJ

Hum, foram lançados os grupos Código 13, MC Jack, e o Credo. Os produtores da dupla citada foram Nasi e André Jung, ambos da banda de rock Ira , Akira S produziu MC Jack e código 13. O Credo havia sido convidado pela gravadora Eldorado para gravar um LP Solo, como não haviam músicas suficientes, convidaram mais grupos para participarem da coletânea. Os idealizadores do LP foram Ruberval Marcelo (MC Who, d'o Credo), Gilson Fernandes e Vagner Garcia, da Gravadora Eldorado.

É curioso perceber que o primeiro disco de rap no Brasil foi produzido tecnicamente por roqueiros, demonstrando nitidamente que as coisas ainda estavam por vir aqui no Brasil.



**Figura 10:** Capa do Disco “Hip Hop Cultura de Rua”, de 1988.

Fonte:[http://3.bp.blogspot.com/\\_76hc1HkzNCo/S601-u49rZI/AAAAAAACCc/-038rbPJBLk/s1600/hip\\_hop\\_cultura\\_de\\_rua.jpg](http://3.bp.blogspot.com/_76hc1HkzNCo/S601-u49rZI/AAAAAAACCc/-038rbPJBLk/s1600/hip_hop_cultura_de_rua.jpg)

## Capítulo 2- As letras de Rap que representam as minorias étnorraciais, encontros e desencontros no processo de Segregação Sócio Espacial.

### 2.1. Ativismo Urbano Brasileiro

Compreendemos que a paisagem urbana é a forma pela qual o fenômeno urbano se manifesta. E são exatamente estes fenômenos que nos interessam, em específico quando compreendemos o espaço urbano também como um espaço de “produto de lutas” (CARLOS,1994),:

Nesse contexto a discussão do urbano transcende a idéia de cidade enquanto aglomeração de capitais, supera a discussão da cidade e/ou espaço do capital. Esse encaminhamento permite pensar o espaço também como produto de lutas, fruto de relações sociais contraditórias, criadas e aprofundadas pelo desenvolvimento do capital. Assim, no embate entre o que é bom para o capital e o que é bom para a sociedade hoje, o urbano se produz, a cidade se estrutura e a paisagem urbana ganha sua configuração. (idem, p. 71)

No final dos anos 70, a imunização contra o pragmatismo descritivo da Geografia assume a forma de uma concepção estrutural de sociedade e de espaço cujo foco das análises dirigia-se para as contradições, os conflitos e os *antagonismos* inerentes aos movimentos da estrutura social. (GODOY, 2005, p. 44).

SOUZA (2006, p. 273-274) retoma o debate sobre esses “antagonismos” presentes no contexto dos ativismos sociais, e traz para esta discussão o ponto de vista da sociedade civil que reivindica e se opõe aos planejadores e gestores como um importante agente *modelador do espaço urbano*, e nos traz algumas considerações muito importantes sobre as literaturas produzidas em torno deste assunto, vejamos:

No Brasil, em particular, onde a literatura sobre os movimentos sociais urbanos produzida nos anos 70 e 80 caracterizou-se fortemente por empirismo e escassez (ou rarefação analítica) de referenciais teóricos, além de inconsistências e pouco vigor político-filosófico (simpatia um tanto ingênua por quase quaisquer “movimentos populares urbanos”), praticamente “tudo” passou a ser denominado movimento social: de uma organização paroquial e puramente reivindicativa de bairro ou favela, às vezes até criada e/ou manipulada por políticos clientelistas, até organizações e mobilizações muito mais abrangentes, contestárias e capazes de contextualizar os problemas urbanos dentro de preocupações com a política e a economia em escalas supralocais.



Com a tentativa de fazer uma reorganização conceitual, o autor citado nos chama a atenção para algumas diferenças tênues que existem entre ativismos sociais e movimentos sociais:

*Os ativismos sociais* (ou ativismos, simplesmente para evitar redundância) são um conjunto mais amplo de ações públicas organizadas, do qual os *movimentos sociais* seriam um subconjunto. Os ativismos, como ações públicas organizadas e relativamente duradouras, diferenciam-se de ações coletivas efêmeras e pouco organizadas ou desorganizadas, como quebra-quebras (“vandalismo de protesto”), saques e outras; e, como ações públicas, em sentido forte, diferenciam-se tanto da criminalidade ordinária (mesmo organizada) e de organizações terroristas, quanto de grupos de pressão e lobbies em sentido restrito, que tendem a atuar nos “corredores do poder estatal”, pressionando parlamentares ou administradores públicos e articulando tráfico de influências, entre outras atividades que não são propriamente públicas. Os movimentos sociais, de sua parte, seriam uma modalidade especialmente crítica e ambiciosa de ativismo social, distinta de ativismos “paroquiais”. Estes encaminham reivindicações pontuais, sem articula-las com questionamentos mais profundos, relativos a problemas nacionais e internacionais, e sem construir pontes entre a conjuntura, cujo domínio não ultrapassam, e as estruturas, que não chegam a tematizar. São, não raro, prisioneiros do ou contaminados pelo clientelismo. (SOUZA, 2006, p. 278)

Toda ação relacionada a palavra “movimento” já está previamente associada ao “ato de mover-se”, ou então “deslocamento”, “revolta”, já existe um contexto do “mexer-se”. Sob o ponto de vista da insatisfação das camadas populares menos favorecidas, a idéia de mobilização aparece como uma constante. Entretanto, a idéia neste capítulo não é fazer uma cronologia da história dos ativismos sociais.

Para pontuar como aconteceu o surgimento do movimento hip hop, enquanto uma forma de protesto e insatisfação dos pobres, reafirmamos o sentido crítico e ambicioso que o autor supramencionado propõe quando se refere aos movimentos sociais, criticando ainda a questão dos movimentos de bases locais que apresentam um tom paroquial, limitados em si mesmos, e nos chama a atenção para o movimento hip hop, vejamos:

Um ativismo de base local pode ter uma agenda manifesta ou latente bastante crítica. E mais: um ativismo de base local pode ter como veículo de protesto manifestações culturais, em vez de ser, em sentido banal, “reivindicativo”. Tome-se como, ilustração, um grupo jovem qualquer, dos vários que existem

nas favelas e periferias das grandes cidades brasileiras, que, embebido na cultura hip-hop, se organiza para compor, discutir e, a partir daí divulgar suas mensagens anti-racistas e de protesto por meio da música e do grafite. (p.280)

Os ativismos urbanos se manifestam de formas diferenciadas na contemporaneidade, em diferentes escalas de mobilizações, podendo variar entre ativismos urbanos com sentido “estrito e forte”, ou mesmo ativismos urbanos em sentido “amplo ou fraco”, de acordo com Souza (2006, p. 280-281):

*Ativismos urbanos em sentido estrito e forte* giram muito nítida e explicitamente em torno de problemas diretamente vinculados ao espaço social. A questão do acesso a equipamentos de consumo coletivo e, mais abrangentemente, as condições de reprodução da força de trabalho assumem, aqui, importância central. Trata-se de um tipo de ativismo que tem origem em um clamor pelo direito a cidade: **luta por moradia**<sup>5</sup> e por infra-estrutura técnica e social, luta por regularização fundiária e desestigmatização de **espaços segregados**<sup>6</sup>, luta por um maior acesso a equipamentos de consumo coletivo; enfim, luta por um espaço urbano mais agradável, mais “convivial” e menos injusto. Exemplos de ativismos urbanos stricto sensu são o ativismo de bairro convencional e os ativismos de ocupantes de imóveis (terrenos, casas ou apartamentos) vazios ou abandonados (squatting movement). *Ativismos urbanos em sentido amplo e fraco*, de sua parte, são aqueles que, embora tenham as cidades como seu palco preferencial (e, às vezes, quase exclusivo), se referenciam apenas indiretamente pela espacialidade urbana. Sua existência gravita em torno de questões “setoriais” (melhores condições de trabalho e resistência contra a exploração e a opressão na esfera da produção, luta contra as desigualdades e injustiças de gênero etc) ainda que a organização espacial dos ativismos possa ser sofisticada e os vínculos com as questões diretamente espaciais possam vir a ser bem percebidos (por exemplo, no caso do ativismo negro que não deixa escapar a relação discriminação social/segregação e estigmatização espaciais).

Nas definições conceituais apresentadas por Souza (2006), podemos conceber então que o movimento hip hop, é um ativismo *estrito e forte*, pelo fato de que a sua grande bandeira de luta são fatos e ações correlatas a um cotidiano que é vinculado ao espaço social.

Avançando ainda mais esta discussão, o autor nos apresenta outros possíveis desdobramentos conceituais, em relação a esta “escala” dos ativismos urbanos, classificando-os da seguinte forma:

---

<sup>5</sup> Grifo nosso.

<sup>6</sup> Grifo nosso.

- 1) “Mero” ativismo urbano em sentido fraco (por exemplo, um sindicato operatório afinado com o estilo do “sindicalismo de resultados”, desinteressado de ou não sintonizado com uma crítica social ampla).
- 2) “Mero” ativismo urbano em sentido forte (por exemplo, uma associação de moradores completamente paroquial e refém de clientelismo).
- 3) Movimento social urbano em sentido fraco (por exemplo, um movimento organizado em torno da resistência contra a globalização capitalista, seus pressupostos e seus efeitos).
- 4) Movimento social urbano em sentido forte (por exemplo, um squatting movement capaz de costurar diferentes questões, politizando amplamente a problemática da ocupação de imóveis mantidos vazios por razões especulativas e lutando para humanizar o espaço urbano e desenvolver um novo tipo de vínculo entre os moradores e seus espaços residenciais). (SOUZA, 2006, p. 281)

Para contextualizar historicamente o Brasil nos movimentos sociais urbanos, é necessário recorrermos à essência de suas temporalidades, fazendo uma análise entre a prática desses atores em contraponto com os momentos históricos vivenciados pela população brasileira, SOUZA (2006, p. 182). Assim, Buscando periodizar, extrair algumas lições de experiência brasileira da prática dos ativismos sociais e do seu estudo acadêmico, identificam-se os seguintes quadros conjunturais:

- 1) Dos *anos 70 até a primeira metade dos anos 80* tem-se o auge dos chamados “novos movimentos”. A “abertura política” durante os governos dos generais Geisel e Figueredo dá ensejo a uma retomada dos protestos e a uma (re) constituição da mobilização social, de favelas e periferias a bairros e classe média.
- 2) Na *segunda metade dos anos 80* o sentimento de crise se instala, crise essa motivada por uma confluência de variados fatores (vide SOUZA, 2000<sup>a</sup>: 145 e segs.). A essa crise muitos pesquisadores universitários começaram a responder desinteressando-se do tema dos ativismos (vide crítica em SOUZA, 1988b) ou, também, simplesmente substituindo o estudo dos ativismos pela análise das políticas públicas e dos canais participativos estatais e trocando a reflexão sobre as práticas sociais pelo exame dos formatos organizativos (temática das redes), conforme apontou RIBEIRO (1991:96 e 2001:10).
- 3) Dos *anos 90 em diante* alastra-se a crise, que, poderia talvez, ser caracterizada com um “estado de coma”. As organizações dos ativismos, quando não definida, entram em colapso e retrocedem a uma espécie de miserável “vida vegetativa” (caso não apenas de incontáveis associações em escala microlocal, mas também de federações municipais e estaduais), começando a tentar mimetizar o “formato ONG” (Caso de algumas federações

de associações de moradores) ou escorar-se em articulações com o Estado e em canais participativos oficiais para tentar sobreviver. (p.282)

É possível perceber que não é gratuitamente que exatamente nos anos 80, o movimento hip hop vai poder criar suas raízes aqui no Brasil, devido aos movimentos populares de redemocratização do país, onde as massas estavam em ebulição por conta do movimento que foi alavancado pelas diretas já.

## **2.2 Contribuições da teoria da análise de discurso para uma análise geográfica das letras de rap: Língua, Cultura e Espaço na perspectiva discursiva**

Nossa intenção aqui não foi realizar um estudo específico sobre linguística, mas sim verificar as aproximações que a teoria de análise de discurso e análise de conteúdo podem fazer com a ciência geográfica interpretarmos as condições de produção dessas letras de rap, originadas nos espaços periféricos, tendo em vista que todo *saber* tem em específico alguma relação de *poder*, optamos aqui por usar como escopo a teoria de análise de discurso para analisarmos as letras, lembrando que o que vai predominar na questão da análise são as subjetividades presentes nas entrelinhas das músicas, sua relação entre o inconsciente e a ideologia dos interlocutores que estamos analisando: as letras de rap.

Essa questão do saber e do poder tem uma conexão muito forte com nossa sociedade, ora podemos dar visibilidade a determinados assuntos, ora podemos apagá-los. Em nossa pesquisa temos a intenção de dar visibilidade a rap, propor aqui encaminhamentos dentro da universidade para que as elites pensantes enxerguem a produção cultural e artística das minorias de uma forma positiva, valorizando esse processo de criação da periferia, e desconstruam o olhar viciado que possuem sobre a favela.

Um conceito importante é o do *silenciamento*, que consiste no *apagamento* da presença negra na memória da história brasileira. Orlandi (1995, p. 58) fala sobre o silêncio e a exclusão, focalizando outro apagamento: o do indígena. Ela se pergunta: “como o índio foi excluído da língua e da identidade nacional brasileira?”. De fato, assegura Orlandi, o índio é silenciado, não fala nos textos tomados como documentos. No entanto, é mencionado pelos missionários, cientistas e políticos. Para compreender o silêncio, é preciso compreender o discurso desses atores do longo da história (500 anos), ou seja, é pela historicidade que se poderá compreender o discurso e o silêncio.

Para nos situarmos sobre as primeiras experiências empíricas nos aspectos de investigação de análise de discurso e conteúdo, iremos aqui fazer um panorama rápido sobre os primórdios dessa teoria:

De forma bastante sintética, pode-se situar o surgimento da chamada Análise do Discurso no fim dos anos 1960, em decorrência de insuficiências de uma análise de texto que se vinha praticando e que se pautava prioritariamente por uma visão conteudista, característica central das práticas de leitura que localizamos nos estudos em Análise de Conteúdo. De um lado, imperava nas ciências humanas e sociais um contexto marcadamente orientado pelos desenvolvimentos de uma dada psicologia social em sua versão behaviorista – perspectiva desenvolvida nos Estados Unidos a partir da primeira metade do século XX (ROCHA, 2005, 307);

No Brasil, a inspiração nos estudos sobre análise de discurso de linha francesa que remetem aos ideais de Michel Pêcheux tem muita representatividade através das pesquisas de ORLANDI no Labeurb, vejamos:

Nos estudos e pesquisas realizados nesse Laboratório, introduzimos uma nova área de conhecimento que chamamos Saber Urbano e Linguagem. Esta área de conhecimento, por sua vez, se faz através da metodologia discursiva que analisa os movimentos políticos, sociais e econômicos; o planejamento, a administração e a organização do espaço urbano pelo Estado; as práticas de memória, a cultura e a arte; a linguagem urbana e a escrita; a mídia e a computação assim como as relações do dia-a-dia. É esta forma de conhecimento -Saber Urbano e Linguagem - sustentada pela análise de discurso, que dá a especificidade dos estudos e pesquisas que desenvolvemos em nosso Laboratório.<sup>7</sup>

Essa aproximação entre o saber urbano e a linguagem que Orlandi pesquisa, associadas a análise de discurso é bastante adequado para nossa proposta de análise, pelo fato de que o rap provém dos espaços urbanos segregados.

Para Orlandi (2006), a análise de discurso tal como a conhecemos no Brasil, parte da perspectiva que trabalha *o sujeito, a história, a língua*. Dai dizemos que na análise de discurso não podemos deixar de relacionar o discurso com as suas *condições de produção*, sua exterioridade. E são exatamente estes desdobramentos dos entremeios da teoria da análise de discurso que irão revelar a importância das conexões estabelecidas entre Língua e fala, língua e discurso.

Segundo Saussure a língua é o sistema onde tudo se mantém. É social, é constituída de constantes. De seu lado, a fala é ocasional, histórica, é individual e constituída de variáveis.

<sup>7</sup> Fonte: <http://www.labeurb.unicamp.br/portal/pages/home/index.lab>

Ao separar língua e fala, separa-se ao mesmo tempo o que é social e o que é histórico. (ORLANDI, 2006, p. 14).

Assim como já nos referimos anteriormente, irão aparecer basicamente 3 questões no sobre as letras analisadas: o caráter estético, ideológico e geográfico.

Não existe uma fórmula pronta para se fazer análise de discurso ou conteúdo, mas podemos apontar algumas situações que são comuns de uma forma geral, segundo Orlandi:

Na realidade todo sujeito interpreta a partir de um dispositivo ideológico que o faz interpretar de uma maneira e não de outra. Pelo **processo de identificação**, como sabemos, **o sujeito se inscreve em uma formação discursiva** para que suas palavras tenham sentido. E isto lhe aparece como natural, como o sentido lá, transparente. Ele não conhece o movimento de interpretação, ao contrário, ele **se reconhece nele**. Ele não reconhece nos sentidos que produz. É no entanto, a possibilidade de contemplar o movimento de interpretação, de compreendê-lo, que caracteriza a posição de analista.

A própria definição do que é “Discurso”, proposta por M. Pêcheux (1969), vai dizer que “o discurso mais do que transmissão de informação (mensagem) *é efeito de sentido entre seus locutores*”. (ORLANDI, 2006, p.14). Nesta situação, podemos pensar na questão do sistema clássico de comunicação: emissor, canal e receptor de informação.

Isso faz sentido se pensarmos que, da perspectiva da área Saber Urbano e linguagem, trata-se de uma abordagem discursiva de um espaço particular (a cidade) para compreender o social, o que coloca a linguagem (o discurso) para compreender o espaço (urbano) e a sociedade (urbana). (RODRIGUEZ-ALCALÁ, 2003, p. 68).

O primeiro passo concreto para se trabalhar com a análise de discurso é elaborar o corpus teórico que vai delimitar a análise, podendo ser esse corpus homogêneo ou heterogêneo pode-se trabalhar com diversas camadas. Vianna (2008) quando analisou a produção artística do grupo “Racionais Mc’s”, nos apontou resultados de um corpus homogêneo, mas aqui em nossa pesquisa cabe a diversidade de informações, optaremos então por analisarmos diversos grupos, sendo assim nosso corpus é heterogêneo.

Sabemos que a unidade de análise de discurso é o “texto”, tomaremos como nossa referência textual, as “letras de rap” que foram escolhidas para montarmos o “corpus teórico” de nossa pesquisa. Esse “corpus teórico”, pode ser homogêneo ou heterogêneo, neste caso, partindo do princípio que são diversas letras de rap, que foram produzidas com condições de produções completamente diferentes, tanto ideologicamente quanto geograficamente, podemos considerar que nosso “corpus teórico” é heterogêneo.

Basicamente quando o corpus teórico é analisado iremos pontuar os seguintes aspectos:

- a) O que mais se repete com frequência, que aqui chamaremos de “regularidades”;
- b) O que é sublimado através da ideologia dos interlocutores, que aqui chamaremos de “não ditos” ou “apagamentos” do discurso.
- c) Um aspecto bastante relevante em análise de discurso também são as “marcas textuais”, daquele determinado grupo que está se comunicando.

No próximo item do capítulo 2.3 iremos dar início a análise do corpus teórico, mas antes disso chamo a atenção aqui para outro aspecto. Iremos analisar como partitura de nosso trabalho as músicas, mas é bastante interessante perceber que além da prática discursiva das letras os rappers e as pessoas ligadas ao movimento hip hop estão “inscritas” também num outro discurso que é quase velado, mas bastante notório para quem é do movimento.

As vestimentas, roupas, acessórios já carregam uma carga discursiva bastante forte, podemos fazer análise de discurso de elementos que fogem da questão escrita, existem também outras materialidades, veremos isso a seguir, quando relatarmos como foi efetivamente a expansão do hip hop de São Paulo pro resto do Brasil.

### **2.3 Da metrópole para a tribo indígena: As minorias sendo representadas nas letras de rap denunciando o processo de Segregação Sócio Espacial.**

*Calçada pra favela, avenida pra carro,  
céu pra avião, e pro morro descaso.  
Cientista social, Casas Bahia e tragédia,  
Gostam de favelado mais que Nutella  
Quanto mais ópio você vai querer?  
Uns preferem morrer ao ver o preto vencer*

*Sucrilhos- Rapper Criolo*

Podemos atribuir a chegada do movimento hip hop no Brasil ao processo de “Difusão cultural”, entendendo que uma das características deste fenômeno globalizante é a movimentação de elementos culturais. A difusão cultural pode se dar por contato direto entre as pessoas ou por meios de comunicação como livros, jornais e revistas, rádio, cinema e atualmente Internet:

Os inúmeros movimentos de transformação social, sejam eles radicais ou utópicos, que as últimas décadas viram surgir tiveram como principais articuladores os jovens. Isso se deve não apenas ao seu poder de mobilização, que não foi nada pequeno, mas principalmente, à natureza de ideias que colocaram em circulação, ao modo como as veicularam e ao espaço de intervenção crítica que abriram. Os jovens não foram apenas novos atores históricos que surgiram na cena do que já tumultuado debate político-cultural das últimas décadas. Com um novo discurso e uma nova prática social, eles possibilitaram o exercício mais sistemático de crítica social que, até então, nunca se vira ou ouvira. (BRANDÃO, 2004, p. 7)

Durante o processo de elaboração desta pesquisa conversando informalmente com pessoas ligadas ao movimento hip hop tanto aqui no interior de São Paulo, quanto na própria capital, é muito corriqueiro elas falarem sobre a importância que um determinado filme norte americano chamado “Beat Street” teve no processo de assimilação da cultura norte americana aqui no Brasil, muitos até dizem que tal filme foi um grande modismo nos anos 80.





**Figura 11:** Cartaz do filme beat street. Fonte: <http://www.clubcinema.com/filme.asp?filme=25998>

*Beat Street* foi um ícone para o hip hop no Brasil, principalmente para os dançarinos, sendo que muitos chegavam a ir nas sessões de cinema num mesmo dia várias vezes para poder tentar imitar os passos de dança, que até então eram desconhecidos aqui no Brasil.

A história do filme é bem desprezenciosa, mas a forma que é contada é muito cativante. Durante a elaboração da dissertação assisti ao filme para ver qual era essa dinâmica que tanto impactou os brasileiros que estavam aderindo ao hip hop. A história de *Beat Street* é contada por dois irmãos negros que são muito cúmplices, ambos praticam todos os elementos do hip hop, dançam, graffitam e produzem músicas, mostra basicamente essa rotina das festas no Bronx, e da chegada dos latinos imigrantes ilegais nos EUA. O filme mostra um tom de acolhida que os negros tinham em relação aos latinos, acontecia uma espécie de solidariedade entre essas duas minorias. Os DJs que iniciaram o movimento hip hop nos EUA, principalmente Afrika Bambaata faz participações na película interpretando ele mesmo.

A respeito dessa interação sobre os negros e latinos pobres nas periferias dos Estados Unidos da América, Felix (2005, p. 59) nos diz que:

O Hip Hop nos EUA é atualmente considerado uma prática de negros e latinos pobres, que se contrapõem, por meio do *rap*, ao *jazz* e ao *blues*, pois esses ritmos são muito apreciados pelos afro-norte-americanos de classe média, com o intuito de se 'distinguirem' dos *black poor*. Neste sentido, podemos dizer que o Hip Hop tem uma origem e ligação étnicoracial e econômica. Trata-se, assim, de uma construção social que mistura origem social, econômica e também cultural e reelabora uma nova diferença.

Com um olhar um pouco mais crítico podemos perceber que o filme *Beat Street*, foi a primeira tentativa global da “indústria cultural” capturar essa cultura de uma forma mercadológica. Posteriormente algumas multinacionais irão começar a produzir em séries agasalhos coloridos para os dançarinos de break também, principalmente a “adidas”.

Do ponto de vista de mercantilização da cultura, através da massificação da mesa, Xavier (2005, p. 59) nos propõe algumas reflexões bastante adequadas sobre essa massificação da cultura:

A cultura de massas como um vetor vertical e embuido da racionalidade instrumental incide sobre os lugares buscando homogeneizar e impor-se sobre a cultura popular, sendo indiferentes as heranças e realidades da sociedade e do lugar. Esse mercado que se cria a partir de elementos e símbolos globais são mais ou menos eficazes segundo os lugares e as sociedades, mas sempre incompleta por que há uma cultura que se constrói a partir das relações de proximidade, no lugar. Essa cultura pré-existente transforma-se em resistência à tentativa de homogeneização das culturas de massa.

Logo essa mercantilização da cultura hip hop no Brasil começou tomar uma forma ascendente, no centro de São Paulo em alguns lugares como a Galeria 24 de maio, que começaram a se especializar na estética Black, com várias situações de consumo sendo praticadas, como a venda de LP's do gênero, além de moda específica e também penteados afro em salões de beleza. Toda essa movimentação começou a atrair alguns dançarinos neste espaço que de forma simbólica começaram a ocupar esses espaços e já sofriam represálias por alguns comerciantes das redondezas:

Como a maioria desses grupos se compunha de *office-boys*, as apresentações se davam normalmente no horário do almoço. Posteriormente, outros conjuntos começaram a se exhibir em outros horários e após as suas performances .passava-se o chapéu., na tentativa de arrecadar algum recurso. A justificativa oficial era que essas apresentações se realizavam para angariar fundo para ajudar na sobrevivência daqueles artistas mambembes. Entretanto, alguns grupos confidenciavam que o dinheiro arrecadado seria aplicado, fundamentalmente, na compra de pilhas grandes para o *.box*. - um rádio enorme utilizado para as execuções das músicas que acompanhavam aquelas apresentações dançantes. A ocupação do calçadão da Rua 24 de Maio não foi tranqüila. Segundo Nelson Triunfo, depois de, aproximadamente, uns três meses de apresentações na esquina da loja Mesbla, eles começaram a perceber que todos os dias, no período da manhã, existia um cheiro de creolina. Este odor a cada dia foi se tornando cada vez mais constante e forte, o que incomodava demais suas performances. Para descobrir a origem daquele fenômeno, Nelson Triunfo decide passar a noite dormindo em um pequeno jardim suspenso, onde há uma escultura de arte moderna, no cruzamento da

Rua Dom José Gaspar com a Rua 24 de Maio. Segundo ele, por volta das sete horas da manhã sai um funcionário da limpeza da loja Mesbla e começa a espalhar creolina nos locais em que ocorriam as exposições dos breakers. (FELIX, 2005, p. 59)

Com uma trajetória significativa possuindo mais de 30 anos de existência, os elementos culturais do Movimento Hip-Hop, foram articulados também no Brasil, tomando proporções homéricas nas periferias das cidades. Foi se espalhando do centro para a periferia de São Paulo, e através deste fluxo a própria periferia começou a ocupar as centralidades da cidade de São Paulo para “ver o que estava acontecendo”, é bem neste momento que vai entrar em cena a importância do metrô, em específico a estação “São Bento”, que posteriormente iria acabar se transformando num ponto de encontro de rappers, e dançarinos, um marco espacial e simbólico do movimento hip hop na cidade de São Paulo.

Todos os elementos do hip hop foram também apropriados, ganhando a essência do povo brasileiro através da produção do Rap nacional. As bandas de rap brasileiro, através de suas composições musicais fazem uma forte denúncia em relação a um dos maiores problemas de ordem social do Brasil: a segregação sócio-espacial. É, portanto, conveniente a periferia reivindicar o rap como seu legítimo ritmo musical, tendo em vista suas condições de produção, expressas na realidade que é contada em narrativas na forma de protesto. Mas esse gênero musical, que na maior parte das vezes é visto como uma provocação marginal de mau gosto tem muito a ensinar para as elites dominantes.

Neste estudo foram bastante inspiradores e elucidativos os textos e as contribuições dos geógrafos SANTOS, (2011), CARRIL (2006) e XAVIER (2005), além dos textos de outras áreas que também puderam se inserir nesse diálogo e tiveram sua contribuição, sendo eles FELIX (2005), VIANNA (2008) e CEERT (2010).

CARRIL (2006), procura conceber a presença da universalidade/particularidade nas relações sociais na metrópole que manifesta frações territoriais separadas como periferia, e estuda essa fração procurando compreender o todo, pois nenhum processo social pode ser analisado separadamente, uma vez que traduz o sentido das relações sociais.

A autora propõe a analisar as representações atribuídas por moradores à periferia do *Capão redondo*, na cidade de São Paulo, que na ocasião é uma parcela bastante significativa no que se refere a “periferia” na cidade de “São Paulo”.

A hipótese de CARRIL (2006) é a de que, no processo da formação social e econômica brasileira, o **fator etnorracial** reaparece continuamente como reposição de fatores coloniais para alimentar a acumulação do capital.

Neste sentido, um dos fundamentos teóricos sobre a cidade e o urbano é o entendimento de que o **uso da cidade** está circunscrito no **espaço urbano** por formas preexistentes às novas relações econômicas, que se instalam e impõem demandas espaciais modernas e, por isso, geram **conflitos** entre a apropriação e a propriedade. (CARRIL, 2006)

As minorias se fazem presentes cada vez mais no mundo, e através dos movimentos com base na cultura reivindicam seus direitos, vejamos sob o ponto de vista de CARRIL, os principais apontamentos nessa questão:

Os enfoques do corpo- gênero, etnia e sexualidade, são elementos importantes que os movimentos culturais trouxeram. São categorias pertencentes ao mesmo estatuto que a questão da classe social. Porém, a crítica com base na cultura concluiu que o marxismo não abrangia esses níveis de formulação alternativa, traduzindo-os como antagonicos. Assim os movimentos com base na cultura, entre os quais estão a mulher, do negro, dos homossexuais, apresenta-se como paradigma para a compreensão das sociedades modernas do período. Por sua vez, as temáticas culturais nascidas no seio de novas demandas que a sociedade apresenta se mostram reveladoras de um mundo em constante transformação, mais aberto a essas solicitações, menos conservador do que no passado. Por essa época, o debate põe em cheque as determinações econômicas que certos autores marxistas pressupunham para explicar o caráter das sociedades contemporâneas. (p.26)

Neste sentido, as minorias enxergam alguma possibilidade de levar sua luta adiante de uma forma que envolva suas produções artísticas e suas inquietações, os quais virão a se tornar globalizadas, ecoando de formas diferentes por todo mundo. No Brasil a periferia não vai exatamente copiar ou plagiar as inquietações dos Rappers das periferias de Nova York nos EUA, e sim utilizar dessa estética do gueto americano para ter uma voz e abrir possibilidades de visibilidade aqui nas terras tupiniquins.

O território, visto como unidade e diversidade, é uma questão central da história humana e de cada país e constitui o pano de fundo do estudo das diversas etapas do momento atual. (SANTOS, 2011, p.20).

Para XAVIER (2005, p. 87), que também tem uma literatura bastante inspirada nas ideias de SANTOS (2000), o território onde acontecem as ações da periferia sob o ponto de vista de uma suposta racionalidade deste espaço, leva em conta o modelo econômico dominante e também as novas condições técnicas que estão sendo absorvidas pelos pobres no suposto “período popular da história”:

A periferia é um lugar em que se aproximam e se associam saberes cotidianos, apreendidos na luta pela sobrevivência. É nesse cotidiano que se revelam as já muitas manifestações de insatisfação e desconforto com a realidade seletiva e com a rigidez das normas férreas, exclusivas da racionalidade econômica e política da globalização ora em curso. Há a produção de um fermento político, resultante da própria vida local que desafia as definições e relações estabelecidas e propõe atitudes novas, com busca premente, as vezes ainda cega de representatividade, já que a economia, a política institucionalizada não representam os interesses coletivos.

Assim, no Brasil, o Rap “*é uma música de pobre feita para pobre*” (Happing Hood, 2005 apud Xavier). Apesar disso devemos considerar também a existência dos rappers Americanos que são descontextualizados do movimento hip hop e já sofreram influências do mercado e da mídia, neste casos os interesses “financeiros” desses músicos que servem a cultura de massa são completamente diferentes dos interesses dos rappers da “periferia” Brasileira.<sup>1</sup>

Habitualmente afastadas da área central das cidades, as periferias acabam sendo estigmatizadas, devido a todos os problemas peculiares relacionados à violência e criminalidade, num processo de exclusão cíclico.

Como uma amostra inicial vejamos o trecho da letra da música “Sucrilhos” do Rapper Criolo, que é um maiores fenômenos atuais do rap brasileiro:

Calçada pra favela, avenida pra carro  
céu pra avião, e pro morro descaso.  
Cientista social, Casas Bahia e tragédia,  
Gostam de favelado mais que Nutella  
Quanto mais ópio você vai querer?  
Uns preferem morrer ao ver o preto vencer

Existe uma íntima relação entre o hip hop e o lugar onde ele se desenvolve, o que permite dizer que ele é uma produção política e cultural dos guetos, das periferias e das favelas (SOUZA, 2004, p. 101).

Santos (1993, p. 115) é um dos autores que melhor ponto de vista crítico sobre o processo de globalização, é muito precisa também suas idéias no que se refere sobre a própria perifeira também, vejamos:

Morar na periferia é se condenar duas vezes a pobreza. À pobreza gerada pelo modelo econômico, segmentador do mercado de trabalho e das classes sociais, superpõe-se a pobreza

Gerada pelo modelo territorial. Este afinal, determina quem deve ser mais ou menos pobre somente por morar neste ou naquele lugar. Onde os bens sociais existem apenas na forma mercantil, reduz-se o número dos que potencialmente lhes têm acesso, os quais se tornam ainda mais pobres por terem de pagar o que, em condições democráticas normais, teria de lhe ser entregue gratuitamente pelo poder público.

E assim, como existe no espaço geográfico uma imensa diversidade de paisagens e lugares, também é considerável que existam uma gama de estilos sonoros dentro do próprio gênero musical do RAP. Nota-se que não existe uma única unidade, e sim um mosaico expressivo de histórias para contar sobre diversos assuntos, vejamos a tabela a seguir:

**Tabela 1: Os diferentes estilos que perfazem o gênero RAP**

ESTILOS	CARACTERÍSTICA
Estilo Cronista	São rimadores que geralmente descrevem os fatos e acontecimentos em suas músicas no mais original estilo repórter policial.
Estilo Intelectual	São Rappers que costumam usar palavras consideradas difíceis com temas profundos e de difícil assimilação popular.
Estilo Romântico	Rimas que falam de amores perdidos e casos amorosos.
Estilo Livre	São músicas e rimas despreocupadas com grande ênfase em coisas futurísticas. Geralmente o assunto não tem compromissos com os problemas sociais e vão de filmes a super – heróis.
Estilo Rua	São Rappers que tem influências nos elementos da cultura Hip-Hop.
Estilo Raga	São as rimas com levadas meio Raga, falando de mulheres e festas.
<b>Estilo Radical (Gangstas)</b>	<b>São músicas consideradas de estilo Gangstas, que falam das histórias do bairro e seus conflitos.</b>
Estilo Festa	Músicas que falam de baladas, sexo, mulheres, roles e festas em geral.
Estilo Gospel	Músicas com rimas que falam de paz, esperança, evangelho, e assuntos bíblicos em geral.

Fonte: Disponível em <http://www.realhiphop.com.br/>. Acesso em: 23/01/2006.

Em nossa pesquisa selecionamos 10 grupos de rap, que apresentam um repertório enorme de composições, e que são a grande sensação da juventude brasileira no cenário musical do Rap, desde o primeiro grupo que representa a maior vanguarda nacional do Rap “Racionais Mc’s”(figura 12), até outros menos conhecidos, mas que possuem letras bastante instigantes para nossa investigação.



Figura12: Grupo Racionais Mc's.

Fonte: <http://dicasdacapital.com.br/veja-tambem/6813/racionais-mc-s-em-brasilia/>

Mas o que nos interessa para essa pesquisa em específico são as letras que podem gerar alguma reflexão no âmbito da produção desigual do espaço. Sendo assim para podermos delimitar essa imensa produção musical, optamos por utilizar apenas as letras que se enquadram no estilo *Gangsta Rap*, as quais foram analisadas.

Na tabela no. 2 podemos ver a lista dos grupos que foram selecionados para contribuir com nossa pesquisa:

**Tabela 2: Título Corpus Teórico Analisado: As Bandas de Rap**

<b>Tabela 2: Corpus teórico analisado</b>		
<b>Rapper ou Grupo de Rap</b>	<b>Letras Pesquisadas</b>	<b>Letras Analisadas</b>
Racionais MC's	116	5
Z'afrika Brasil	11	1
Criolo	10	5
Emicida	107	5
Projota	83	5
Brô MC's	5	4
Opanijé	5	2
Rapadura Xique-Chico	8	1
Sub louco Coletividade	1	1
Faces da Morte	51	2
Total: 10 grupos	Total de letras: 397 letras	Total: 31

Os rappers da atualidade no Brasil utilizam da mesma estratégia das narrativas orais, fazendo um paralelo entre a tradição oral dos griots africanos, e os atuais manos da periferia. Sousa (2009, p.18-19), nos traz algumas reflexões interessantes sobre esse ponto de vista, vejamos:

Os *rappers* representam, então, uma continuidade da tradição da oralidade que permeou as relações culturais de seus ancestrais na África Ocidental. Por isso, são apresentados por vezes como uma espécie de *griots modernos*. Essa mesma tradição, isto é, o grito seria mais tarde um dos principais elementos aglutinador dos negros nas Américas. Argumenta-se, pois, que essa tradição oral teria logrado continuidade na diáspora e marcado a experiência cultural dos afro-americanos não apenas nos EUA, mas em diferentes regiões, como o Brasil e o Caribe. Daí os traços de semelhanças entre a tradição da oralidade africana com muitas manifestações da cultura negra norte americana como, por exemplo, os storyteller (contador de história) e os prayer (pastores negros), no Brasil essa tradição estaria mais comumente associada aos repentes do nordeste. (SOUSA, 2009, p.18-19))

Uma *regularidade* presente na maior parte das letras, são as denúncias referentes aos processos de segregação sócio-espacial e etnorracial. A segregação sócio-espacial é um fenômeno típico do meio urbano, ela consiste numa separação social e espacial conforme determinados níveis de renda, e conseqüentemente seus agrupamentos relativos. Atualmente as principais áreas de concentração humana são os espaços urbanos, que acabam reproduzindo em seus espaços todas as relações sociais contraditórias.

Iremos começar nossas apontamentos de análise do corpus teórico selecionado, mas antes é preciso pensarmos aqui um pouco sobre o “valor testemunhal dos raps”.

Para compreensão dos raps como relato ou testemunho de uma realidade particular vivida pelo jovem afro-descendente brasileiro, ou indígena, habitante de grandes centros urbanos como é o caso de São Paulo, ou uma aldeia indígena, cabe uma breve discussão sobre a conceituação proposta pela literatura de testemunho, na tentativa de estabelecer alguns liames entre esse gênero e os raps. (VIANNA, 2008)

A classificação de literatura de testemunho, de certa maneira, induz o leitor a buscar por um texto autobiográfico, construído a partir de relatos da verdade. Nesse caso, colocar-se ia em foco, entre outras coisas, o que é verdade no cerne desse tipo de texto, muitas vezes, mediado pela intervenção de um gestor ou relator, ou ainda, como fórmula Benjamim (1994), de um narrador que marca aquilo que conta. (idem).



Através das letras selecionadas dos grupos: Racionais Mc's, Z'afrika Brasil, Criolo, Emicida, Projota, Sub louco coletividade, Rapadura Xique Chico, Opanijé, Faces da Morte e Brô Mc's (figura 12), iremos ver como acontece esse processo de análise .



**Figura 13:** Grupo de Rap Indígena “Brô MC’s”

Fonte: <https://www.facebook.com/bromc.rapindigena>

### 1) São Paulo: eterna contradição: Racionais Mcs, Criolo, Projota, Emicida e Z'afrika Brasil

São Paulo (figura ) maior cidade do Brasil, atualmente com uma população de 11.253.503 habitantes segundo o IBGE. Certa vez o rapper Mano Brown disse numa entrevista na TV<sup>8</sup> “Muita gente e pouco espaço é problema”.



Figura 14: Localização da cidade de São Paulo

Fonte: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/painel/painel.php?codmun=355030>

Com uma população enorme, é o cartão postal econômico do País, cidade mais do que globalizada cultural e financeiramente. A cidade de São Paulo absorveu de uma forma muito rápida e dinâmica a cultura do movimento hip hop. Temos aqui o grupo de Rap que representa a vanguarda musical desse gênero: Racionais MC's, como já dissemos anteriormente. Mas atualmente existem outros talentos. Se nos anos 80 e 90 a bola da vez foi a estação de metrô São Bento, agora nos anos 2000 surge uma outra geração, que participa ativamente todo sábado a noite a partir das 20h na Estação de Metrô Santa Cruz.

A Estação de Metrô Santa Cruz atualmente faz tanto sucesso que é de lá que saíram os novos talentos do rap que foram muito rápido absorvidos pela indústria cultural: Emicida e Projota. Além desses MC's estão fazendo muito sucesso atualmente também um outro rapper que provém do bairro do Grajaú: Criolo, antes Criolo Doiodo, agora apenas Criolo.

Não iremos analisar os grupos isoladamente e sim buscar algumas aproximações de acordo com as cidades de onde as letras foram escritas, analisaremos também os fragmentos

<sup>8</sup> Entrevista concedida para a TV cultura.

que nos interessam apenas pra essa discussão. A letra “*Periferia é Periferia*” de Racionais Mc’s, contempla bastante nossas inquietações, vejamos:

Periferia é periferia.  
 Periferia é periferia.(que horas são? Não precisa responder...)  
 "Milhares de casas amontoadas"  
 Periferia é periferia.  
 "Vacilou, ficou pequeno. Pode acreditar"  
 Periferia é periferia.  
 "Em qualquer lugar. Gente pobre"  
 Periferia é periferia.  
 "Vários botecos abertos. Várias escolas vazias."  
 Periferia é periferia.  
 "E a maioria por aqui se parece comigo"  
 Periferia é periferia.  
 "Mães chorando. Irmãos se matando. Até quando?"  
 Periferia é periferia.  
 "Em qualquer lugar. É gente pobre."  
 Periferia é periferia.  
 "Aqui, meu irmão, é cada um por si"  
 Periferia é periferia.  
 "Molecada sem futuro eu já consigo ver"  
 Periferia é periferia.  
 "Aliados, drogados, então..."  
 Periferia é periferia.  
 "Deixe o crack de lado, escute o meu recado."

Com uma regularidade exacerbada o nome “periferia” é repetida muitas vezes com a intenção de deixar claro que aquele lugar vivido é único, é peculiar somente para quem tem que passar por ele. A letra é tão descritiva a ponto de se tornar quase um guia turístico, um outdoor, uma propaganda sobre a periferia.

Continuaremos com os Racionais Mcs, com outro fragmento que pode dialogar com o anterior “*Um homem na estrada*”:

Até o IBGE passou aqui e nunca mais voltou.  
 Numerou os barracos, fez uma pá de perguntas.  
 Logo depois esqueceram, filhos da puta!  
 Acharam uma mina morta e estuprada, deviam estar com muita raiva.  
 "Mano, quanta paulada!"  
 Estava irreconhecível, o rosto desfigurado.  
 Deu meia noite e o corpo ainda estava lá, coberto com lençol, ressecado pelo sol, jogado.  
 O IML estava só dez horas atrasado.

Se anteriormente os autores estavam destacando o próprio espaço físico, com suas materialidades da periferia, agora aqui veremos um pouco mais do lado humano sofrido, da

falha de algumas instituições, surge uma crítica na letra até ao próprio IBGE, IML isso é muito significativo. Aqui os rappers fazem uma denúncia ao próprio descaso que vem sofrendo. A violência é uma constante também, onde é narrado mortes violentas que acontecem nesse espaço.

Falando um pouco agora sobre a nova geração de rappers, Criolo, Projota e Emicida, iremos encontrar algumas afinidades entre ambos.

A música de Criolo “Não existe amor em SP”, se tornou um clássico desde então que foi escrita, já está para a periferia de São Paulo, como a letra “Sampa” de Caetano Veloso está para os intelectuais.

Não existe amor em SP  
Um labirinto místico  
Onde os grafites gritam  
Não dá pra descrever  
Numa linda frase  
De um postal tão doce  
Cuidado com doce  
São Paulo é um buquê  
Buquês são flores mortas  
Num lindo arranjo  
Arranjo lindo feito pra você

Em “Não existe amor em SP”, criolo faz uma descrição, que mesmo sendo apenas um recorte de alguns lugares, cita elementos do próprio hip hop, como os grafites. Comparando a cidade a um “labirinto místico”, a ironia se faz presente com as “flores mortas”, e o próprio título da canção também. Emicida também nos traz um outro cartão postal da cidade em *Rua Augusta*:

As maquiagem forte esconde os hematoma na alma.  
Fumando calma ela observa os faróis que vem e vão, viver em vão.  
Os que vem e não te tem são se necessário homem de bem fujão.  
Que não agüentou ser solitário.  
Mema grana que compra sexo, mata o amor.  
Traz a felicidade, também chama o rancor.  
As madrugada que testemunho vermelho sangue na unha.  
Sem nome varias "alcunha" dentro da bolsa de punho.  
Garota propaganda da cidade fria em seus caminhos.  
1 milhão de seres 1 milhão de seres sozinhos.

Analisando esse fragmento de “*Rua Augusta*”, podemos ver que o rapper vai fazer uma descrição mais subjetiva do próprio paulistano que frequenta esse rua, essa região da cidade, fala de solidão de “hematomas na alma”. Essa percepção de estar numa multidão mas se sentir sozinho ao mesmo tempo é uma fala bastante em comum sobre São Paulo.

Projota, também mais um rapper que teve uma carreira musical decolar depois das batalhas de rima da estação Santa Cruz, nos trás também algumas provocações mais nos aspectos da política brasileira:

No país do mensalão, dim na cueca, no avião  
 Quem tem menos paga imposto, quem tem mais sonega em vão  
 Nega não, roubam nosso hectares, hectares do pré sal  
 Não sei quem vai faturar mais com nossos mares.  
 Pare e repare, bebem campari em paris,  
 Everybody sofre mas cê tende a ver só seu nariz  
 O safari que era calmo, virou selva

Nos chama atenção para mensalão, pré-sal, e sonegação de impostos. Podemos ver aqui que o rap pode também começar a despertar o interesse da população para assuntos que também estão externos a ela, de forma indireta.

Para finalizar, quase todas os rappers de São Paulo que selecionamos aqui também irão fazer uma retomada de sua memória ligada a ancestralidade afrodescendente:

NEGRO DRAMA,  
 Eu sei quem trama,  
 E quem tá comigo,  
 O trauma que eu carrego,  
 Pra não ser mais um Preto Fudido,

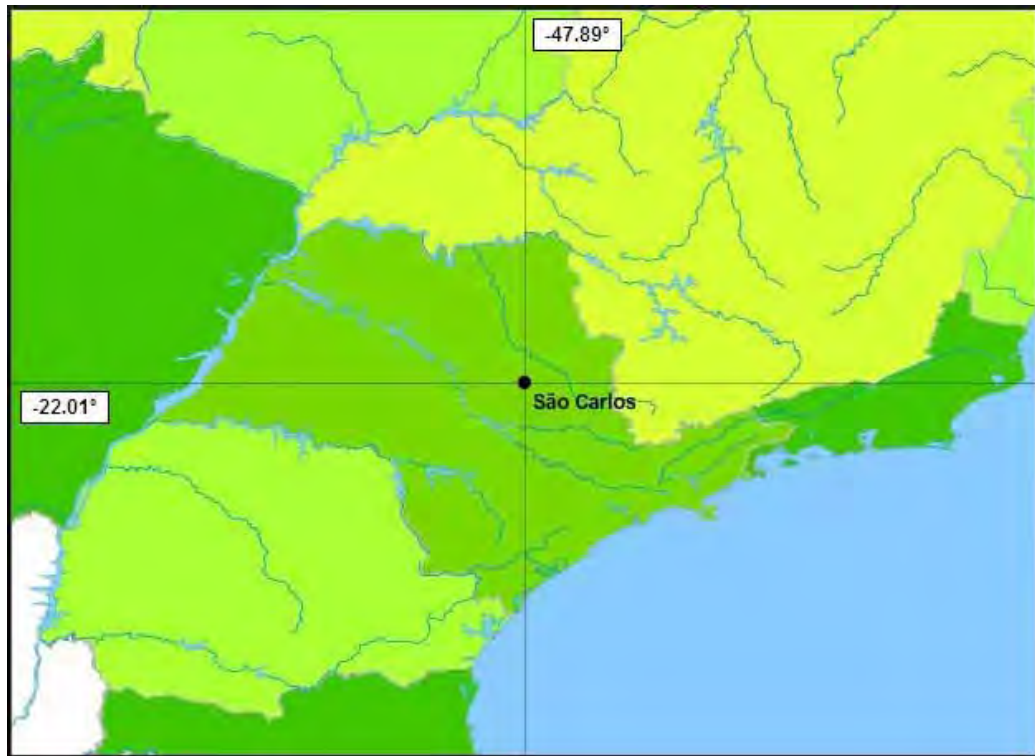
O drama da Cadeia e Favela,  
 Tumulo, sangue,  
 Sirene, choros e velas,

Passageiro do Brasil

Os Racionais em sua primeira fase musical, tinham como a negritude, aspecto que se dissolveu posteriormente na produção dos discos futuros.

## **2)A cidade de São Carlos e o Sub louco Coletividade**

A cidade de São Carlos (figura ) nasceu em terras da antiga Sesmaria do Pinhal, em virtude de uma via de penetração nos “sertões de Araraquara” .Atualmente é um significativo polo de pesquisas avançadas tendo algumas universidades importantes como a USP e UFSCAR além da EMBRAPA.



**Figura 15: Localização de São Carlos**

Fonte: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/painel/painel.php?codmun=354890>

Com uma população de 221.950 habitantes, São Carlos é muito conhecida no estado de São Paulo devido sua influência nas pesquisas tecnológicas. Neste sentido é impactante a interpretação que esta banda de rap, o Sub louco Coletividade faz sobre a cidade vejamos:

Na capital da tecnologia o pobre é ignorado,  
 Pro rico é tudo lindo e o podre é maquiado.  
 Mas na madrugada fria o viaduto vira manto,  
 Conclusão, São Carlos não é santo.

(...)E ganha o cargo porque fez faculdade renomada,  
 Louco de pó e cachaça na balada, futuro pediatra,  
 Estágio na quebrada, nos postinhos  
 Hospital escola para quem vem de fora tratar os nossos filho.

Criticando o próprio nome da cidade, invertendo os sentidos de “santidade” de “São Carlos”, os rappers ainda fazem uma crítica ao meio universitário. O estado de consciência sobre o próprio lugar de onde vivem é exposto logo no começo da canção, ou seja, os autores da letra sabem que eles moram numa cidade rica, que é a “capital da tecnologia”, mas que eles estão deslocados dentro da própria riqueza gerada por essa tecnologia.

### 3) Hortolândia – Grupo Faces da Morte

Segundo o IBGE a história das terras do município de Hortolândia encontra-se vinculada ao povoado de Jacuba, localizada no município de Sumaré, e data aproximadamente do fim do século XVIII e início do século XIX.

Atualmente a cidade tem uma população de 192.692 habitantes. É quase conurbada com o município de Campinas, muitas pessoas de ambas as cidades trabalham em um município ou em outro, influenciando bastante na economia de ambos os municípios essa migração pendular diária.

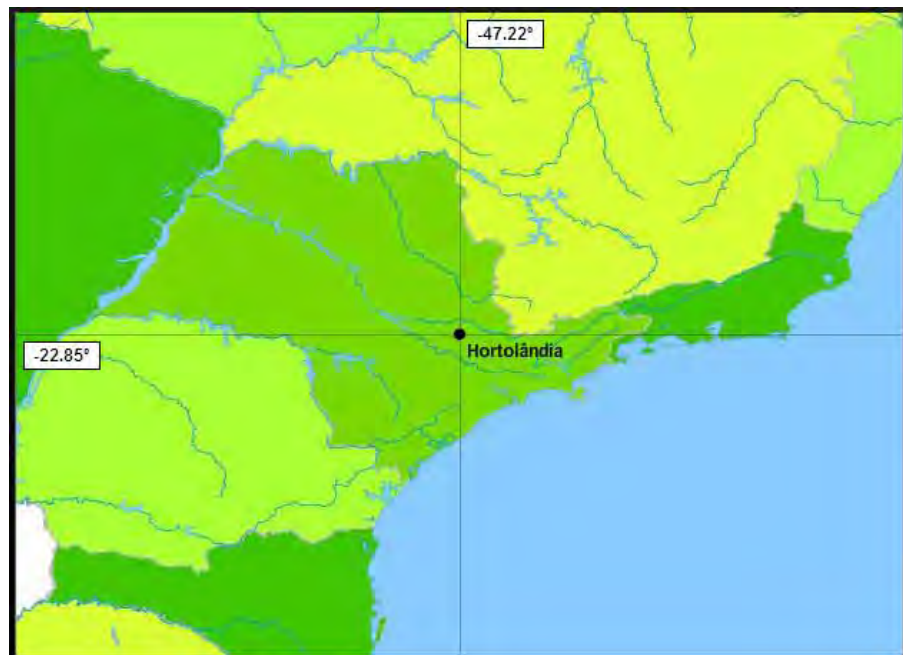


Figura 16: Localização de Hortolândia.

Fonte: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/painel/painel.php?codmun=351907>

Com proximidade a cidade de Campinas a letra vai retratar aspectos de uma cidade que presencia violência policial constantemente, o tático cinza, fragmento apresentado, é uma viatura policial. Esse grupo tem bastante visibilidade se apresentando constantemente fazendo muitos shows, o ponto forte do grupo é sua politização constante. Já tiveram iniciativa de lançar ao poder vários candidatos a vereador e deputado estadual também.

De repente eu escuto uma voz bem seca  
 "deitado no chão filho da puta mão na cabeça!"  
 O final é esse daí você já sabe  
 Mais um jovem morto pelos covardes  
 4x é o tático cinza é o tático cinza  
 Vem na moral dobrando a esquina

#### 4) Brô Mcs- Dourados – Mato Grosso do Sul.

Muito antes da colonização branca nesta região do mato grosso do sul, os índios Terena Kaiwa, já tinham ali seus descendentes, fato que até hoje é bastante corriqueiro nesta região, constituindo uma das maiores populações indígenas do país. Antes com uma função militar então chamada de “Colônia de Dourados”, sob o comando de Antônio João Ribeiro, que fundada em em 10 de maio de 1861, foi cenário da invasão Paraguai, sendo assim, se tornou uma cidade lendária. Atualmente nessa região os índios Guarani Kaiowá sofrem com constantes pressões e ameaças entre posseiros e fazendeiros.

Falaremos agora sobre a Banda Brô Mc’s da reserva indígena de Jaguapiru, que tem uma relação intensa com o município de Dourados. Será analisado o peculiar material artístico produzido pela primeira banda de rap indígena no Brasil.

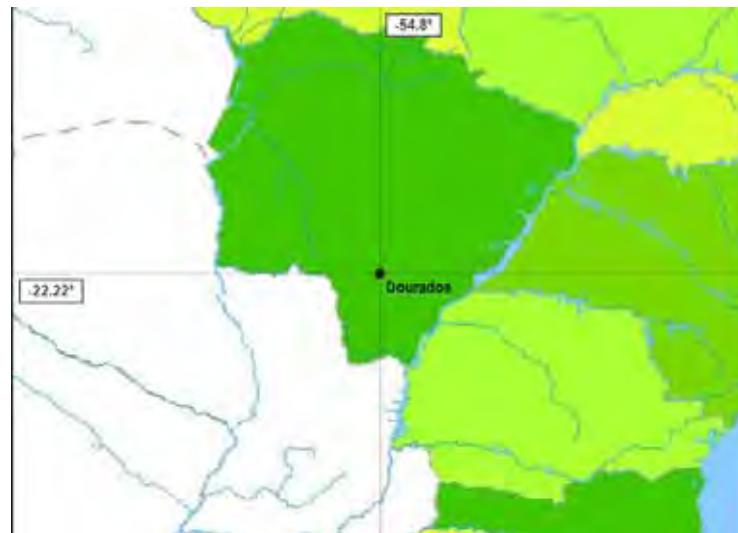


Figura 17: Localização do município de Dourados

Fonte: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/painel/painel.php?codmun=500370>

Existe uma diferenciação entre os conceitos de *Terra Indígena* e *Território Indígena*, sendo a primeira, referente ao processo político-jurídico, que é conduzido pelo Estado, e a segunda definição, remete à construção e à vivência, que é culturalmente variável, que se dá entre determinada sociedade específica e sua base territorial.

Neste sentido, um ponto de vista que colabora muito com nossas inquietações é o posicionamento de Schafer, (2001, p 18), onde o autor associa as questões territoriais com a paisagem onde ela se desenvolve, chamando a atenção para o conceito de paisagem sonora. Vejamos:

O território básico dos estudos da paisagem sonora estará situado a meio caminho entre a ciência, a sociedade e as artes. Com a acústica e a psico-acústica aprenderemos a respeito das propriedades físicas do som e do modo



pelo qual este é interpretado pelo cérebro humano. Com a sociedade aprenderemos como o homem se comporta com os sons e de que maneira estes afetam e modificam o seu comportamento. Com as artes, e particularmente com a música, aprenderemos de que modo o homem cria paisagens sonoras ideais para aquela outra vida que é a da imaginação e da reflexão psíquica.

É fato que na contemporaneidade, o fenômeno do rap extrapolou os limites sociais e geográficos das cidades brasileiras, chegando até os âmbitos das reservas indígenas, em específico, na cidade de Dourados no Mato Grosso do Sul, onde recentemente foi criado o primeiro grupo de Rap indígena: os Brô Mc's.

Sendo assim, cabe a reflexão: Quais são esses aspectos da paisagem sonora, proposta por Schafer(2001, p.25), que deve ser focada? Segundo o autor, o que o analista da paisagem sonora precisa fazer, em primeiro lugar, é descobrir os seus aspectos significativos, aqueles sons que são importantes por sua individualidade, quantidade e preponderância. Portanto, um grupo de Rap que foi constituído dentro de uma reserva indígena, tem uma paisagem sonora muito específica, que substancialmente, irá remeter esta sonoridade em sua produção artística.

Segundo entrevistas veiculadas em diversos sites específicos de Rap, como o “Portal Rap Nacional” e “Frente de Hip Hop Brasileira”, há rumores de que o grupo Brô Mc's teve o seu marco inicial no ano de 2008, durante as gravações do filme “Terra Vermelha” do diretor italiano Marcos Bechis. Do filme para cá, o grupo já teve grandes momentos de visibilidade: cantaram na reinauguração de uma das unidades do SESC (Belenzinho), na cidade de São Paulo, fizeram uma abertura do show do cantor Milton Nascimento na cidade Campo Grande, e também tocaram no discurso de posse da Presidente Dilma Roussef, em janeiro de 2011. Este grupo com uma carreira bem incipiente, ainda é pouco conhecido pela mídia de massa, fato bastante peculiar quando se fala em coletivos oriundos dos “guetos” referentes ao Movimento Hip Hop.

Ao estudar as nações indígenas na contemporaneidade, deve-se lembrar que desde os primórdios da colonização do Brasil, esses povos vêm sofrendo inúmeras injustiças relativas aos seus direitos. É impossível analisar o presente sem recorrer ao passado. Atualmente, de acordo com o Instituto Sócio Ambiental (ISA) :

Grande parte das Terras Indígenas no Brasil sofre invasões de mineradores, pescadores, caçadores, madeireiras e posseiros. Outras são cortadas por estradas, ferrovias, linhas de transmissão ou têm porções inundadas por usinas

hidrelétricas. Frequentemente, os índios colhem resultados perversos do que acontece mesmo fora de suas terras, nas regiões que as cercam: poluição de rios por agrotóxicos, desmatamentos etc. É afirmado ainda pelo ISA, que a Constituição de 1988 consagrou o princípio de que os índios são os primeiros e naturais senhores da terra. Esta é a fonte primária de seu direito, que é anterior a qualquer outro. Consequentemente, o direito dos índios a uma terra determinada independe de reconhecimento formal.

Mas infelizmente, na prática, o discurso legalista jurídico não se concretiza no cotidiano vivenciado pelos povos indígenas, levando essas comunidades tradicionais a lutarem constantemente por seus direitos, principalmente, no que se refere à demarcação das terras indígenas.

Massacre do povo indígena, suicídios coletivos, perseguições de igrejas evangélicas, esse é o cotidiano dos indígenas da aldeia de Jaguapiru no Mato Grosso do Sul, vejamos aqui como isso aparece na letra da música “*Terra vermelha*”:

Terra vermelha do sangue derramado  
 Pelos guerreiros do passado massacrados  
 Fazendeiros mercenários latifundiários  
 Vários morreram defendendo suas terras  
 Onde vivo, aldeia já existe guerra (...)  
 Eu peço a Deus que ilumine meu caminho  
 Onde eu estiver, eu nunca estarei sozinho  
 Eh! Eu nunca estarei sozinho (...)  
 Sei que não é fácil, sei que nunca foi  
 Corrói o coração quem é os donos dos bois  
 As lembranças dói, nas histórias contadas  
 Pelos pajés de nossas terras roubadas  
 Anos 70, dezenas de família extensas  
 Cada vez mais espremida nos fundos das fazendas  
 Foram separadas em 8 aldeias, ignorando nossa cultura  
 Nos julgando numa teia (...)  
 Roubaram nossa terra,a nossa cultura (...)

#### 4) Brasília – Rapadura Xique Chico

O rapper Rapadura Xique Chico, é do nordeste mas atualmente reside na cidade Brasília- DF.(figura 18).

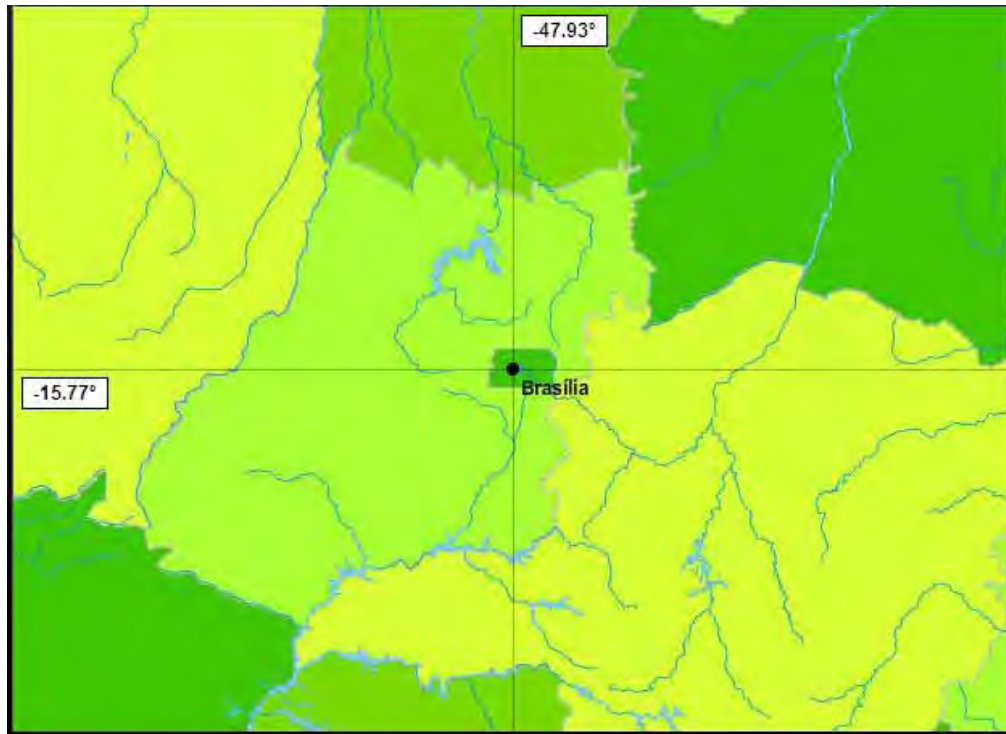


Figura 18: Localização da cidade de Brasília

Fonte: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/painel/painel.php?codmun=292740>

Suas raízes nortetinas se faz presente em suas vestimentas, quando se apresenta em show utilizando chapéu de palha e sandália de couro, típico calango-cangaceiro. Nas letras também Rapadura Xique Chico, faz uma retomada de suas memórias sobre a cultura do povo nordestino.

Êha! ei! nortista agarra essa causa que trouxeste  
 Nordeste agarra a cultura que te veste  
 Eu digo norte vocês dizem nordeste  
 Norte nordeste norte nordeste  
 Êha! hei! nortista agarra essa causa que trouxeste  
 Nordeste agarra a cultura que te veste  
 Eu digo norte vocês dizem nordeste  
 Norte nordeste norte nordeste

**SALVADOR- Opanijé**



Figura: Localização de Salvador

Fonte: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/painel/painel.php?codmun=292740>

A Bahia é um dos estados brasileiros que apresenta uma população negra muito grande, e isso vai se refletir nas canções:

**Valeu Zumbi**

Encarnou, a energia veio do corpo e arrepiou  
 Ruborizou a face alva do seu opressor  
 Que não esperou ouvir tanto clamor de tanta gente  
 E viu que a dor que ele causou nos fez mais resistente  
 Mas se a pele é negra igual a minha não importa a cor  
 Ela vai se arrepiar ouvindo o toque do tambor  
 Não adianta, com humilhação eu não me acostumo  
 Levanta que a estrada é longa e eu já sei o rumo  
 Palmares ainda ecoa em nossos corações

A questão heroica de Zumbi dos palmares é retomada, destacando também na letra alguns instrumentos da cultura negra, como por exemplo o “tambor”. Na letra Encruzilhada iremos ver a presença de mais elementos típicos da cultura afro-brasileira:

Não mexe com quem tá quieto.  
 Quem tem fé no Axé não dá ré, segue adiante  
 Extrai o êxtase extremo, exuberante  
 Exu nasceu no Jitolú, não teme nada  
 Mora na comunidade, a encruzilhada é sua morada  
 Aquele que comunica, frutifica e faz crescer  
 Não tenho nada a dizer a não ser... (laroiê)

## Considerações Finais

Pensando em possíveis encaminhamentos conclusivos da análise do material coletado, é indiscutível o quanto o discurso é feito de sentidos entre seus locutores, tendo em vista todas as evidências apresentadas até o presente momento: do corpus teórico tão diversificado que foi analisado em diferentes contextos geográficos. Os fatos demandam interpretação, os sujeitos estão no mundo clamando por isso.

O Brasil na contemporaneidade apresenta em sua cultura como um mosaico incrível de misturas devido ao processo de miscigenação racial que vem ocorrendo desde a colonização até os dias de hoje, processo que é contínuo na atualidade, somado aos efeitos do processo de globalização.

Nosso país é um grande mosaico cultural, devido a todo um processo de formação que foi bastante complexo, com uma sociedade desigual, em total descompasso econômico. Portanto essa pesquisa teve o intuito de discutir a análise de conteúdo e discurso das bandas que contemplam essa realidade diversificada através das músicas produzidas pelas bandas de rap Racionais MC's, Brô MC's, Opanijé, Rapadura Xique-Chico, Z'afrika Brasil, Faces da Morte, Projota, Emicida e Criolo. Tais bandas comprovaram que o rap não está mais preso e limitado ao eixo de produção cultural do Rio de Janeiro e São Paulo, chegando a lugares de extrema diversidade cultural como é o caso específico da Banda Brô Mcs da cidade dourados do Mato Grosso.

Através do material que foi analisado percebemos a importância que o movimento hip hop tem na sociedade contemporânea, nos aspectos que se referem basicamente a retomada de uma memória positiva referente a população negra, indígena e aos pobres de um modo geral.

A questão da linguagem é o que mais nos chamou a atenção, tendo em vista que mesmo que seja da sua forma, com a linguagem corriqueira do dia-a-dia, essas pessoas que estão envolvidas nos processos de criação das letras de rap, possui conhecimento, um conhecimento que é tácito.

Percebemos também que o movimento hip hop é uma ramificação das lutas dos povos negros, do movimento negro contemporâneo, seja aqui no Brasil ou mesmo nos EUA, o povo brasileiro colocou sua essência, suas particularidades em sua maneira de lutar.

Chegamos a conclusão que realmente o processo de escravidão que a população negra sofreu e o massacre dos povos indígenas trouxeram para o Brasil sérias consequências no que se refere a forma do país se organizar, dentro de um contexto que tem uma política de democracia racial que na prática não se efetiva.

Sendo assim realmente podemos concluir que no passado do Brasil colonial os negros estavam se organizando nos quilombos, hoje estão em sua grande maioria amontoados nas periferias, da mesma forma que as populações remanescentes dos povos indígenas também encontram-se encurralados em suas reservas.

Chegamos a conclusão que realmente o processo de escravidão que a população negra sofreu e o massacre dos povos indígenas, trouxeram para o Brasil sérias consequências no que se refere a forma do país se organizar, dentro de um contexto que tem uma política de democracia racial que na prática não se efetiva. Portanto é indiscutível o aspecto de mobilização como experiência criativa que essas músicas de rap trazem, é inegável a sua identificação com as camadas mais populares em nossa sociedade contemporânea brasileira.

## Referências Bibliográficas

- BRANDÃO, Antônio Carlos. **Movimentos Culturais de Juventude**. 2ª. Edição. São Paulo. Moderna, 2004.
- CARLOS, A. F. A. **A cidade**. São Paulo, Editora Contexto, 1994.
- CARRIL, Lourdes. **Quilombo, favela e periferia: a longa busca da cidadania**. São Paulo: Anablume; Fapesp,. 2006.
- FELIX, João Batista de Jesus, 2005. **Hip Hop: Cultura E Política No Contexto Paulistano**. Dissertação de Doutorado defendida na FFLCH / USP. 2005.
- GODOY, Paulo Roberto Teixeira de. **Teorias e conceitos: uma contribuição para o debate crítico em geografia**. In Boletim Paulista de Geografia, São Paulo, nº 83, p. 33-56, 2005.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.
- MUNANGA, Kabengele. **Para entender o negro no Brasil de hoje: história, realidades, problemas e caminhos**. São Paulo: Global. 2004.
- ORLANDI, P. Eni. **Análise de Discurso**. In: E. Orlandi e S. Lagazzi-Rodrigues. (Orgs). *Introdução as Ciências da Linguagem – Discurso e Textualidade*. Campinas: Pontes, 2006, p. 11-31.
- ORLANDI, P. Eni. *Cidade dos Sentidos*. Campinas, SP, Pontes, 2004.
- POLÍTICAS PÚBLICAS DE PROMOÇÃO DA IGUALDADE RACIAL. Organização Hédio Júnior, Maria Aparecida da Silva Bento, Mário Rogério Silva; Vários autores. São Paulo, SP: CEERT, 2010.
- RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: evolução e sentido do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- ROCHA, Décio. **Análise de Conteúdo e Análise do Discurso: aproximações afastamentos na (re)construção de uma trajetória**. Disponível <http://www.scielo.br/pdf/alea/v7n2/a10v7n2.pdf>
- SALES, Ana Célia Garcia de. **Pichadores e Grafiteiros: Manifestações Artísticas e Políticas de Preservação do Patrimônio Histórico e Cultural da Cidade de Campinas-SP**. / Ana Célia Garcia de Sales – Campinas, SP:[s.n.], 2007.
- SANTOS, Milton. **O Brasil: Território e sociedade no século XXI**. Milton Santos, Maria Laura Silveira. 15ª. Edição. Rio de Janeiro: Record, 2011.
- SOUSA, Rafael Lopes de. **O movimento Hip Hop: a anti-cordialidade da “República dos Manos” e a estética da violência**. Dissertação de Doutorado. Unicamp. 2009.
- SOUZA, Marina de Mello. **Africa e Brasil Africano**. 2ª. Edição- São Paulo: Ática, 2007.

- SOUZA, Marcelo Lopes de. **A prisão e a agora: reflexões em torno da democratização do planejamento e da gestão das cidades**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.
- SOUZA, Marcelo Lopes de. **Planejamento urbano e ativismos sociais**/ Marcelo Lopes de Souza e Glauco Bruce Rodrigues. São Paulo: UNESP, 2004.
- SCHAFER, R. Murray. **A afinação do mundo: uma exploração pioneira passada e pelo atual estado do mais negligenciado aspecto do nosso ambiente**. São Paulo: Editora Unesp, 2001.
- VIANNA, Cíntia Camargo. **Movimento Hip Hop paulistano: a produção artística dos Racionais Mc's**. Tese de Doutorado. Universidade Estadual Paulista. Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas. São José do Rio Preto. 2008.
- WELLER, Wivian. **A invisibilidade feminina nas (sub)culturas juvenis**. in Sociabilidade Juvenil e cultura urbana. Orgs. Márcia Regina da Costa, Elisabeth Murilho da Silva. São Paulo: Educ, 2006.
- XAVIER, Denise Prates . **Repensando a periferia no período popular da história: o uso do território pelo movimento Hip Hop**. 2003, v. 1. p. 213-225. Tese (Mestrado em Geografia na Área de Concentração em Organização do Espaço).Universidade Estadual Paulista. Instituto de Geociências e Ciências Exatas. Rio Claro: 2005.



### **Bibliografia Consultada**

BENJAMIN, Walter, (1994) **Magia e técnica, arte e política; ensaios sobre literatura da cultura.**

In: \_\_\_\_\_ Obras escolhidas. 7ª Ed. São Paulo: Brasiliense, vol 1.

BUENO, Edir de Paiva; GUIDUGLI, Odeibler S. (2004) **A geografia e o estudo da segregação sócio-espacial.** In Geografia, Associação de Geografia Teorética. Rio Claro, v. 29, n.1. , p. 71-85.

CASTELLS, Manuel. (2000) **O poder da indentidade.** São Paulo: Paz e Terra.

CLAVAL, Paul. **Uma, ou Algumas, Abordagem (ns) Cultural (is) na Geografia Humana? Espaços Culturais: Vivências, imaginações e representações.** Angelo Serpa (org). Salvador: EDUFBA, 2008.

CLAVAL, Paul. **Campo e perspectivas da geografia cultural.** In Geografia Cultural: um século (3). Org. Roberto Lobato Corrêa, Zeny Rosendal. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002.

CLAVAL, Paul. **A paisagem dos geógrafos.** In Paisagens, textos e identidade. Org. Roberto Lobato Corrêa, Zeny Rosendal. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004.

CORREA, Roberto Lobato. **Trajetórias Geográficas.** 3ª. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

DAMATTA, Roberto. **A casa e a Rua.** Ed. Brasiliense – 1985. 164 p.

GESSA, Marília. **Por uma Poética do Rap.** In Língua, Literatura e Ensino. Maio de 2007- Vol II. [www.iel.unicamp.br/revista/index.php/le/article/view/18/14](http://www.iel.unicamp.br/revista/index.php/le/article/view/18/14)

FERREZ. **Capão pecado.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

GOLDDMANN, Lucien. **Ciências Humanas e Filosofia. Que é a Sociologia?** 2ª ed. Difusão Européia do Livro, 1970.

HUGHES, P.J.A. **Periferia: um estudo sobre a segregação socioespacial na cidade de São Paulo.** 2003. Dissertação (Doutorado) – PUC, São Paulo, dez. 2003. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/spp/v18n4/a11v18n4.pdf>

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICO. **Cidades.** Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/>

LAROSSA, Jorge. **Notas sobre a experiência e o saber da experiência.** In Revista Brasileira de Educação. 2002, nº 19. P. 20-28.

- LOWY, Michael e NAIR, Sami. **Lucien Goldmann, ou a dialética da totalidade**. São Paulo: Boitempo, 2008.
- MARANDOLA, Jr, E. **Geograficidade e espacialidade na literatura**. In: Geografia. Volume 34, número 3, dezembro de 2009.
- MAGRO, Viviane Melo de Mendonça. **Adolescentes como autores de si Próprios :Cotidiano ,Educação e o Hip Hop**. Cad. Cedes, Campinas, v. 22, n. 57, agosto/2002, p. 63-75. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br> . Acesso em: 20/10/2006.
- MORAES, Antônio Carlos Robert. **Geografia: Pequena história crítica**. 20<sup>a</sup>. ed. São Paulo: Anablume, 2005.
- NUNES, José Horta. Formação do leitor brasileiro: imaginário d terra no Brasil. Campinas. E. Unicamp. 1994
- RODA VIVA.TV Cultura. **Entrevista com Mano Brown**, exibida em 24/9/2007 .Disponível [http://www.rodaviva.fapesp.br/materia\\_busca/470/MANO%20BROWN/entrevistados/mano\\_brown\\_2007.htm](http://www.rodaviva.fapesp.br/materia_busca/470/MANO%20BROWN/entrevistados/mano_brown_2007.htm)
- SANTOS, Luiz Henrique dos e BRAGA , Roberto - in **Mapeamento do Movimento Hip-Hop na cidade de Rio Claro** (Artigo apresentado no Espaço de Diálogos e Práticas do XIV Encontro Nacional de Geógrafos- Rio Branco, Acre, 2005).
- SANTOS, Luiz Henrique dos. **O Hip Hop no interior do Estado de São Paulo, o caso da cidade de Rio Claro**. I Seminário de Pesquisas e Estudos Negros. IFCH/ IEL. UNICAMP. Campinas. 2006.
- SANTOS, Luiz Henrique dos. **Movimento Hip Hop e a extensão universitária: reflexões sobre a segregação sócio-espacial**. II Seminário de Pesquisas e Estudos Negros. IFCH/ IEL. UNICAMP. Campinas. 2007.
- SANTOS, M. **Espaço e Sociedade**. Petrópolis: Vozes, 1979.
- SANTOS, Milton. **O espaço do cidadão**. 5<sup>a</sup>. Edição São Paulo: Editora Studio Nobel. 2000. 142 p.
- SEEMANN, Jorn. **Mapeando Culturas e Espaços: Uma revisão para a geografia Cultural no Brasil**. In Geografia: Leituras culturais/ Organizadores: Maria Geralda de Almeida, Alecssandro JP Ratts. Goiânia: Alternativa, 2003
- SOARES, Luiz Eduardo; BILL, MV; ATHAYDE, Celso. **Cabeça de Porco**.1<sup>o</sup> Edição.Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2005. 295

**Sites consultados:**

<http://letras.mus.br/> , acessado no período integral da pesquisa entre março de 2010 até dezembro de 2012.

## **ANEXOS**

### **LETRAS ANALISADAS AGRUPADAS POR GRUPOS DE RAP**

## Letras analisadas do Grupo Racionais MC's

### 1) Periferia É Periferia

Este lugar é um pesadelo periférico  
 Fica no pico numérico de população  
 De dia a pivetada a caminho da escola  
 À noite vão dormir enquanto os manos  
 "decola"  
 Na farinha... hã! Na pedra... hã!  
 Usando droga de monte, que merda! há!  
 Eu sinto pena da família desses cara!  
 Eu sinto pena, ele quer mas ele não pára!  
 Um exemplo muito ruim pros moleque.  
 Pra começar é rapidinho e não tem breque.  
 Herdeiro de mais alguma Dona Maria  
 Cuidado, senhora, tome as rédeas da sua cria!  
 Fudeu, o chefe da casa, trabalha e nunca está  
 Ninguém vê sair, ninguém escuta chegar  
 O trabalho ocupa todo o seu tempo  
 Hora extra é necessário pro alimento  
 Uns reais a mais no salário, esmola do patrão  
 Cuzão milionário!  
 Ser escravo do dinheiro é isso, fulano!  
 360 dias por ano sem plano  
 Se a escravidão acabar pra voce  
 Vai viver de quem ? vai viver de que ?  
 O sistema manipula sem ninguém saber  
 A lavagem cerebral te fez esquecer  
 Que andar com as próprias pernas nao é difícil  
 Mais fácil se entrega, se omitir  
 Nas ruas áridas da selva  
 Eu já vi lágrimas, suficiente pra um filme de guerra

Aqui a visão já não é tão bela  
 Não existe outro lugar.  
 Periferia é periferia.(é gente pobre)

Um mano me disse que quando chegou aqui  
 Tudo era mato e só se lembra de tiro, aí  
 Outro maluco disse que ainda é embaçado  
 Quem não morreu, tá preso sossegado.  
 Quem se casou, quer criar o seu pivete ou não.  
 Cachimbar e ficar doido igual moleque, então.  
 A covardia dobra a esquina e mora ali.  
 Lei do Cão, Lei da Selva, hã...  
 Hora de subir !  
 "Mano, que treta, mano! Mó treta, você viu?  
 Roubaram o dinheiro daquele tio!"  
 Que se esforce sol a sol, sem descansar!  
 Nossa Senhora o ilumine, nada vai faltar.  
 É uma pena. Um mês inteiro de trabalho.  
 Jogado tudo dentro de um cachimbo, caralho!  
 O ódio toma conta de um trabalhador,  
 Escravo urbano.

Um simples nordestino.  
 Comprou uma arma pra se auto-defender.  
 Quer encontrar  
 O vagabundo, desta vez não vai ter... "foi"  
 "Qual que foi?"  
 Não vai ter "foi"  
 "Qual que foi?"  
 A revolta deixa o homem de paz imprevisível.  
 Com sangue no olho, impiedoso e muito mais.  
 Com sede de vingança e prevenido.  
 Com ferro na cinta, acorda na...  
 Madrugada de quinta.  
 Um pilantra andando no quintal.  
 Tentando, roubando as roupas do varal.  
 Olha só como é o destino, inevitável!  
 O fim de vagabundo, é lamentável!  
 Aquele puto que roubou ele outro dia  
 Amanheceu cheio de tiro, ele pedia !  
 Dezenove anos jogados fora!  
 É foda!  
 Essa noite chove muito.  
 Por que Deus chora.

Muita pobreza, estoura violência!  
 Nossa raça está morrendo.  
 Não me diga que está tudo bem!  
 Muita pobreza, estoura violência!  
 Nossa raça está morrendo.  
 Não me diga que está tudo bem!

Vi só de alguns anos pra cá, pode acreditar.  
 Já foi bastante pra me preocupar.  
 Com dois filhos, periferia é tudo igual.  
 Todo mundo sente medo de sair de madrugada  
 e tal.  
 Ultimamente, andam os doidos pela rua.  
 Loucos na fissura, te estranham na loucura.  
 Pedir dinheiro é mais fácil que roubar, mano!  
 Roubar é mais fácil que tramar, mano!  
 É complicado.  
 O vício tem dois lados.  
 Depende disso ou daquilo. Ou não, tá tudo  
 errado.  
 Eu não vou ficar do lado de ninguém, por quê?  
 Quem vende droga pra quem? Hã!  
 Vem pra cá de avião ou pelo porto ou cais.  
 Não conheço pobre dono de aeroporto e mais.  
 Fico triste por saber e ver  
 Que quem morre no dia a dia é igual a eu e a  
 você.

Periferia é periferia.  
 Periferia é periferia.(que horas são? Não  
 precisa responder...)  
 "Milhares de casas amontoadas"

Periferia é periferia.  
 "Vacilou, ficou pequeno. Pode acreditar"  
 Periferia é periferia.  
 "Em qualquer lugar. Gente pobre"  
 Periferia é periferia.  
 "Vários botecos abertos. Várias escolas vazias."  
 Periferia é periferia.  
 "E a maioria por aqui se parece comigo"  
 Periferia é periferia.  
 "Mães chorando. Irmãos se matando. Até quando?"  
 Periferia é periferia.  
 "Em qualquer lugar. É gente pobre."  
 Periferia é periferia.  
 "Aqui, meu irmão, é cada um por si"  
 Periferia é periferia.  
 "Molecada sem futuro eu já consigo ver"  
 Periferia é periferia.  
 "Aliados, drogados, então..."  
 Periferia é periferia.  
 "Deixe o crack de lado, escute o meu recado."

## 2)Voz Ativa

Eu tenho algo a dizer  
 E explicar pra você  
 Mas não garanto porém  
 Que engraçado eu serei dessa vez  
 Para os manos daqui!  
 Para os manos de lá!  
 Se você se considera um negro  
 Um negro será MANO !!!  
 Sei que problemas você tem demais  
 E nem na rua não te deixam na sua  
 Entre madames fodidas e os racistas fardados  
 De cérebro atrofiado não te deixam em paz  
 Todos eles com medo generalizam demais  
 Dizem que os negros são todos iguais  
 Você concorda...  
 Se acomoda então, não se incomoda em ver  
 Mesmo sabendo que é foda  
 Prefere não se envolver  
 Finge não ser você  
 E eu pergunto por que ?  
 Você prefere que o outro vá se foder.

Não quero ser o Mandela  
 Apenas dar um exemplo  
 Não sei se você me entende  
 Mas eu lamento que,  
 Irmãos convivam com isso naturalmente  
 Não proponho ódio, porém  
 Acho incrível que o nosso compromisso  
 Já esteja nesse nível  
 Mas Racionais, diferentes nunca iguais

Afrodinamicamente mantendo nossa honra  
 viva  
 Sabedoria de rua  
 O RAP mais expressiva(E ai...)  
 A juventude negra agora tem a voz ativa(Pode crer)

Você gosta, gosta, gosta, gosta de Nós(Hum...)  
 Somos Nós, Nós, Nós, Nós mesmos(Hum...)

Você gosta, gosta, (Scracthes..), gosta de Nós  
 Somos Nós, Nós, Nós, Nós mesmos(Hum...)

Você gosta, gosta, (Scracthes..), gosta de Nós  
 Somos Nós, (Scracthes..), Nós  
 mesmos(Hum...)

Você gosta de Nós  
 Somos Nós, (Scracthes..), Nós mesmos

Precisamos de um líder de crédito popular  
 Como Malcom X em outros tempos foi na América

Que seja negro até os ossos, um dos nossos  
 E reconstrua nosso orgulho que foi feito em destroços

Nossos irmãos estão desnorteados  
 Entre o prazer e o dinheiro desorientados  
 Brigando por quase nada  
 Migalhas coisas banais  
 Prestigiando a mentira  
 As falas desinformado demais

Chega de festejar a desvantagem  
 E permitir que desgatem a nossa imagem  
 Descendente negro atual meu nome é Brown  
 Não sou complexado e tal

Apenas Racional  
 É a verdade mais pura  
 Postura definitiva  
 A juventude negra  
 Agora tem voz ativa

Você gosta, (Scracthes..), gosta, gosta de  
 Nós(Hum...)  
 Somos Nós, Nós, Nós, Nós mesmos(Hum...)

Você gosta, (Scracthes..), gosta de Nós  
 Somos Nós, (Scracthes..), Nós  
 mesmos(Hum...)

Você gosta, (Scracthes..), gosta de Nós  
 Somos Nós, (Scracthes..), Nós  
 mesmos(Hum...)

Você gosta de Nós  
 Somos Nós, (Scracthes..), Nós mesmos

Mas da metade do país é negra e se esquece  
 Que tem acesso apenas ao resto que ele oferece  
 Tão pouco para tanta gente  
 Tanta gente  
 Tanta gente na mão de tão pouco  
 Pode crer  
 Geração iludida uma massa falida  
 De informações distorcidas  
 subtraídas da televisão

Fodidos estão sem nenhum propósito  
 Diariamente assinando o seu atestado de óbito

Pô to cansado de toda essa merda que eles  
 mostram na televisão  
 Todo dia mano...não aguento mais é foda  
 mano...

Mas onde estão  
 Meus semelhantes na TV  
 Nossos irmãos  
 Artistas negros de atitude e expressão  
 Você se põe a perguntar por que  
 Eu não sou racista  
 Mas meu ponto de vista é que  
 Esse é o Brasil que eles querem que exista  
 Evoluído e bonito, mas sem negro no destaque  
 Eles te mostram um país que não existe  
 Esconde nossa raiz  
 Milhões de negros assistem  
 Engraçado que de nós eles precisam  
 Nosso dinheiro eles nunca discriminam  
 Minha pergunta aqui fica  
 Desses artistas tão famosos  
 Qual você se identifica ?

Então, Lecy Brandão, Moisés da Rocha,  
 Thaíde e Dj Hum, Ivo Meireles, Moleques de  
 Rua e tal  
 E da Zona leste de São Paulo Grupo DMN.  
 Pode crer é isso aí.

Nossos irmãos estão desorientados  
 Entre o prazer e o dinheiro desorientados  
 Mulheres assumem a sua exploração  
 Usando o termo mulata como profissão  
 É mal...  
 (Chegou o Carnaval, Chegou o Carnal)  
 Modelos brancas no destaque  
 As negras onde estão...Ham  
 Desfilam no chão em segundo plano  
 Pouco original mais comercial a cada ano  
 O carnaval era a festa do povo  
 Era...mas alguns negros se venderam de novo  
 Brancos em cima negros em baixo  
 Ainda é normal, natural

400 anos depois, 1992 tudo igual  
 Bemvidos ao Brasil colonial e tal  
 Precisamos de nós mesmos essa é a questão  
 DMN meus irmãos descrevem com perfeição  
 então  
 Gostamos de nós brigarmos por nós  
 Acreditarmos mais em nós  
 Independente do que os outros façam  
 Tenho orgulho de mim, um rapper em ação  
 Nós somos negros sim de sangue e coração  
 Mano IceBlue me diz

Justiça é o que nos motiva a minha a sua  
 A nossa voz ativa

(Scracthes..)

Racionais

(Scracthes..)

Racionais

(Scracthes..)

Racionais

Ra, Ra, Racio, Ra, Ra, (Scracthes..), Ra, Ra,

(Scracthes..), Ra,(Scracthes..), Ra,

(Scracthes..), Ra, Racionais

### 3)Júri Racional

Você não tem amor próprio, fulano!  
 Nos envergonha, pensa que é o maior.  
 Não passa de um sem vergonha, em seus atos!  
 Por si só define sua personalidade.  
 Mas é a inferioridade que você sente no fundo.  
 Dá aos racistas imundos  
 razões o bastante pra prosseguirem nos  
 fodendo como antes.  
 Ovelha branca da raça, traidor!  
 Vendeu a alma ao inimigo, renegou sua cor!  
 Mas nosso júri é racional, não falha!  
 Por que?  
 Não somos fãs de canalha!  
 Existe um velho ditado do cativo que diz:  
 que o negro sem orgulho é fraco e infeliz.  
 Como uma grande árvore que não tem raiz.  
 Mas se assim você quis, então terá que pagar!  
 Porém agora os playboys, querem mais é que  
 se foda!  
 Você e e a sua raça toda!  
 Eles nem pensam em te ajudar!  
 Então! Olhe pra você e lembre dos irmãos!  
 Com o sangue espalhado, fizeram muitas  
 notícias!  
 Mortos na mão da polícia, fuzilados de braços  
 no chão.  
 Me causa raiva e indignação  
 a sua indiferença quanto à nossa destruição!

Mas, o nosso júri é racional, não falha!  
 Não somos fã de canalha! (2x)  
 As vagabundas que você a vida toda elogiara,  
 Se divertem hoje, e riem da sua cara.  
 Aquelas vacas usufruíram, usaram do pouco  
 que você tinha  
 até a última gota!  
 No entanto, não há outra...  
 E agora?  
 Você foi desprezado, jogado fora!  
 Você não precisa delas!  
 Se existem negras tão belas, e pode ter as  
 melhores,  
 Por que ficar com as piores?  
 Burguesas cadelas? pode crer,  
 estou falando sobre nossa auto-estima,  
 voce despreza seu irmão não dá a mínima;  
 mas nosso júri é racional, não falha!  
 Não somos fã de canalha! (2x)  
 "Aqui é o Mano Brown, descendente negro  
 atual,  
 Você está no júri racional e será julgado,  
 otário!  
 por ter jogado no time contrário.  
 O nosso júri é racional, não falha.  
 Não somos fã de canalha.  
 Prossiga mano Edy Rock e tal."  
 Gosto de Nelson Mandela, admiro Spike Lee.  
 Zumbi, um grande herói, o maior daqui.  
 São importantes pra mim, mas você ri e dá as  
 costas.  
 Então acho que sei da porra que você gosta:  
 Se vestir como playboy, frequentar  
 danceterias,  
 agradecer as vagabundas, ver novela todo dia,  
 que merda!  
 Se esse é seu ideal, é lamentável!  
 É bem provável que você se foda muito,  
 você se auto-destrói e também quer nos incluir.  
 Porém, não quero, não gosto, sou negro, não  
 posso,  
 não vou admitir!  
 Do que valem roupas caras, se não tem  
 atitude?  
 Do que vale a negritude, se não pô-la em  
 prática?  
 A principal tática, herança de nossa mãe  
 África!  
 A única coisa que não puderam roubar!  
 Se soubessem o valor que a nossa raça tem,  
 tingiam a palma da mão pra ser escura também  
 !  
 Mas nosso júri é racional, não falha!  
 Não somos fã de canalha!  
 O nosso júri é racional, não falha!

Não somos fã de canalha! (2x)  
 Quero nos devolver o valor, que a outra raça  
 tirou.  
 Esse é meu ponto de vista. Não sou racista,  
 morou?  
 Escravisaram sua mente e muitos da nossa  
 gente,  
 mas você, infelizmente,  
 sequer demonstra interesse em se libertar.  
 Essa é a questão: auto-valorização.  
 Esse é o título da nossa revolução.  
 Capítulo 1:  
 O verdadeiro negro tem que ser capaz  
 de remar contra a maré, contra qualquer  
 sacrifício.  
 Mas no seu caso é difícil: você só pensa no seu  
 benefício.  
 Desde o início, me mostram indícios  
 que seus artifícios são vistos pouco  
 originais, anormais,  
 artificiais, embranquiçados demais.  
 Ovelha branca da raça, traidor!  
 Vendeu a alma ao inimigo, renegou sua cor.  
 Mas nosso júri é racional, não falha!  
 Por quê? Não somos fã de canalha!  
 "Por unanimidade,  
 o júri deste tribunal declara a ação procedente.  
 E considera o réu culpado  
 Por ignorar a luta dos antepassados negros  
 Por menosprezar a cultura negra milenar.  
 Por humilhar e ridicularizar os demais irmãos.  
 Sendo instrumento voluntário do inimigo  
 racista.  
 Caso encerrado."

#### 4)Nego drama

##### Racionais Mc's

NEGRO DRAMA,  
 Entre o sucesso, e a lama,  
 Dinheiro, problemas,  
 Inveja, luxo, fama,

NEGRO DRAMA,  
 Cabelo crespo,  
 E a pele escura,  
 A ferida a chaga,  
 A procura da cura,

NEGRO DRAMA,  
 Tenta vê,  
 E não vê nada,  
 A não ser uma estrela,  
 Longe meio ofuscada,



Sente o Drama,  
O preço, a cobrança,  
No amor, no ódio,  
A insana vingança,

NEGRO DRAMA,  
Eu sei quem trama,  
E quem tá comigo,  
O trauma que eu carrego,  
Pra não ser mais um Preto Fudido,

O drama da Cadeia e Favela,  
Tumulo, sangue,  
Sirene, choros e velas,

Passageiro do Brasil,  
São Paulo,  
Agonia que sobrevivem,  
Em meia zorra e covardias,  
Periferias, velas e cortiços,

Você deve tá pensando,  
O que você tem a ver com isso,  
Desde o início,  
Por ouro e prata,

Olha quem morre,  
Então veja você quem mata,  
Recebe o mérito, a farda,  
Que pratica o mal,

me vê, Pobre, preso ou morto,

Já é cultural,  
Histórias, registros,  
Escritos,  
Não é conto,  
Nem fabula,  
Lenda ou mito,

Não foi sempre dito,  
Que preto não tem vez,  
Então olha o castelo e não,  
Foi você quem fez Cuzão,

Eu sou irmão,  
Dos meus truta de batalha,  
Eu era a carne,  
Agora sou a própria navalha,

Tim..Tim..

Um brinde pra mim,  
Sou exemplo, de vitórias,  
Trajetos e Glorias,

O dinheiro tira um homem da miséria,  
Mas não pode arrancar,  
De dentro dele,  
A Favela,

São poucos,  
Que entram em campo pra vencer,  
A alma guarda,  
O que a mente tenta esquecer,

Olho pra traz,  
Vejo a estrada que eu trilhei,  
Mococa,  
Quem teve lado a lado,  
E quem só fico na bota,  
Entre as Frases,  
Fases e varias etapas,

De quem é quem,  
Dos Manos e das Minas fraca,

Hum..

NEGRO DRAMA de estilo,  
Pra ser,  
E se for,  
Tem que ser,  
Se temer é milho,

Entre o gatilho e a tempestade,  
Sempre a provar,  
Que sou homem e não um covarde,  
Que Deus me guarde,

Pois eu sei,  
Que ele não é neutro,  
Vigia os rico,  
Mais ama os que vem do Gueto,

Eu visto Preto,  
Por dentro e por fora,

Guerreiro,  
Poeta entre o tempo e a memória,  
Hora,  
Nessa história,  
Vejo o dolar,  
E varios quilates,

Falo pro mano,  
Que não morra, e também não mate,  
O Tic Tac,  
Não espera veja o ponteiro,  
Essa estrada é venenosa,  
E cheia de morteiro,

Pesadelo,  
Hum,

É um elogio,  
Pra quem vive na guerra,  
A PAZ  
Nunca existiu,  
No clima quente,  
A minha gente soa frio,

tinha um Pretinho,  
Seu caderno era um Fuzil,

Um Fuzil,  
NEGRO DRAMA,

CRIME,FUTEBOL, MUSICA, CARAIHO,  
EU TAMBEM, VO CONSEGUI FUGI DISSO  
Ai,  
EU SO MAIS UM,  
FOREST CAMP é MATO,  
EU PREFIRO CONTAR UMA HISTORIA  
REAL,

Vou CONTA A MINHA....

Dai um filme,  
Uma negra,  
E uma criança nos braços,  
Solitária na floresta,  
De concreto e aço,

Veja,  
Olha outra vez,  
O rosto na multidão,  
A multidão é um monstro,

Sem rosto e Coração,

Hey,  
São Paulo,  
Terra de arranha-céu,  
A garoa rasga a carne,  
É a Torre de Babel,

Família Brasileira,  
2 contra o mundo,  
Mãe solteira,  
De um promissor,  
Vagabundo,

Luz,  
Câmera e Ação,

Gravando a cena vai,  
O Bastardo,

Mais um filho pardo,  
Sem Pai,

Hey,

Senhor de engenho,  
Eu sei,  
Bem quem é você,  
Sozinho, se num guenta,

Sozinho,  
Se num guenta a peste,

e disse que era bom,  
E a favela ouviu, la  
tambem tem  
Whiski, e Red Bull,  
Tênis Nike,  
Fuzil,

Admito,

Seus carro é bonito,  
Hé,  
E eu não sei fazer,  
Internet, Video-cassete,  
Os carro loko,

Atrasado,  
Eu to um pouco se,  
To,  
Eu acho sim,

Só que tem que,

Seu jogo é sujo,  
E eu não me encaixo,  
Eu so problema de montão,  
De carnaval a carnaval,  
Eu vim da selva,  
So leão,  
So demais pro seu quintal,

Problema com escola,  
Eu tenho mil,  
Mil fita,  
Inacreditavel, mas seu filho me imita,  
No meio de vocês,  
Ele é o mais esperto,  
Ginga e fala giria,  
Giria não dialeto,

Esse nao é mais seu,  
Hó,  
Subiu,  
Entrei pelo seu rádio,  
Tomei,

Se nem viu,  
Mais é isso ou aquilo,

O Que,  
Senão dizia,  
Seu filho quer ser Preto,  
Rhá,  
Que irônia,

Cola o pôster do 2 Pac ai,  
Que tal,  
Que se diz,  
Sente o NEGRO DRAMA,  
Vai,  
Tenta ser feliz,

Hey bacana,  
Quem te fez tão bom assim,  
O que se deu,  
O que se faz,  
O que se fez por mim,

Eu recebi seu Tic,  
Quer dizer Kit,  
De esgoto a céu aberto,  
E parede madeirite,

De vergonha eu não morri,  
To firmão,  
Eis-me aqui,

Voce não,  
Se não passa,  
Quando o mar vermelho abrir,

Eu sou o mano  
Homem duro,  
Do gueto, Brown,

Obá,

Aquele loko,  
Que não pode errar,  
Aquele que você odeia,  
ama nesse instante,  
Pele parda,  
Ouço Funk,

E de onde vem,  
Os diamante,  
Da lama,

Valeu mãe,

NEGRO DRAMA,  
DRAMA, DRAMA.

AE,  
NA ÉPOCA DOS BARRACO DE PAU LÁ  
NA PEDREIRA  
ONDE VOCÊS TAVAM?  
O QUE VOCÊS DERAM POR MIM ?  
O QUE VOCÊS FIZERAM POR MIM ?  
AGORA TÁ DE OLHO NO DINHEIRO QUE  
EU GANHO  
AGORA TÁ DE OLHO NO CARRO QUE  
EU DIRIJO  
DEMOROU, EU QUERO É MAIS  
EU QUERO É TER SUA ALMA  
AÍ, O RAP FEZ EU SER O QUE SOU  
ICE BLUE, EDY ROCK E KLJ, E TODA A  
FAMÍLIA  
E TODA GERAÇÃO QUE FAZ O RAP  
A GERAÇÃO QUE REVOLUCIONOU  
A GERAÇÃO QUE VAI REVOLUCIONAR  
ANOS 90, SÉCULO 21  
É DESSE JEITO  
AÍ, VOCE SAÍ DO GUETO,  
MAS O GUETO NUNCA SAÍ DE VOCE,  
MOROU IRMÃO  
VOCE TÁ DIRIGINDO UM CARRO  
O MUNDO TODO TÁ DE OLHO NI VOCÊ,  
MOROU  
SABE POR QUÊ?  
PELA SUA ORIGEM, MOROU IRMÃO  
É DESSE JEITO QUE VOCÊ VIVE  
É O NEGRO DRAMA  
EU NÃO LI, EU NÃO ASSISTI  
EU VIVO O NEGRO DRAMA, EU SOU O  
NEGRO DRAMA  
EU SOU O FRUTO DO NEGRO DRAMA  
AÍ DONA ANA, SEM PALAVRA, A  
SENHORA É UMA RAINHA, RAINHA  
MAS AE, SE TIVER Q VOLTAR PRA  
FAVELA  
EU VOU VOLTAR DE CABEÇA ERGUIDA  
PORQUE ASSIM É QUE É  
RENASCENDO DAS CINZAS  
FIRME E FORTE, GUERREIRO DE FÉ  
VAGABUNDO NATO!

### 5)Homem Na Estrada

Um homen na estrada recomeça sua vida.  
Sua finalidade: a sua liberdade,  
que foi perdida, subtraída;  
e quer provar a si mesmo que realmente  
mudou,  
que se recuperou e quer viver em paz,  
não olhar para trás,  
dizer ao crime: nunca mais!  
Pois sua infância não foi um mar de rosas, não.

Na Febem, lembranças dolorosas, então.  
 Sim, ganhar dinheiro, ficar rico, enfim.  
 Muitos morreram sim, sonhando alto assim,  
 me digam quem é feliz,  
 quem não se desespera vendo, nascer seu filho  
 no berço da miséria.  
 Um lugar onde só tinham como atração: o bar,  
 e o candomblé pra se tomar a benção.  
 Esse é o palco da história que por mim será  
 contada.  
 ...um homem na estrada.

Equilibrado num barranco incômodo, mal  
 acabado e sujo, porém, seu único lar, seu bem  
 e seu refúgio.  
 Um cheiro horrível de esgoto no quintal, por  
 cima ou por baixo, se chover será fatal.  
 Um pedaço do inferno, aqui é onde eu estou.  
 Até o IBGE passou aqui e nunca mais voltou.  
 Numerou os barracos, fez uma pá de  
 perguntas.  
 Logo depois esqueceram, filhos da puta!  
 Acharam uma mina morta e estuprada, deviam  
 estar com muita raiva.  
 "Mano, quanta paulada!"  
 Estava irreconhecível, o rosto desfigurado.  
 Deu meia noite e o corpo ainda estava lá,  
 coberto com lençol, ressecado pelo sol, jogado.  
 O IML estava só dez horas atrasado.  
 Sim, ganhar dinheiro, ficar rico, enfim.  
 Quero que meu filho nem se lembre daqui,  
 tenha uma vida segura.  
 Não quero que ele cresça com um "oitão" na  
 cintura e uma "PT" na cabeça.  
 E o resto da madrugada sem dormir, ele pensa  
 o que fazer para sair dessa situação.  
 Desempregado então.  
 Com má reputação.  
 Viveu na detenção.  
 Ninguém confia não.  
 ...e a vida desse homem para sempre foi  
 danificada.  
 Um homem na estrada...  
 Um homem na estrada..

Amanhece mais um dia e tudo é exatamente  
 igual.  
 Calor insuportável, 28 graus.  
 Faltou água, já é rotina, monotonia, não tem  
 prazo pra voltar, hã! já fazem cinco dias.  
 São dez horas, a rua está agitada, uma  
 ambulância foi chamada com extrema  
 urgência.  
 Loucura, violência exagerada. Estourou a  
 própria mãe, estava embriagado.

Mas bem antes da ressaca ele foi julgado.  
 Arrastado pela rua o pobre do elemento, o  
 inevitável linchamento, imaginem só!  
 Ele ficou bem feio, não tiveram dó.  
 Os ricos fazem campanha contra as drogas e  
 falam sobre o poder destrutivo delas.  
 Por outro lado promovem e ganham muito  
 dinheiro com o álcool que é vendido na favela.

Empapuçado ele sai, vai dar um rolê.  
 Não acredita no que vê, não daquela maneira:  
 crianças, gatos, cachorros disputam palmo a  
 palmo seu café da manhã na lateral da feira.  
 Molecada sem futuro, eu já consigo ver, só vão  
 na escola pra comer, apenas nada mais. Como  
 é que vão aprender sem incentivo de alguém,  
 sem orgulho e sem respeito,  
 sem saúde e sem paz.  
 Um mano meu tava ganhando um dinheiro,  
 tinha comprado um carro, até rolex tinha!  
 Foi fuzilado a queima roupa no colégio,  
 abastecendo a playboyzada de farinha.  
 Ficou famoso, virou notícia, rendeu dinheiro  
 aos jornais, hu!, cartaz à policia.  
 Vinte anos de idade, alcançou os primeiros  
 lugares... superstar do Notícias Populares!  
 Uma semana depois chegou o crack, gente rica  
 por trás, diretoria.  
 Aqui, periferia, miséria de sobra.  
 Um salário por dia garante a mão-de-obra.  
 A clientela tem grana e compra bem, tudo em  
 casa, costa quente de sócio.  
 A playboyzada muito louca até os ossos!  
 Vender droga por aqui, grande negócio.  
 Sim, ganhar dinheiro ficar rico enfim,  
 Quero um futuro melhor, não quero morrer  
 assim,  
 num necrotério qualquer, como indigente, sem  
 nome e sem nada,  
 o homem na estrada.

Assaltos na redondeza levantaram suspeitas,  
 logo acusaram a favela para variar,  
 E o boato que corre é que esse homem está  
 com o seu nome lá na lista dos suspeitos,  
 pregada na parede do bar.

A noite chega e o clima estranho no ar,  
 e ele sem desconfiar de nada, vai dormir  
 tranquilamente,  
 mas na calada, caguetaram seus antecedentes.  
 Como se fosse uma doença incurável, no seu  
 braço a tatuagem: DVC, uma passagem , 157  
 na lei...  
 No seu lado não tem mais ninguém.

A Justiça Criminal é implacável.  
 Tiram sua liberdade, família e moral.  
 Mesmo longe do sistema carcerário, te  
 chamarão para sempre de ex presidiário.  
 Não confio na polícia, raça do caralho.  
 Se eles me acham baleado na calçada, chutam  
 minha cara e cospem em mim é..  
 eu sangraria até a morte... Já era, um abraço!.  
 Por isso a minha segurança eu mesmo faço.

É madrugada, parece estar tudo normal.  
 Mas esse homem desperta, presentindo o mal,  
 muito cachorro latindo.  
 Ele acorda ouvindo barulho de carro e passos  
 no quintal.  
 A vizinhança está calada e insegura,  
 premeditando o final que já conhecem bem.  
 Na madrugada da favela não existem leis,  
 talvez a lei do silêncio, a lei do cão talvez.  
 Vão invadir o seu barraco, "É a polícia"!  
 Vieram pra arregaçar, cheios de ódio e malícia,  
 filhos da puta, comedores de carniça!  
 Já deram minha sentença e eu nem tava na  
 "treta", não são poucos e já vieram muito  
 loucos.  
 Matar na crocodilagem, não vão perder  
 viagem, quinze caras lá fora, diversos calibres,  
 e eu apenas com uma "treze tiros" automática.  
 Sou eu mesmo e eu, meu deus e o meu orixá.  
 No primeiro barulho, eu vou atirar.  
 Se eles me pegam, meu filho fica sem  
 ninguém.  
 É o que eles querem: mais um "pretinho" na  
 Febem.  
 Sim, ganhar dinheiro ficar rico enfim, a gente  
 sonha a vida inteira e só acorda no fim, minha  
 verdade foi outra, não dá mais tempo pra  
 nada... bang! bang! bang!

" Homem mulato aparentando entre vinte e  
 cinco e trinta anos é encontrado morto na  
 estrada do M'Boi Mirim sem número. Tudo  
 indica ter sido acerto de contas entre  
 quadrilhas rivais, segundo a polícia, a vítima  
 tinha "vasta ficha criminal". "

## Letra analisada do grupo Z'AFRICA BRASIL

### 1)Antigamente Quilombo, Hoje Periferia

Aqui sentindo flores prometeram um mundo novo  
 Favela viela morro tem de tudo um pouco  
 Tentam alterar o DNA da maioria, Rei Zumbi.  
 Antigamente Quilombos Hoje Periferia  
 Levante as caravelas aqui não daremos tréguas não, não  
 Então que venha a guerra  
 Zulu Z'Africa Zumbi aqui não daremos trèguas não, não  
 Então que venha a guerra

Sempre a mil aqui Z'Africa Brasil  
 Pra quem fingiu que não viu a cultura resistiu  
 Num faroeste de caboclos revolucionários  
 È o Z Zumbi que Zumbizine Zumbado do Zumbizado  
 A lei da rua quem faz è você no proceder  
 Querer è poder, atitude è viver  
 Hoje centuplicarei o meu valor  
 Eliminando a dor que afeta o meu interior  
 Querem nos destruir mas não vão conseguir  
 Se aumentam a dosagem mas iremos resistir  
 Evoluir não se iludir com inimigo  
 Que transforma cidadão em bandido, perito em latrocínio.  
 Os hereditários sempre tiveram seus planos  
 Ao lado de uma par de dólar furado e falso e se encantam  
 È cadeira de balanço ou è cadeira elétrica  
 Gatilhos tiros na favela e o sangue escorre na viela  
 Um dia sonhei que um campinho da quebrada era uma fábrica da Taurus  
 Ainda bem que era um sonho e à fiquei um pouco aliviado  
 Mas algo em meu pensamento dizia pra mim  
 Porra se na periferia ninguém fabrica arma quem abastece isso aqui  
 O sistema não está do lado da maioria  
 Já estive por aqui sei lá quantas vidas e continua a covardia,  
 Esquenta não, somos madeira que cupim não rói, a gente supera  
 todas as drogas e as armas que estão aqui devolveremos em guerra

Mundo abominado desorientado não seja um mini-game manipulado  
 Iguinando a ação do sistema, mas por outro lado

Faça sua Taboca, levante sua Paliçada  
 Prepare-se não acredite em contos de fardas  
 A fumaça è o veneno que destrói as flores  
 A visão do mundo em diversos fatores subjugado à valores  
 Consumem a essência em troca a sobrevivência  
 Assim espalham a doença a fé,e a crença  
 E o povo lamenta tantos destroços tanta perda  
 Fiu de quientos volts em muitas consciências, vejão  
 Ulcera de ozônio, pânico da atmosfera  
 As coisas não estão nada bela, SOS planeta terra  
 Acredite à milhões de anos o poder impera, o oprimido resiste  
 e o opressor insisti na guerra,  
 Refugiu,ver nuvem negra brilhar sistema o alvo certo  
 O mal aplicado diante de princípios morais lamentos, levantamentos  
 Históricos monumentos  
 Carne e osso meu corpo não è blindado seu peito  
 Biografia plano real  
 Agora nos encontramos mau excelentíssimo senhor presidente  
 do território nacional  
 Do sistema escudo, guerrilheiros do mundo duque13 blefou  
 Zumbi,o redentor, agora o jogo virou,quilombos guerreou, periferia acordou  
 Cansamos de promessas, volta pro mato capitão  
 pois ja estamos em guerra

Medito a ação, hino da redenção  
 Os deuses encorajaram as almas dos fortes a não se perder a ilusão, hê  
 Na sombra do otário que se esconde o mané, hê  
 Na hora que o bicho pega que a gente vê qual è que è  
 evite atrazalado, tem pangarè que não vale um prato  
 Aqui è lobo do mato, tem xerife assustado com o cavaleiro solitário  
 Abre-ti sésamo, mim não gosta de cara pálida acham que sabem tudo mas na verdade não sabem nada  
 Controlam as doenças, controlam dinheiro, Controlam cartéis, controlam os puteiros  
 Modificam o ar, criam cérebros atômicos  
 È o pai de família na porta do bar, enquanto o

filho está matando  
Sugam da terra injetam no próprio homem  
Alteram a natureza, Óleo no mar, fogo no  
monge  
Jardins do éden, as flores tem cheiro de morte  
Olhe o seu próprio cocktail molotov

## Letras analisadas do rapper Criolo

### 1) Não Existe Amor Em Sp

Não existe amor em SP  
Um labirinto místico  
Onde os grafites gritam  
Não dá pra descrever  
Numa linda frase  
De um postal tão doce  
Cuidado com doce  
São Paulo é um buquê  
Buquês são flores mortas  
Num lindo arranjo  
Arranjo lindo feito pra você

Não existe amor em SP  
Os bares estão cheios de almas tão vazias  
A ganância vibra, a vaidade excita  
Devolva minha vida e morra afogada em seu  
próprio mar de fel  
Aqui ninguém vai pra céu

Não precisa morrer pra ver Deus  
Não precisa sofrer pra saber o que é melhor pra  
você  
Encontro duas nuvens em cada escombros, em  
cada esquina  
Me dê um gole de vida  
Não precisa morrer pra ver Deus

### 2) Bogotá

"fique atento irmão!  
Fique atento, quando uma pessoa lhe oferece  
um caminho mais curto.  
Quando uma pessoa lhe oferece um caminho  
mais curto, fique atento."

Vamos embora para Bogotá  
Muambar  
Muambei  
Vamos cruzar Transamazônica  
Pra levar  
Pra freguês  
Vai ser melhor do que em Pasárgada  
Agradar  
Até o rei

Se você quer amor, chegue aqui  
Se quer esquecer a dor, venha pra cá  
Pois a ilusão é doce como o mel  
E cada um sabe o preço do papel  
Quem tem  
E de onde vem  
Es qualité no exterior

Vamos embora para Bogotá  
Muambar  
Muambei  
Vamos cruzar Transamazônica  
Pra levar  
Pra fregues  
Vai ser melhor do que em Pasárgada  
Agradar  
Até o rei

Desde pequeno sabe o que é isso:  
No fio da navalha  
Brincar no precipício  
A vida e a morte  
Escolha o seu troféu  
Pois cada um sabe o preço do papel  
Quem tem  
E de onde vem  
Es qualité no exterior

Vamos embora para Bogotá  
Muambar  
Muambei  
Vamos cruzar Transamazônica  
Pra levar  
Pra freguês  
Vai ser melhor do que em Pasárgada  
Agradar  
Até o rei

### 3) Sucrilhos

Calçada pra favela, avenida pra carro,  
céu pra avião, e pro morro descaso.  
Cientista social, Casas Bahia e tragédia,  
Gostam de favelado mais que Nutella  
Quanto mais ópio você vai querer?  
Uns preferem morrer ao ver o preto vencer  
É papel alumínio todo amassado,  
Esquenta não mãe é só uma cabeça de alho...  
Cartola virá que eu vi,  
Tão lindo e forte e belo como Muhammad Ali  
Cantar rap nunca foi pra homem fraco  
Saber a hora de parar é pra homem sábio  
Rico quer levar uma com nós, 'cê que sabe...  
Quero ver pagar de loco lá em Abu Dhabi.  
Eu sou nota 5 e sem provoca alarde,  
Nota 10 é Dina Di DJ Primo e Sabotage.

Pode colar, mas sem arrastar,  
Se arrastar, a favela vai cobrar...  
Acostumado com sucrilhos no prato,  
Morango só é bom com a preta de lado.

O planeta jaz e a trombeta do Satanás,  
Usain Bolt se não correr fica pra trás  
Querer tapar o sol com a peneira é feio demais



E cocaína desgraça a vida de um bom rapaz...  
 Trilha Sonora do Gueto, Rappin Hood e  
 Facção,  
 Fazem o povo cantar com emoção  
 Zona Sul... Haja coração!  
 Dez mil pessoas numa favela, na quermesse do  
 Campão,  
 Então Di Cavalcanti, Oiticica e Frida Kahlo  
 Têm o mesmo valor que a benzedeira do bairro  
 Disse que não ali o recém formado entende,  
 Não vou espera você ficar doente...  
 Cantar rap nunca foi pra homem fraco  
 Saber a hora de parar é pra homem sábio...  
 Vacilou no jab, fio, é lona!  
 Criolo Doido não é garapa,  
 A ideia é rápida mais soma.

Pode colar, mas sem arrastar,  
 Se arrastar, a favela vai cobrar...  
 Acostumado com sucrilhos no prato,  
 Morango só é bom com a preta de lado.

Eu tenho orgulho da minha cor,  
 Do meu cabelo e do meu nariz.  
 Sou assim e sou feliz.  
 Índio, caboclo, cafuso, crioulo! Sou brasileiro!

#### 4) Subirusdoistiozin

(Tem uns menino bom novo hoje aí na rua,  
 pra lá e pra cá, que corre pelo certo..  
 Mas já tem uns também que eu vou te falar,  
 viu.. só por Deus, viu! Ave Maria!)

Mandei falá, pra não arrastá, não botaram fé,  
 subirusdoistiozin  
 O baguio é loco, o sol tá de rachá, vários de  
 campana aqui na do campin  
 Má quem quer pretá, má quem qué branca,  
 todo azulê requer seu rejuntin  
 Pleno domingo, flango ou macalão, se o  
 negócio é bão, cê fica é chineizin  
 Cença aqui patrão, aqui é a lei do cão, quem  
 sorri por aqui, quer ver tu cair  
 É, é... justo é Deus, o homem não, ouse me  
 julgá, tente a sorte fi.

Para pa pa, para pa pa, para pa pa, para para  
 papa (4x)

Só função no doze, na garagem um Golf,  
 bonitão na praia de Hornet, fi  
 Tudo isso tem, e o apetite vai, pra bater de  
 front, e Babylon cair  
 As criança daqui, tão de HK, leva no sarau,  
 salva essa alma aí  
 Os perreco vem, os perreco vão, as vadia quer,

mas nunca vão subir  
 Cença aqui patrão, eu cresci no mundão, onde  
 o filho chora e a mãe não vê  
 E covarde são, quem tem tudo de bom, e  
 fornece o mal, pra favela morrer

Uns acham que são, mas nunca vão ser  
 Feio é arrastar e nem perceber

Para pa pa, para pa pa, para pa pa, para para  
 papa (4x)

Só função no doze, na garagem um Golf,  
 bonitão na praia de Hornet, fi  
 É, tudo isso tem e o apetite vai, pra bater de  
 from e Babylon cair  
 As criança daqui, tão de HK, leva no sarau,  
 salva essa alma aí  
 Os perreco vem, os perreco vão, as vadia quer,  
 mas nunca vão subir  
 Licença aqui patrão, eu cresci no mundão,  
 onde o filho chora e a mãe não vê  
 E covarde são, quem tem tudo de bom, e  
 fornece o mal, pra favela morrer

(Acostumado com sucrilhos no prato, né,  
 moleque?)

(Enquanto o colarinho branco dá o golpe no  
 Estado)

#### 5) Lion Man

E se fosse pra ter medo dessa estrada  
 Eu não estaria há tanto tempo nessa caminhada  
 Artista independente leva no peito a responsa,  
 tiozão  
 E não vem dizer que não  
 Um lance, uma passagem, o tabuleiro causa  
 medo  
 O teu olhar é o desenho do desespero, e já era!  
 Tua rainha tá ciscando, já era!  
 Vai caí o rei

Vamos às atividades do dia:  
 Lavar os corpos, contar os corpos e sorrir  
 A essa borda rebeldia

Só os loco  
 O Criolo qué colá pra somá  
 Sempre foi assim, ã! o que vivi  
 Acho melhor não desacreditar, fi  
 Os muleque é novim e faz um dinheiro sim

Uma mente moderna, porém mal acabada  
 É o ser humano, o egoísmo e uma draga  
 Pátria amada, o que oferece aos teus filhos

sofridos  
Dignidade ou jazigos?

O cordeiro vira lobo, e o lobo tem seu ofício  
É a uva, o trigo, a casta é o orifício  
E quem fornece a brisa? (Bééééé)  
Se fortalece no punhado de desgraçados mal-  
amados  
Que só querem matar a fome

E agora, quem é mais ou menos homem?  
Irmãos, na pior situação  
MC bom é mais que Photoshop, refrão

E já era!  
Sua rainha tá ciscando  
Já era!  
O país tá no abandono  
Já era!  
O planeta tá morrendo  
Já era!  
Vai caí o rei

Retomando às atividades do dia:  
Lavar os corpos, contar os corpos e sorrir  
A essa borda rebeldia

Só os loco  
O Criolo qué colá pra somá  
Sempre foi assim, ã! o que vivi  
Acho melhor não desacreditar, fi  
Os muleque é novim e faz um dinheiro sim

Abandonado cão, sozinho na multidão  
A solidão no coração de alguém  
Paz para os meus irmãos  
Seguitem nesse mundão  
Criolo no estilo Lion Man

## Letras analisadas do Rapper EMICIDA

### 1) Dedo Na Ferida

Scratchs (pimenta nos zóio dos políticos)  
 Foda-se vocês, foda-se suas leis!  
 Scratchs (a fúria negra ressuscita outra vez)  
 Foda-se vocês, foda-se suas leis!  
 Scratchs (anota meu recado)  
 Foda-se vocês, foda-se suas leis!  
 Scratchs (primeiro eu quero que se foda)  
 Renan samam, emicida, o rap ainda é o dedo na ferida

Vi condomínios rasgarem mananciais  
 A mando de quem fala de deus e age como satanás.  
 (uma lei) quem pode menos, chora mais,  
 Corre do gás, luta, morre, enquanto o sangue escorre  
 É nosso sangue nobre, que a pele cobre,  
 Tamo no corre, dias melhores, sem lobby.  
 Hei, pequenina, não chore.  
 Tv cancerígena,  
 Aplauda prédio em cemitério indígena.  
 Auschwitz ou gueto? índio ou preto?  
 Mesmo jeito, extermínio,  
 Reportagem de um tempo mau, tipo plínio.  
 Alphaville foi invasão, incrimine-os  
 Grito como fuzis, uzis, por brasis  
 Que vem de baixo, igual machado de assis.  
 Ainda vivemos como nossos pais elis  
 Quanto vale uma vida humana, me diz?

Foda-se vocês, foda-se suas leis!  
 Scratchs (a furia negra ressuscita outra vez)  
 Foda-se vocês, foda-se suas leis!  
 Scratchs (anota meu recado)  
 Foda-se vocês, foda-se suas leis!  
 Scratchs (primeiro eu quero que se foda)  
 Renan samam, emicida, o rap ainda é o dedo na ferida...

É só um pensamento, bote no orçamento  
 Nosso sofrimento, mortes e lamentos,  
 Forte esquecimento de gente em nosso tempo  
 Visto como lixo, soterrado nos desabamento  
 Em favela, disse marighella. elo  
 Contra porcos em castelo  
 O povo tem que cobrar com os parabelo  
 Porque a justiça deles, só vai em cima de quem usa chinelo  
 E é vítima, agressão de farda é legítima.  
 Barracos no chão, enquanto chove.  
 Meus heróis também morreram de overdose,  
 De violência, sob coturnos de quem dita decência.

Homens de farda são maus, era do caos,  
 Frios como halls, engatilha e plau!  
 Carniceiros ganham prêmios,  
 Na terra onde bebês, respiram gás lacrimogênio.

Foda-se vocês, foda-se suas leis!  
 Scratchs (a fúria negra ressuscita outra vez)  
 Foda-se vocês, foda-se suas leis!  
 Scratchs (anota meu recado otario)  
 Foda-se vocês, foda-se suas leis!  
 Scratchs (primeiro eu quero que se foda, depois eu quero que se dane)  
 Renan samam, emicida, o rap ainda é o dedo na ferida.

### 2) Triunfo

Não escolhi fazer rap não, na moral  
 O rap me escolheu porque eu aguento sem real  
 Como se faz necessário, tiozão  
 Uns rimam por ter talento, eu rimo porque eu tenho uma missão  
 Sou porta-voz de quem nunca foi ouvido  
 Os esquecidos lembram de mim porque eu lembro dos esquecidos  
 Tipo embaixador da rua  
 Só de ver o brilho no meu olho os falso já recua  
 Vários cordeiro em pele de lobo gritando que tá pronto, eu vi  
 Não é de pegar o dinheiro igual puta faz ponto, aqui  
 Teme o confronto, em si, me dá um desconto, aí  
 Caminho nas calçada, sempre, nunca te vi  
 Enquanto os otário se acha os valor se perde  
 Sobra pra quem tem e falta, ser isso pra mim não serve  
 Não mano! Não tô com os verme panguando  
 Montando as track, eu e os muleque tamo trampando  
 Burlando as lei, um bagulho eu sei  
 Já que o rei não vai virar humilde eu vou fazer o humilde virar rei  
 Me entenda nesse instante  
 Essa cerimônia marca o começo do retorno do império 'Ashanti'  
 Atabaques vão suar como os tambores de guerra  
 Meu exército marchando pelas rua de terra  
 Pra tirar as medalha dos canalha sem aura boa  
 Um triunfo memo pra nós é o sorriso da coroa  
 Nós quer mulher sim, quer um dim também  
 Quer vê tudo os neguinho lá, vivendo bem  
 Só que aí pra mim a luta vai além

Quem pensar pequenininho tio, vai morrer sem  
 Não faço mais que alguém não, só sai da lama  
 Os que caiu foi porque confundiu respeito e  
 fama  
 Na minha cabeça não existe equívoco ameno  
 O jogo é sujo, mais ganha mais quem errar  
 menos  
 Eu fiz meu próprio caminho e meu caminho  
 me fez  
 Não é qualquer dinheirinho que vai tira lucidez  
 Que eu carrego na mente, tio  
 Segunda chance é só no video-game então é  
 bom ficar ligeiro viu!

Refrão:  
 Na pista, pela vitória, pelo triunfo  
 conquista, se é pela glória, uso meu trunfo  
 \*"A rua é nóiz, nóiz, nóiz"\*

Milhares de olhares imploram socorro na  
 esquina  
 No morro a fila anda a caminho da guilhotina  
 Várias queima de arquivo diária com a fome  
 E vão amontuando os corpo de quem não tem  
 sobrenome  
 Eu vi, com os próprios olhos a sujeira do jogo  
 Minha conclusão é que muito buzo ainda vai  
 pegar fogo  
 Aí, todo maloqueiro tem em si  
 Motivação pra ser Adolf Hitler ou Gandhi  
 E se a maioria de nós partisse pro arrebento?  
 A porra do congresso tava em chama faz  
 tempo!  
 Eu nasci junto a pobreza que enriquece o  
 enredo  
 Eu cresci onde os muleque vira homem mais  
 cedo  
 Com as mochila do aluno, presente, as tag com  
 nome  
 As garrafa de vinho nas costas dos neguinho  
 Não vim pra traír minhas convicções, em nome  
 das ambições  
 E arrebatam multidões, ao diluir meus refrões  
 Não! eu podia, e se eu quisesse vendia  
 Mas sou tudo aquilo que pensaram que  
 ninguém seria  
 Se o rap se entregar favela vai ter o que?  
 Se o general fraquejar soldado vai ser o que?  
 Tem mais de mil muleque aí querendo ser eu  
 Imitando o que eu faço, "tio, se eu errar  
 fudeu!"  
 Ser MC é conseguir ser H ponto aço  
 No fim das contas fazer rima é a parte mais  
 fácil  
 Já escrevi rap com as ratazana passeando em

volta  
 Tio! goteira na telha, tremendo de frio  
 Quantos morreu assim e no fim quem viu!?  
 Meu, cês ainda quer memo ser mais rua que  
 eu!?

Refrão:  
 Na pista, pela vitória, pelo triunfo  
 conquista, se é pela glória, uso meu trunfo  
 \*"A rua é nóiz, nóiz, nóiz"\*

### 3) Rua Augusta

As maquiagem forte esconde os hematoma na  
 alma.  
 Fumando calma ela observa os faróis que vem  
 e vão, viver em vão.  
 Os que vem e não te tem são se necessário  
 homem de bem fujão.  
 Que não agüentou ser solitário.  
 Mema grana que compra sexo, mata o amor.  
 Traz a felicidade, também chama o rancor.  
 As madrugada que testemunho vermelho sangue  
 na unha.  
 Sem nome varias "alcunha" dentro da bolsa de  
 punho.  
 Garota propaganda da cidade fria em seus  
 caminhos.  
 1 milhão de seres 1 milhão de seres sozinhos.  
 Sonha como se não vivesse, vive se  
 perguntando.  
 Porque que não morre mistura lagrima e suor  
 no corre.  
 Conta dinheiro no banco do passageiro e só.  
 Que vira leite pro filho ou 15 gramas de pó.  
 Foda-se se é erro quem fez o certo? Jesus.  
 E seis agradeceram como ? Pregando ele numa  
 cruz!

Cortando às hora com um casaco de "vizon"  
 No olho a cor ta combinando com o batom  
 Atenta nas buzina ela vai pelo som  
 Escrevendo sua história com neon...

E o neon piscando no motel as vezes falha.  
 Auto-ditada aprimora o estilo enquanto  
 trabalha.  
 E se flagra chorando em frente ao espelho.  
 Bola mais um acende puxa disfarça o olho  
 vermelho. Volta..  
 O seu novo amor ta de partida.  
 Ele espera acaba a noite ela espera acaba a  
 vida  
 Cada cigarro leva 1 ano de sofrimento.  
 Ela manda um maço, e de novo ta pronta pro  
 arrebento.  
 Ri com os "traveco" no breu, com o vulgo que

a rua deu.  
 Entra no carro se lembrando das amigas que morreu, Sampa...  
 Pra quem vem de fora é uma beleza.  
 Mas a única coisa que todos tem aqui é a certeza.  
 Seu pai só reclamava enquanto trampava ela dormia.  
 Isso não deixava a vida nos conforme.  
 Pra se redimir ela vaga todas as madrugada ai.  
 Fazendo um dim como pode enquanto ele dorme.

Cortando às hora com um casaco de "vizon"  
 No olho a cor ta combinando com o batom  
 Atenta nas buzina ela vai pelo som  
 Escrevendo sua história com neon...

A vizinhança réu, um mar de juiz papel.  
 Afago pra lá infeliz, mais um trago miss.  
 Com sorte passaporte América do norte.  
 Please.

Europa diz "ahhhh" um sonho eu quis.  
 Assassina por um rato, num motel barato.  
 Agoniza na cama DRAMA, estatística fato.  
 Um nóia sujo advogado bêbado confuso.  
 Pai de família, pastor com a fé em desuso.  
 Matilha de dois ou de homem grande vilão.  
 Cliente frio produto sem coração.  
 Corpo marcado cicatriz de gado, ao relento.  
 Vai pra coleção de sofrimento.  
 Princesa dos esgoto sujo seio novo sobre o bojo.  
 Virgem em solo inimigo, NOJO!  
 Esperança triste.  
 Adubo do sonho da infância pura, buscando em si se isso ainda existe.

#### 4) Zica, Vai Lá

Meu treinador é Deus  
 Me escalou pra jogar  
 Olhou pro banco e disse:  
 Zica, vai lá!  
 Comprimentei os meus  
 Me benzi pra atacar  
 Lembrei da frase ali:  
 Zica, vai lá!

Como Zumbi em Palmares, ual!  
 Difícil ver meu nome, sem ter um zum zum natural  
 Tipo as Br, solo nacional  
 Anderson Silva, eles mosca, chego e plau!!  
 15 minutos de fama, business  
 Os meus já duram anos, vamos, liguem pro guiness

Pane nos times, bom tema pra filmes  
 Por parecer mentira, tipo reclame fitness  
 Sobrevivi no inferno, a meta?  
 Ser alvo de câmeras que não fossem do circuito interno  
 De social, terno  
 Pois somos como Cuiabá, quentes até no inverno  
 Aí, ó como o tio compete  
 O céu é o limite? Isso serviu em dois mil e sete  
 Rua, como dar panfleto  
 Vim botar pra foder  
 E você sabe o que eles dizem sobre os pretos?

Meu treinador é Deus  
 Me escalou pra jogar  
 Olhou pro banco e disse:  
 Zica, vai lá!  
 Comprimentei os meus  
 Me benzi pra atacar  
 Lembrei da frase ali  
 Zica, vai lá!

Gravadoras crêem que sorte gera um Emicida  
 Eu creio que isso também é o que as mantém com vida  
 Fomos lebre e tartaruga na corrida  
 Normal, até a tartaruga mandar tchau  
 Ouça, vem cá, moça, tem lá,  
 Cem bar bem prá, quem tá, a moscá  
 Roubar nem dá, tentar sei lá  
 Ousar, Neymar, vou pra reinar  
 Contar glória sem par, ta ligado?  
 Vermes, lembram transformers, a vingança dos derrotados  
 Zuados versos, refrões  
 Eles tocam nos ipods? Eu toco nos corações  
 Maloqueiro perdido no lodo  
 No primeiro como recém nascido, baguncei o tabuleiro todo  
 Meu ritual, sem Anthony Hopkins  
 Sou da norte, mas é mais fácil me ver nos Trending Topics

Meu treinador é Deus  
 Me escalou pra jogar  
 Olhou pro banco e disse:  
 Zica, vai lá!  
 Comprimentei os meus  
 Me benzi pra atacar  
 Lembrei da frase ali:  
 Zica, vai lá!

Era maderite, muleque, fut, grafitis e black books  
 Hoje beats, Mac books, hits em Ipads, puts

Sem cockpit, ou breque, lute, pique greve, cut  
Kits, cheques surgem, blitz, Raps curte?  
Tipo felá kuti, pela cútis também, por que não?  
Ein? Então...

Tô tão bem nas esquina que a Intel patrocina  
E nem sei o que tem haver processador e rima  
E é melhor cês aprender a lidar com toda essa  
inveja, esse ódio

Botei a rua no pódio, óbvio

Que não tá no meus planos, tira-lá de lá no  
próximo episódio

Em poucos takes, puz mix tapes

No Top Dez discos do ano e eles odeiam Rap  
lá mano!

Amor e flow, muito flow

Respeita quem pode chegar onde a gente  
chegou!

Meu treinador é Deus

Me escalou pra jogar

Olhou pro banco e disse:

Zica, vai lá!

Comprimentei os meus

Me benzi pra atacar

Lembrei da frase ali:

Zica, vai lá!

### 5) Pequenas Empresas (part. Mv Bill e Don Pixote)

Corre, loco, esquina, sente o clima

Matéria prima e vai

Tempo é pouco, a firma, segue em cima

Paga, pega e sai

Na zona norte? Ok

Na zona oeste? Ok

Na zona leste?

Na zona Sul? Ok

No interior?Ok

Outros estados? Ok

A meta é o mundo? Ok ou mais

Don Pixote

Aprovei, deixa misturado cafeína ok

Faz o giro eu sei, matéria prima pra vender  
achei

Os mano vem em mim, eu coleí com o santo  
rei

Viro em dobro tio, eu gostei, do que contei

Sai do lab. Que é fantasma, vários pino, já  
mandei

A raspa é pra rapa, o resto tem o Fabinho, e o  
Ney

Os cara desafia a lei, no octógono do sei sei  
tá na batalha e curtindo a mais de três

De certa volta ao mundo Eu sei que não vai dar

Vai colher seu trabalho, o fruto que plantar  
A sua matéria prima não pode misturar  
A qualidade é muito baixa vai prejudicar  
É só você pensar e saber onde prensar  
Para mim tanto faz, seja aqui ou lá  
Tenta sorte eu falo pra você vem ver  
No crime os dez mais é a hora os preto no  
poder

Corre, loco, esquina, sente o clima

Matéria prima e vai

Tempo é pouco, a firma, segue em cima

Paga, pega e sai

Na zona norte? Ok

Na zona oeste? Ok

Na zona leste? Ok

Na zona Sul? Ok

No interior?Ok

Outros estados? Ok

A meta é o mundo? Ok ou mais

Emicida

livre de impostos, em nossos postos

Enfim, gosto assim

Mentes e corpos clean

Lótus, mizinfim hã

colho louros da fama

Onde plantaram Vietnã.

Filhos da ditadura

Netos da escravidão

Justiça obscura

Flerto na terra do mensalão

Pode pá,

Vende mais que vic pra tosse

Hipocrisia da elite

Fez meus hit vira oxi, Alá

Ver as mais sinistra ação

Fazer disso meu curso de administração

Banto num campo de concentração

Amigo se o justus partísse daqui

Teria desistido.

Nóiz não.

Mandamo nossos menino

De mochila cheia

Vivendo pelos hino

Fazendo cara feia

Pros porco enquadrar na febre

Gritando cadê??

Faz seu trampo gambé

O nosso é vender cd...

Corre, loco, esquina, sente o clima

Matéria prima e vai

Tempo é pouco, a firma, segue em cima

Paga, pega e sai

Na zona norte? Ok  
 Na zona oeste? Ok  
 Na zona leste? Ok  
 Na zona Sul? Ok  
 No interior?Ok  
 Outros estados? Ok  
 A meta é o mundo? Ok ou mais

#### MV Bill

foi preciso ter visao alem do alcance  
 o campo foi minado e eu ligado que não ia ter  
 segunda chance  
 mente livre sonhador  
 versos musicados causam alegria e dor  
 multidoes esperam que a voz não cale  
 a palavra vem rimada é sinceroÉ o que mais  
 vale  
 colhendo louro onde enterraram os preto  
 só na pele e osso com o apelido de esqueleto  
 eu vi,malandro desistir humilde investir  
 na meta de um sonho construir  
 sem facção,com foco na visão  
 na mochila umas letras de rap  
 Só traficando informação  
 noiz,iluminando o lugar  
 Solta a voz,com coisa boa pra contar  
 portas se abriram,novas vozes surgiram  
 salva de palmas para aqueles que no sonho  
 investiram

Corre, loco, esquina, sente o clima  
 Matéria prima e vai  
 Tempo é pouco, a firma, segue em cima  
 Paga, pega e sai  
 Na zona norte? Ok  
 Na zona oeste? Ok  
 Na zona leste? Ok  
 Na zona Sul? Ok  
 No interior?Ok  
 Outros estados? Ok  
 A meta é o mundo? Ok ou mais

## Letras analisadas do Rapper Projota

### 1)Eu Sou o Rap

Vou te fazer viver, vou te fazer sonhar  
 Vou te fazer querer, vou te fazer lutar  
 Vou te fazer sofrer, vou te fazer chorar  
 Vou te fazer tremer, vou te fazer gritar  
 Fazer sentir que tudo pode ser melhor  
 Fazer sentir que tudo pode ser maior  
 Eu sou o rap, eu sou (4x)

Eu sou o sonho de cada moleque em meio ao frio  
 Sou a realidade de cada um que me viu  
 Eu sou o presente e o passado de quem me sentiu  
 Mesmo sem arma sou a verdadeira guerra civil  
 Eu sou o pão pra cada homem que hoje sente fome  
 Eu sou a fome que faz movimentar cada homem  
 Eu sou a esperança de paz da quebrada  
 Eu sou a casa onde a revolução fez a morada  
 Eu sou a alma da raça dita a mais fraca  
 Eu sou o olhar do guerreiro no momento que ataca  
 Eu sou a bondade e o sorriso de cada senhora  
 Eu sou a perseverança de quem fica quando alguém vai embora  
 Na hora que você olhar bem dentro dos meus olhos cê vai ver  
 Um mundo novo, um renascer  
 E agora fica aqui que é seu lugar  
 Se existe luta no seu coração é onde eu vou estar

Vou te fazer viver, vou te fazer sonhar  
 Vou te fazer querer, vou te fazer lutar  
 Vou te fazer sofrer, vou te fazer chorar  
 Vou te fazer tremer, vou te fazer gritar  
 Fazer sentir que tudo pode ser melhor  
 Fazer sentir que tudo pode ser maior  
 Eu sou o rap, eu sou (4x)

Eu sou o silêncio do luto da humanidade  
 Eu sou o barulho do grito da dignidade  
 Eu sou a morte em cada viela dessa cidade  
 Eu sou a vida em cada favela deixo saudade  
 Sou 4 ou 5 manos que saem do crime  
 Que me utilizam pra empregar no mundo esse regime  
 Sou firme resultante do ódio e do amor contidos  
 Sou regeneração de quem chamavam de bandidos  
 Sou um tapa na sua cara se isso for preciso

Se você me usar pro mal eu te derrubo e te piso  
 Se você me quer por interesses profanos  
 Você será cobrado, sim, pelos seus próprios manos  
 Posso te transformar num fracassado ou num herói  
 Vou te bater pra ver se aguenta o quando a vida dói  
 Vou te testar, fazer sofrer por vários meses  
 Mas se me amas não negue meu nome por 3 vezes

Vou te fazer viver, vou te fazer sonhar  
 Vou te fazer querer, vou te fazer lutar  
 Vou te fazer sofrer, vou te fazer chorar  
 Vou te fazer tremer, vou te fazer gritar  
 Fazer sentir que tudo pode ser melhor  
 Fazer sentir que tudo pode ser maior  
 Eu sou o rap, eu sou (4x)

Eu sou o quilombo dessa nova geração  
 Eu sou seu tombo mas também sou o seu chão  
 Eu sou justiça mas também sou o ladrão  
 Eu sou milícia, eu sou a arma na sua mão  
 Feito um bom pai eu te aconselho filho:  
 "Você tem uma arma e nessa arma existe um gatilho!"  
 Se não conhece as instruções esqueça  
 Pois se não sabe onde mira seu rap atira na própria cabeça  
 Eu sou a tristeza quando vejo um filho desistir  
 Eu sou a mesa onde sua ceia deve repartir  
 Eu sou grande demais pra você ser meu dono  
 Eu sou um reino universal onde não existe trono  
 Eu sou de tudo e sou de todos filho, sem limite  
 Eu sou o futuro do mundo por mais que ele me evite  
 Eu sou de quem me ouve, quem me faz  
 Pra dizer tudo que eu sou precisaria de mais mil raps iguais

Vou te fazer viver, vou te fazer sonhar  
 Vou te fazer querer, vou te fazer lutar  
 Vou te fazer sofrer, vou te fazer chorar  
 Vou te fazer tremer, vou te fazer gritar  
 Fazer sentir que tudo pode ser melhor  
 Fazer sentir que tudo pode ser maior  
 Eu sou o rap, eu sou (4x)

### 2)O Rap é Foda (part. Max B.O & Kamau)

É o povo do gueto que cansou de não ter voz  
 E gritou "cê tá aí? Então, olha pra nóiz!"  
 Marcha soldados, por nóiz, pela cor  
 Pelo som, pelo dom, pelo bem, pelo amor  
 O vento arranca telhas, leva roupas no varal



Mas não tira do chão o pé do RAP Nacional  
 O bumbo estoura as caixa, malandro,  
 fenomenal  
 A realidade é cruel e a facção central  
 O tempo passou, o bang expandiu  
 Tocou do Pelô à Lapa, do Rio  
 A rapa curtiu, vidas se transformaram.  
 Quantos se salvaram? Quantos se salvaram?  
 Eu sou mais um, não há quem duvide  
 Evolução nas ruas de Thaide a Rashid  
 É hora do revide. Ih, mano, fudeu  
 Vai, RAP, toma o mundo porque o mundo é  
 seu!

O RAP É FODA!  
 Mudou minha vida e a sua, os meninos na rua  
 e pá!  
 O RAP É FODA!  
 Se quer tirar com nóiz, quer calar nossa voz,  
 não vai rolar!  
 O RAP É FODA!  
 Mudou minha vida e a sua, os meninos na rua  
 e pá!  
 O RAP É FODA!  
 Se quer tirar com nóiz, quer calar nossa voz,  
 não vai rolar!

Eu não cheguei agora e não saio tão cedo  
 Vão me apontar o dedo, eu encaro sem medo  
 Só os escolhidos desenrolam o enredo  
 Não sou de brinquedo, mas já não é segredo  
 Que eu abri caminhos na mata de mentes  
 fechadas  
 Com pergaminhos carregados de ideias  
 pesadas  
 Mais que pegadas, cada vez que eu piso firme  
 Querem forjar um crime só pra que eu não me  
 aproxime  
 Das cabeças abertas, com letras mais certas  
 Atentas e alertas, não vão me impedir  
 Porque esse é o momento, vontade e talento  
 Me envolvo e enfrento, não sou de fugir  
 São vários por mim, eu já falo com o mundo  
 Impacto profundo, do beco oriundo  
 Do fundo ao topo é a meta, tá me entendendo?  
 Me chamam de RAP e o RAP É FODA,  
 memo!

O RAP É FODA!  
 Mudou minha vida e a sua, os meninos na rua  
 e pá!  
 O RAP É FODA!  
 Se quer tirar com nóiz, quer calar nossa voz,  
 não vai rolar!  
 O RAP É FODA!

Mudou minha vida e a sua, os meninos na rua  
 e pá!  
 O RAP É FODA!  
 Se quer tirar com nóiz, quer calar nossa voz,  
 não vai rolar!

Foi o sonho de alguns, na porta do Soweto\*  
 Hoje é real entre muitos, ecoando pelo gueto  
 A vida que podia ser violenta e fria  
 Se transformou no contato com ritmo e poesia  
 E aí, sobrevivi junto com a minha rapa  
 E com suor botei minha quebrada no mapa  
 Cohab Antartica, essa vez fugiu da estatística  
 Da página policial, foi pra página artística  
 Eu ali pequenininho, no bailinho da escola  
 Catando as mina, ouvindo um som, passando a  
 bola  
 Outros tempos, mas sempre a mesma ambição  
 O RAP vai ser minha vida, vai me dar  
 condição  
 Atingir o objetivo, independente do plano  
 Até o fim, tanto faz pra mim, filho de  
 pernambucano  
 Atenção, agora com vocês: Racionais  
 Ali que eu percebi que eu podia ser mais!

O RAP É FODA!  
 Mudou minha vida e a sua, os meninos na rua  
 e pá!  
 O RAP É FODA!  
 Se quer tirar com nóiz, quer calar nossa voz,  
 não vai rolar!  
 O RAP É FODA!  
 Mudou minha vida e a sua, os meninos na rua  
 e pá!  
 O RAP É FODA!  
 Se quer tirar com nóiz, quer calar nossa voz,  
 não vai rolar!

### 3)Vale a Pena

Eu só tinha um walk-man, meu refúgio de paz  
 Me ensinou bem mais, do que escola pública  
 se fez capaz  
 Rcp, 105 dominavam meus dias, nunca fui  
 ligado a idéias vazias  
 Não tinha nada, usei muita roupa usada,  
 Hoje a marca muda a roupa, mas em mim isso  
 não muda nada,  
 Camarada, eu sei que a minha vida melhorou  
 Mas meu povo ainda chora se é pra cobrar,  
 demorô  
 No país do mensalão, dim na cueca, no avião  
 Quem tem menos paga imposto, quem tem  
 mais sonega em vão  
 Nega não, roubam nosso hectares, hectares do

pré sal  
 Não sei quem vai faturar mais com nossos mares.  
 Pare e repare, bebem campari em paris,  
 Everybody sofre mas cê tende a ver só seu nariz  
 O safari que era calmo, virou selva  
  
 Mesmo se ninguém chegou lá nada impede que eu vá  
 Cair, sofrer, errar, perder, se for pra me ensinar a viver, vale a pena, vale a pena  
 Pois isso me fez ser quem sou, e quem eu sou é o que eu deveria ser  
 Então meu mano vale a pena, vale a pena.  
 Brasileiro com honra, meu país é lindo sim,  
 O que fode é governantes que governam contra mim  
 Por isso o rap existe, é a carta de cobrança  
 O mc é o carteiro e o carteiro nunca cansa  
 A mensagem chegará na casa de vocês  
 A semente regará e crescerá com novas leis.  
 Rap nacional é foda, vai dominar de uma vez,  
 Só não tomamos o mundo ainda, porque não falamos inglês.  
 Três décadas de luta, nada será em vão  
 Ídolos, sua conduta é que me manteve vivo  
 Devo tanto a tantos manos que salvaram a minha vida  
 Tento salvar outras vidas como retribuição  
 Eu não vou lá na tv só pra falar de uma polêmica  
 Minha educação foi muito mais que a acadêmica  
 Minha arte não é cênica, com a gente é diferente  
  
 Se for pra entrar na globo, só pela porta da frente.  
 Sente a força agora, se tu quer ver, viu mano  
 Orações e emoções, de mais de cem mil  
 Manos então vamos nosso brilho é luz, não gliter  
 Pra conhecer precisa mais que seguir no twitter  
 Guerreiros trabalham seus filhos querem leite  
 Luto pra valer o luto quando o meu corpo se deite  
 Seja rap grafite ou skate, nossa cultura é linda  
 Você pode não gostar, mas mesmo assim aceite  
 "aí irmão. você tem um sonho?  
 Eu corro atrás do meu sonho, porque eu sei que o mínimo direito  
 Que eu tenho nessa terra, é o direito de tentar  
 Os arrombado, vão falar que você não pode,

Mas você tem que mostrar pra esse bando de filha da puta do que você é capaz  
 Tá me entendendo? meu nome é projota, e eu sou mais um guerreiro do hip hop nacional."

#### **4) Sua Força É Minha Força (part. Rashid, Terceira Safra e Drcaligari)**

**PROJOTA-**

É o silencio que antecede o bummmm  
 Abaixem suas armas  
 A tropa segue de DJ Caique a DJ Hum  
 Rapaz comum  
 Pela ordem fala tu  
 Saúde pra família e pau no cu dos pau no cu  
 Quando progresso que escreveram na bandeira  
 Marcar sua presença em cada favela brasileira  
 Eu largo o rap e vou cantar qualquer besteira  
 Mas por enquanto mano é fogo na madeira  
 Não sou melhor do que pedreiro ou caixa de mercado  
 Nem sou pior do que um médico ou advogado  
 Nós somos tudo farinha do mesmo saco  
 Uns de terno, outros de casaco  
 Uns de jaleco outros de bobojaco.  
 Nossa força unida se torna eficaz  
 Sem julgar quem é Jesus ou quem é barrabás  
 Cada guerreiro é um homem na estrada  
 Um detento sem diário atrás da formula da paz.

**Terceira Safra -**

Lembro dos peso das linhas  
 Gladiadores uma analogia  
 Eu sei nem froide explica  
 Os louco grita os rap vida, vai partida  
 300 pra contar na safra já ultrapassa  
 Atropela quem ramela e arrasta aqui é esparta  
 Um simples ato de estender a mão  
 Então, já me estenderam  
 E hoje estendo a minha  
 Uma missão, vivão  
 A sua força é minha força  
 Real, leal, mental luta desigual pra nois sempre normal  
 Conhecidos como os que não param, trampa  
 Aqui é 3Fs tem mais rec. se não for desanda  
 Mensagem clara, ideia certa  
 Sempre manifesta os verdadeiro  
 Absorve. os falso, só detesta  
 O tamo junto é verdadeiro pode pa que é isso memo  
 To na batalha com os irmãos que dividiu os veneno  
 Que assim seja rashid  
 Nois por nois é agora

É só mais uma gravada  
Esse aqui fiz agora.

Nos somos tipo sombra  
Intocáveis na função de dominar  
Presta atenção!  
Chegamo longe agora é foda pra voltar  
O bando de pit bull se vai encarar? nanananão  
Progresso pra todos ou nada  
Ou então nois quebra tudo igual torcida  
organizada  
Um por todos e todos por um  
Um só caminho  
Se não for assim é melhor lutar sozinho  
Vejo os leke berrando com a alma, com os  
nome, cartaz  
Se essa porra não for união eu não sei o que é  
mais  
Iguais e leais, rivais aos leões  
Ao invés de falsos sermões  
Pros loucos o Rap é moisés  
Um viva a nois a esse mar de gente  
Vermelho sangue  
Somos correntes, irmãos de gangue  
Atropelamo feito tanque e nois sabe que eles  
gela mano  
Seu pesadelo só ta começando.

São tantas as mãos pro alto, bem alto  
Que eu não as posso contar  
São tantas vozes em coro  
Fazem a minha pele arrepiar  
Enquanto mais longe a mensagem chega e  
chegará  
Meu combustível pra me manter firme  
Sempre será  
O emocionado de quem tem a alma e o coração  
Fazer questão de ver cada sorriso, apertar cada  
mão  
Nos temos uma mensagem pra espalhar pelo  
mundo  
E basta ser sincero quando olhar no olho e  
dizer tamo junto  
Enxergo através de outros olhos que brilham  
Eu falo através de outras vozes que gritam  
Outros pés me levam a vários lugares  
Outras famílias são meus lares  
E a minha força vem dos que realmente  
acreditam  
Sua sede de justiça põe palavras na minha  
mente  
Sua força pra ficar de pé é minha força pra  
seguir em frente  
Quanto mais alguém querer subtrair eu vou  
somar

Sua força pra dividir, minha força pra  
multiplicar

Dr Caligari-  
Eu sou o que a vida me trouxe o que ela me  
levou  
Sou o olhar que já brilhou mas também chorou  
Sou tudo aquilo que acredito que sai do  
coração, do espírito  
Por meio legal do que ilícito  
Dito meu rumo o caminho é estreito  
Não creio em sorte só em causa e efeito,  
perfeito  
A sua força é minha força unidos não da pra  
derrotar  
Quem torça contra mas desses a natureza vai  
cuidar  
E agradeço a tudo que vem de bom e de bem  
Tanto pra mim quanto pra vocês também  
Que estuda pra ter conhecimento  
Observa pra ter sabedoria  
E o meu pensamento e no momento é quem me  
guia à vida  
A força vem de quem se incentiva com fé do  
fim da minha obra  
É por vocês que elas se mantem viva e sigo  
como foco fixo  
Porque quem se acha demais sobra e quem  
sobra é resto e vai logo pro lixo

Rashid-  
Tem um de nos em cada esquina  
Com uma arma na mão  
Talvez ela seja um livro mas talvez não  
Dane se quem te limita  
Cérebro evoluindo das casas de pala fita  
Os seus fones de ouvido  
Revolução presente  
Nos trilho, bem pior que piolho  
Nóis tamo na cabeça dos seus filhos  
De olho nos milho, sem joio  
Só brilho pra não ver eles na frente nem atrás  
do gatilho  
Apoio aos que apoia  
Senão móia  
O presente é nossa jóia  
Deus que óia por nós  
E pela voz que habita no asfalto  
Isso não é auto ajuda é ajuda do alto, morô?  
Porque sua força é minha força  
E se for preciso sua forza é minha forza  
Ouça, somos um pra vencer  
Eu sou apenas a voz do Rashid o coração dele  
é você.

### 5)Eu Canto

Pra que os menino tenha onde se apoiar  
Que aprenda na música o que a escola não sabe ensinar

Mais um ano já foi e o tempo se esfarela  
E eu me pergunto porque que o Papai Noel  
nunca vem pra favela  
Barraco num tem chaminé, mas tem samba de roda

Mas não confunde samba de roda com samba de moda

O foda é ver os pivete largado  
Que aprende a fala buceta antes mesmo do muito obrigado

Eu canto que é pra louva as vitamina  
Que absorvo da essência dos copo de tubaína  
Cada louco da cidade faz parte da minha poesia

É que eu não ganho nada porque se eu ganhasse eu dividia

Eu sigo quieto assim desde muleque  
Falo pouco e guardo as minhas ideias só pra faze RAP

E o RAP pra mim é igual sirene no asfalto  
Ouço o barulho de longe e já ponho as mão pro alto

Eu canto num é por dinheiro nem por platéia  
Eu canto que pra um dia eu dá orgulho pra minha véia

Que acredita, que apóia ,que paga condução  
Que me ensino que se enche a casa é só por água no feijão

Canto pros verdadeiro, pros vagabundo  
A cada batimento por segundo  
Até meu coração pula no peito quando eu mando as rima  
Todo empolgadão querendo pode criar mão pra por pra cima

É minha vida, minha paixão, é o que eu sinto  
O que me faz pode voar sem tira os meus pés do chão

É o que eu faço (se Deus quiser), pode corta minhas cordas vocais porque eu canto é com o coração

É minha vida, minha paixão, é o que eu sinto  
O que me faz pode voar sem tira os meus pés do chão

É o que eu vivo ( se Deus quiser), pode corta minhas cordas vocais porque eu canto é com o coração

É tio, porque essa é a única chance q me resta  
De prova que embaixo da minha bombeta tem algo que presta

Me julgam pela aparência, mas não seja por isso

É só fura mussarela q vira queijo suíço  
O que aprendi com bezerra espalho na cidade  
Tudo que nas aulas de historia num aprendi nem metade

Eterno aluno dessa escola que nunca termina  
Espanto quando eu vejo o quanto uma criança me ensina

Quanto mais a gente aprende muito mais se esquece

Quanto mais a gente cresce mais percebe que nem sabe nada

E se fizesse com que o tempo trouxesse o saber  
Viveria pra aprende mas não aprenderia a viver  
Por isso eu canto o que vivo e vivo o que canto  
Por isso eu joga os argumento até que chegue a um portanto

Dentro de cada nego existe um zumbi

Hoje eu ouço a voz do meu desesperado pra sai  
Por isso pra cada irmãozinho e irmãzinha  
Havaiana não tem doze molas mais também caminha

Sabedoria não tá no numero de neurônio

O que te faz ser bom é sua rima não seu pseudônimo

Amigo do amigo da fulana professora  
Que da aula pro primo do filho do dono da gravadora

Ah, tenha dó não desperdiço minha voz  
Canto pra no fim do som pode dize a rua eh noiz

É minha vida, minha paixão, é o que eu sinto  
O que me faz pode voar sem tira os meus pés do chão

É o que eu faço(se Deus quiser), pode corta minhas cordas vocais porque eu canto é com o coração

É minha vida, minha paixão, é o q eu sinto  
O que me faz pode voar sem tira os meus pés do chão

É o que eu vivo (se Deus quiser), pode corta minhas cordas vocais porque eu canto é com o coração

### Letras analisadas do Grupo Brô MC's

#### Eju Orendive

Aqui o meu rap não acabou  
 Aqui o meu rap está apenas começando  
 Eu faço por amor  
 Escute, faz favor  
 Está na mão do senhor  
 Não estou para matar  
 Sempre peço a Deus  
 Que ilumine o seu caminho  
 E o meu caminho  
 Não sei o que se passa na sua cabeça  
 O grau da sua maldade  
 Não sei o que você pensa  
 Povo contra povo, não pode se matar  
 Levante sua cabeça  
 Se você chorar não é uma vergonha  
 Jesus também chorou  
 Quando ele apanhou  
 Chego e rimo o rap guarani e kaiowa  
 Você não consegue me olhar  
 E se me olha não consegue me ver  
 Aqui é o rap guarani que está chegando pra  
 revolucionar  
 O tempo nos espera e estamos chegando  
 Por isso venha com nós

#### Refrão (2x):

Nós te chamamos pra revolucionar  
 Por isso venha com nós, nessa levada  
 Nós te chamamos pra revolucionar  
 Aldeia unida, mostra a cara

Vamos todos nós no rolê  
 Vamos todos nós, índios festejar  
 Vamos mostrar para os brancos  
 Que não há diferença e podemos ser iguais  
 Aquele boy passou por mim  
 Me olhando diferente  
 Agora eu mostro pra você  
 Que sou capaz, e eu estou aqui  
 Mostrando para você  
 O que a gente representa  
 Agora estamos aqui  
 Porque aqui tem índio sonhadores  
 Agora te pergunto, rapaz  
 Por que nós matamos e morremos?  
 Em cima desse fato a gente canta  
 Índio e índio se matando  
 Os brancos dando risada

Por isso estou aqui  
 Pra defender meu povo  
 Represento cada um  
 E por isso, meu povo,  
 Venha com nós

#### Refrão:

Nós te chamamos pra revolucionar  
 Por isso venha com nós, nessa levada  
 Nós te chamamos pra revolucionar  
 Aldeia unida, mostra a cara

#### TUPÃ

Só o tempo vai dizer o quanto nós sofremos  
 Pra você ver uns morrendo outros vivendo  
 No proceder, tem que ter, pra se viver  
 Se não tem, então tenta  
 Matança, droga violência, afeta toda  
 comunidade  
 Batalha sangrenta!  
 E os que sofrem racismo preconceito  
 Vivem como podem  
 Nossa comunidade prevalece a humildade  
 Sempre levando a palavra de verdade  
 Através do rap, mostrando a nossa realidade  
 Periferia da cidade: aldeia  
 A vida mais parece uma teia que te prende  
 Te isola, não quero tua esmola  
 Nem sua dó minha terra não é pó  
 Onde piso, onde planto (...)  
 (...) Quando vem na reserva fazer turismo  
 Pesquisar, e tentar entender o porque do  
 suicídio  
 Achar que não tem nada a ver com isso  
 Mas pelo contrário eu que te digo  
 Você é tão culpado, quanto os que antes aqui  
 chegaram  
 Mataram e expulsaram o índio da terra  
 Mas agora é guerra, mas agora é guerra  
 (...)  
 Esteja com tupã aonde quer que for  
 Olhe pro nosso  
 Tenha fé meu povo  
 E tudo irá mudar  
 Vamos buscar o novo mundo  
 Com Nandereko será diferente  
 Estamos de pé, graças a Deus e se vier!  
 Nunca estaremos a sós  
 Eu sei que lá de cima o tupã está olhando por  
 nós!  
 O tupã! (...)

#### TERRA VERMELHA

Terra vermelha do sangue derramado

Pelos guerreiros do passado massacrados  
 Fazendeiros mercenários latifundiários  
 Vários morreram defendendo suas terras  
 Onde vivo, aldeia já existe guerra (...)  
 Eu peço a Deus que ilumine meu caminho  
 Onde eu estiver, eu nunca estarei sozinho  
 Eh! Eu nunca estarei sozinho (...)  
 Sei que não é fácil, sei que nunca foi  
 Corrói o coração quem é os donos dos bois  
 As lembranças dói, nas histórias contadas  
 Pelos pajés de nossas terras roubadas  
 Anos 70, dezenas de família extensas  
 Cada vez mais espremida nos fundos das  
 fazendas  
 Foram separadas em 8 aldeias, ignorando  
 nossa cultura  
 Nos julgando numa teia (...)  
 Roubaram nossa terra, a nossa cultura (...)  
 Estou aqui em cima, sem a minha flecha  
 Mandando minha rima  
 Brô Mc's primeiros da aldeia  
 Jovens conscientes estão logo ai  
 O orgulho, respeitaram nosso povo  
 E também de quem merece  
 Sempre a provar que ninguém é diferente  
 Aos olhos de Deus somos todos seus filhos  
 Ambição pelo dinheiro, fama e troféu  
 Esqueça tudo isso  
 Mas sim outros manos e trutas da quebrada  
 As minas são loko, amizade é o que eu digo  
 O poder da nossa mente é pra aqueles que  
 Sentem como nós representa o meu povo  
 Guerreiro e sofredor  
 Acredito que o sonho de todo pobre é ser rico  
 Com isso lutamos, nessa vida  
 Algo desejado correr atrás é preciso  
 E sempre acreditar em nossos sonhos  
 Jovens conscientes é o que há  
 Lembrando o poder que tem dentro de você  
 Que Deus guarde em toda nossa vida!  
 Vida! (...)

### **LUTAR PRA VENCER**

(refrão)  
 É lutar pra vencer  
 É lutar pra vencer  
 É lutar pra vencer  
 Ai nós vence!  
 Não adianta tentar correr da tua realidade  
 Se na tua mão esta escrito, o que tu és  
 Porque você pisa na tua própria carne  
 Se achando o melhor que os outros  
 Pra mim você é um covarde  
 Ignorando e desrespeitando os diferentes de  
 você

Mas no fim vai perceber  
 Que a tua canoa tá furada  
 É as diferenças existem, é preciso ser  
 respeitada  
 Na bondade posso e consigo mudar o drama  
 Que eu carrego na minha vida  
 Buscando nos princípios meus  
 Antepassados pra guerrear contra o  
 preconceito  
 Que só quer acabar com a nossa cara  
 Se vir encara, fazendo o papel de palhaço  
 No meio dos playboys, mas pode crer que é  
 nois!  
 É só pra você ver  
 Vou lutar pra vencer!  
 Vou lutar pra vencer!

(refrão)

É lutar pra vencer os obstáculos da vida  
 Pulando a cada muro que impede de você subir  
 na vida  
 É claro que você vai precisar de habilidade  
 Desviando dos perigos e do caos da sociedade  
 Esteja atento, a cada movimento  
 Seja um guerreiro de verdade  
 Lute acredite, busque prosperidade  
 Na aldeia ou na cidade  
 Dificuldade é a mesma  
 Mesa vazia, olhar vazio  
 Pro futuro incerteza lute, vire a mesa  
 Faça o que puder  
 Não deixe que o sistema venha dar um bote  
 Antes de tudo, seja você!  
 Leia e estude, busque o saber  
 Pra poder se defender  
 Vou lutar pra vencer!

(refrão)

Viver a liberdade, correr e sonhar  
 E buscar a vida de verdade  
 Ser libertar da grade  
 E quem sabe tudo vai mudar  
 Basta você acreditar que o fim  
 O recomeço de uma nova história  
 O momento é agora  
 Chega de dor e sofrimento, o Chão gelado o  
 cimento  
 No dia da visita como passa o tempo  
 Depois o relógio para  
 Semana que não passa  
 O que eu não daria, pra tar de boa em casa  
 Tomando tereré, curtindo com os camarada  
 E hoje estou aqui, pagando pelo que fiz  
 Esperando o alvará com a vontade do juiz  
 Mas não vou desistir, vou lutar até o fim

Vou buscar uma saída, vou mudar a minha  
vida  
Pode crer, é lutar pra vencer

## Letras analisadas do Grupo Opanijé

### 1) Encruzilhada

Encruzilhada

(Lázaro/Dum Dum/Heider)

Acharam que nos derrotaram, que tinham todos na mão

Pensaram que nos derrubaram, que não ia ter reação.

Mentiram dizendo que a gente não tinha história ou passado

Feriram nossa identidade falando que a gente cultua o diabo

Serviram nossa auto estima na bandeja aos porcos

E riram dizendo que nossos deuses estavam mortos

Cortaram nossa raiz desde cedo,

Arrancaram nosso cordão umbilical,

Fizeram o povo todo ter medo,

Nos deram uma condição marginal,

Mas chega!

Ser oprimido não tem poesia como você pensa

Idéia neonazista que se alastra feito doença

Pensaram que a gente iria assistir calado na defensiva

Enquanto vocês transformam mães-pretas em mortas-vivas

Sem vida entregando o próprio destino na mão de estranhos

Que só se preocupam com o poder e seu próprio ganho

Se lenharam!

Nem todos se rendem a qualquer esperto

Pensaram que eu tava sozinho, mas não, tô bem coberto.

Eu prego a palavra dos puros, dos que tão em apuros

Minha rima o sangue estanca, roupa branca, corpo escuro

Sozinho cê toma susto vendo vulto, tá de luto

A sua desonra sumiu na fumaça do charuto

Porque já tentou escravizar com ilusões

Mas na encruzilhada temos várias opções

O caminho, a verdade e a vida, como é que fica?

Entre a terra e o céu me diz, quem é que comunica?

To bem coberto, eu te alerta, meu corpo não tá aberto

Lugar certo não tem teto,

Não mexe com quem tá quieto.

Quem tem fé no Axé não dá ré, segue adiante

Extrai o êxtase extremo, exuberante

Exu nasceu no Jitolú, não teme nada

Mora na comunidade, a encruzilhada é sua

morada

Aquele que comunica, frutifica e faz crescer

Não tenho nada a dizer a não ser... (laroiê)

Quero ouvir falar de mim sem sentir medo, respeito

Há, há!

Tá tudo preto pra você e seu preconceito

Vejo pânico estampado na cara de quem desacredita

Mas falsifica sim, tanto no descarrego quanto na missa

Tem gente que me encanta, se encanta, a força é tanta

Tem gente que tenta lucrar com meu nome e não se manca

Distorce minha imagem, faz um monte de pilantragem

E esquece que esse mundo é ponte, aqui é só passagem

Quatro elementos pra mim ainda são poucos

Levo meu ideal a sério com a corda no pescoço

Não sufoca, não amarra,

Não enforca, não cala.

Sou um bom orador e minha função é minha palavra

Representei os quatro cantos do mundo fiz revolução

Com a tradição oral de que a África não abre mão

Recitado nos poemas periféricos, com bastante sentimentos

Utilizo como chave boas ações, bons argumentos.

### 2) Valeu Zumbi

Encarnou, a energia veio do corpo e arrepiou

Ruborizou a face alva do seu opressor

Que não esperou ouvir tanto clamor de tanta gente

E viu que a dor que ele causou nos fez mais resistente

Mas se a pele é negra igual a minha não importa a cor

Ela vai se arrepiar ouvindo o toque do tambor

Não adianta, com humilhação eu não me acostumo

Levanta que a estrada é longa e eu já sei o rumo

Palmares ainda ecoa em nossos corações

Com a força de mostrar as nossas opiniões

Com a resistência que eu mostrei, herdei sangue de rei

Nem tente me iludir, pois meu passado eu sei

O que fomos ontem temos obrigação de não



esquecer  
 O que somos hoje não é nada perto do que  
 vamos ser  
 Não vou assistir calado a humilhação do meu  
 povo  
 Valeu, zumbi, 2º tempo a gente vira o jogo

Na madrugada grita um deus, ilá de um preto  
 meu  
 Que não esquece os seus e cumpre o que  
 prometeu  
 Nos orienta desde 400 anos atrás  
 Representa a ligação com nossos ancestrais  
 Televisão hoje nos trata feito imbecis  
 Negro sempre é vilão e a negra sempre  
 meretriz  
 Realidade distorcida, estereotipada  
 Vendida nossa alma ao demônio por quase  
 nada  
 E eu tenho pressa, perdemos muito tempo  
 nessa  
 O que interessa é encaixar a ultima peça  
 Pra funcionar a máquina que nos leva ao poder  
 Tomar o lugar que a gente sempre mereceu ter  
 Precisou tomar na cara para descobrir  
 Sentir o ardor pra ver que a pele pode resistir  
 Arrepiou de novo então é sinal que ele tá aqui  
 Vencedor ontem, hoje e sempre!  
 Valeu zumbi!

Não é só batida! é o ritmo que nos faz respirar  
 É a vida que diz que devemos continuar  
 Talento e inteligência a gente tem de berço  
 Revolução nas pick-ups, 33 e 1/3  
 Nessa senzala moderna, no novo canal  
 A chicotada de hoje quem dá é o policial  
 Suspeito é preto e a madrugada esconde a  
 verdade  
 E o preconceito que rouba nossa dignidade  
 Verdade tá sempre do lado de quem tem mais  
 Lealdade a gente só aprende com nossos pais  
 E o time que eu chamo é pequeno, mas  
 eficiente  
 A arma é a rima e o exército afroresistente  
 Eu tô no páreo, eles não sabem nossos  
 segredos  
 Quem é otário na luta honesta fica com medo  
 Palmares é aqui, não é apenas um mito  
 Valeu, zumbi!  
 Essa luta a gente ganha no grito!

## Letras analisadas do Rapper Rapadura Xique-Chico

### 1) Norte Nordeste Me Veste

O nordeste é poesia,  
Deus quando fez o mundo  
Fez tudo com primazia,  
Formando o céu e a terra  
Cobertos com fantasia.  
Para o sul deu a riqueza,  
Para o planalto a beleza  
E ao nordeste a poesia.  
(trecho de patativa do assaré).

Rasgo de leste a oeste como peste do sul ao  
sudeste  
Sou rap agreste norte-nordeste epiderme veste  
Arranco roupas das verdades poucas das  
imagens foscas  
Partindo pratos e bocas com tapas mato essas  
moscas  
Toma! eu meto lacres com backs derramo  
frases ataques  
Atiro charques nas bases dos meus sotaques  
Oxe! querem entupir nossos fones a repetirem  
nomes  
Reproduzindo seus clones se afastem dos  
microfones  
Trazem um nível baixo, para singles fracos,  
astros de cadastros  
Não sigo seus rastros, negados padraos  
Cidade negada como madrasta, enteados já não  
arrasta  
Esses órfãos com precatas, basta! ninguém  
mais empata  
Meto meu chapéu de palha sigo pra batalha  
Com força agarro a enxada se crava em minhas  
mortalhas  
Tive que correr mais que vocês pra alcançar  
minha vez  
Garra com nitidez rigidez me fez monstro  
camponês  
Exerce influência, tendência, em vivência em  
crenças destinos  
Se assumam são clandestinos se negam não  
nordestinos  
Vergonha do que são, produção sem expressão  
própria  
Se afastem da criação morrerão por que são  
cópias  
Não vejo cabra da peste só carioca e paulista  
Só freestyleiro em nordeste não querem ser  
repentistas  
Rejeitam xilogravura o cordel que é literatura  
Quem não tem cultura jamais vai saber o que é

rapadura

Foram nossas mãos que levantaram os  
concretos os prédios  
Os tetos os manifestos, não quero mais  
intermédios  
Eu quero acesso direto às rádios palcos abertos  
Inovar em projetos protestos arremesso fetos  
Escuta! a cidade só existe por que viemos antes  
Na dor desses retirantes com suor e sangue  
imigrante  
Rapadura eu venho do engenho rasgo os  
canaviais  
Meto o norte nordeste o povo no topo dos  
festivais, toma!

Refrão:

Êha! ei! nortista agarra essa causa que  
trouxeste  
Nordestino agarra a cultura que te veste  
Eu digo norte vocês dizem nordeste  
Norte nordeste norte nordeste  
Êha! hei! nortista agarra essa causa que  
trouxeste  
Nordestino agarra a cultura que te veste  
Eu digo norte vocês dizem nordeste  
Norte nordeste norte nordeste

Poesia:

Minhas irmãs, meus irmãos, oxe! se assumam  
como realmente são  
Não deixem que suas matrizes, que suas raízes  
morrão por falta de irrigação  
Ser nortista & nordestino meus conterrâneos  
num é ser seco nem litorâneo  
É ter em nossas mãos um destino nunca  
clandestino para os desfechos metropolitanos.

Devasto as galerias tão frias cuspo grafias em  
vias  
Espalho crias nas linhas trilhas discografias  
Arrasto lp's, ep's cds, dvds  
Cachês, clichês, surdez, vocês? não desta vez!  
Esmago boicotes com estrofes em portes cortes  
nos flogs  
Poetas pobres em montes dão choques em hip  
pops  
Versos ferozes em vozes dão mortes aos tops  
blogs  
Repente forte do norte sacode em trotes  
galopes  
Meto a fita embolada do engenho em bilhetes  
de states  
Dou breaks em fakes enfeites cacete nas mix  
tapes

Bloqueio esses eixos os deixo sem alimentação  
 Alheios fazem feio nos meios de comunicação  
 Essas rádios que não divulgam os trabalhos  
 criados em nossos estados  
 Ouvintes abitolados é o que produz  
 Contratos que pagam eventos forçados com  
 pratos sobre enlatados  
 Plágios sairão entalados com esse cuscuz  
 Ao extremo venho ao terreno me empenho em  
 trampo agrônomo  
 Espremo tudo que tenho do engenho a um  
 campo autônomo  
 Juntos fazemos demos oxigênios anônimos  
 E não gêmeos fenômenos homogêneos  
 homônimos  
 Caros exteriores agrários são os criadores  
 Diários com seus labores contrários a  
 importação  
 São raros nossos autores amparo pra  
 agricultores  
 Calcários pra pensadores preparo pra incitação  
 Sou côco e faço cocada embolada bolo na hora  
 Minha fala é a bala de agora é de aurora e de  
 alvorada  
 Cortando o céu da estrada do nada eu faço de  
 tudo  
 Com a enxada aro esse mundo e no estudo faço  
 morada  
 Sou doce lá dos engenhos e venho com essa  
 doçura  
 Contenho poesia pura a fartura de rima tenho  
 Desenho nossa cultura por cima e não por de  
 baixo  
 Não sabe o que é cabra macho? me apresento  
 rapadura  
 Espanco suas calças largas com vagas para  
 calouros  
 Estranha o som do gonzaga a minha sandália  
 de couro  
 Que esmaga cigarras besouros mata nos  
 criadouros  
 Meu povo o maior tesouro amor regional  
 duradouro  
 Recito os ribeirinhos o mara - baixo em  
 vivência  
 Um norte com essência não enxerga essa  
 concorrência  
 São tão iguais ouvi vários e achei que era só  
 um  
 Se no nordeste num tem grupo bom  
 Não tem em lugar nenhum, toma!

Refrão:

Êha! ei! nortista agarra essa causa que  
 trouxeste  
 Nordestino agarra a cultura que te veste  
 Eu digo norte vocês dizem nordeste  
 Norte nordeste norte nordeste

Êha! ei! nortista agarra essa causa que  
 trouxeste  
 Nordestino agarra a cultura que te veste  
 Eu digo norte vocês dizem nordeste  
 Norte nordeste norte nordeste.

## Letra analisada do grupo Sub louco Coletividade

### 1)Capital da tecnologia

Introdução (Várias locuções de telejornais falando sobre a cidade de São Carlos)

Isso acontece aqui em São Carlos...

Parte I: (Mano Alex e Ringo)

Nossa cidade sente o peso de suas mentiras  
Sem direito a revide, a voz contra a burguesia  
Porque o sol nasce aqui, mas não brilha deste lado

Enquanto vários ostentam meu povo é escravizado.

Pra gozar no luxo o benefício dos ricos,  
Sai das mãos dos pobres através do sacrifício.  
Quem é que viu, a cidade ta crescendo  
Só lá nos fundão, ocupando os terreno.

Pessoas que vem de fora, sem estrutura nenhuma  
Pensando em viver e vencer, na terra do nunca  
Dos tijolo sobreposto onde nasce seu castelo  
Onde aprender sozinho e realiza o sonho de arquiteto.

Morando bem distante do condomínio Parque Faber  
Da onde o boy só sai pra ir pra faculdade  
Abraça a oportunidade de médico e engenheiro  
Enquanto aqui pra nós oferece o desemprego

Oferecem pro governador o asfalto onde ele passa  
Diz que o ensino é de ponta, e que aqui nunca falta vaga  
Olha o menor lá no NAI (Núcleo de Atendimento Integrado), sem grau de escolaridade  
Sem apoio sem nada nos berços desta cidade.

A cadeia é pra quem rouba o lazer do seu filho  
Tira minha liberdade, pra você viver tranqüilo.  
Na capital da tecnologia eu vejo,  
Lucro nas empresas e a gente sem dinheiro.

REFRÃO: (2X)

Na capital da tecnologia o pobre é ignorado,  
Pro rico é tudo lindo e o podre é maquiado.  
Mas na madrugada fria o viaduto vira manto,  
Conclusão, São Carlos não é santo.

Parte II (Lincoln e Gaiva)

Minha Boa Vista não enxerga, Redenção alguma,

Onde os Jardins são de Torres, o Fogo não Bota censura.

Mistério do novo oeste, criança desaparece  
E ao anoitecer nos canaviais até o sol padece.

Mostra o lado sombrio, e quem não viu as chamas que subiu?

Do horizonte o vento trouxe junto o ar seco e frio.

Terra da Gente é Brasil, tecnologia da China,  
Projeto “Água Quente” também esfria.

Como os corpos das meninas acidentadas na estrada

Que tiveram na Internet as fotos do IML divulgadas,

Como isso pode se o acesso é restrito aos homens da Lei?

Prova real de que são, criminosos também.

E ganha o cargo porque fez faculdade renomada,

Louco de pó e cachaça na balada, futuro pediatra,

Estágio na quebrada, nos postinhos

Hospital escola para quem vem de fora tratar os nossos filho.

A campanha política mostra um povo sorridente,

Mas de manhã no busão lotado esse semblante é bem diferente.

Contrato renovado em acordo vergonhoso,

Depender de ônibus aqui é pagar pra passar nervoso.

Paga pra nascer, paga pra viver, paga pra morrer,

O imposto da educação e do lazer,

Vai pra Febem concluir a sua construção,

E pra 1ª.CIA do 38 °. Batalhão.

REFRÃO: (2X)

Na capital da tecnologia o pobre é ignorado,

Pro rico é tudo lindo e o podre é maquiado.

Mas na madrugada fria o viaduto vira manto.

Conclusão, São Carlos não é santo.

Parte III (Sandro e Miguel)

O moderno usa o crânio só pra ver um mundo novo.

O malucão entrou em cana, só porque meteu o loco.

As câmera que registra, o celular que é uma merda

Uma ligação de graça 190 a língua que entrega.

E quando vem, vem a milhão, vem pra derrubar os truta,

Pique filme americano, vem gritando que nem puta.

Quando não, as abordagem de rotina, pra eles é graça,

Duas paranga no bolso de cada, com direito a tapa na cara.

E dos pais que se envergonham da Internet perigosa,

De ver sua filha exposta e no Bluetooth até rola.

É vírus, com seu notebook em busca da maldade,

Se não responder o processo juiz manda pra grade.

A imagem que condena é a imagem que liberta,

Mas depende qual que for pode quebrar até as suas pernas.

Sexo explícito é vírus com certeza,

Mas se um de nós é preso, ninguém põe nós na Veja!

É pelo dinheiro e no contrato faz um pacto,

No farol da Honda o símbolo que é satânico.

Cruz credo, mas veja só que fita,

O que leva vendar a alma pela tecnologia?

É pela fama, pela grana, ou talvez por vida boa,

Mas o que sobe desce e quando desce não é a toa.

Cê qué luxo fio? Vem ripa que nem nós ripa.

Ce qué luxo bem? Abraça a tecnologia!!!

REFRÃO: (2X)

Na capital da tecnologia o pobre é ignorado,

Pro rico é tudo lindo e o podre é maquiado.

Mas na madrugada fria o viaduto vira manto.

Conclusão, São Carlos não é santo

... Isso acontece aqui em São Carlos.

## Letra Analisada do Grupo Faces da Morte

### 1) Rap É o Som da Paz

Essa é pra você que canta rap, presta atenção  
Acha que é só falar gíria e palavrão  
Chegou agora e diz que é mili ano da função  
Diz que não tem nada a ver samba com rap sou  
negrao

Vou te dizer e você pode crer  
Que sem humildade você vai se fuder  
Ai, se você é do crime ou não, me interessa  
Minha cara é rima jao, tô fora dessa  
Respeito os mano sangue bom daquele jeito  
Salve pros guerreiro, os parceiro de conceito  
Estamos junto faça o hip-hop, ganhe o mundo  
Se a guerra é entre a gente nós estamos sem  
futuro  
Eu vi, porra que o sucesso vem aí  
Por causa de dinheiro os mano vai se destruir  
Orei, paz a todos só Jesus é rei  
O rap é minha vida e meu samba é de lei  
Eu sei

Vem que passa teu sofrer  
Se todo mundo sambasse seria tão fácil viver

Ai  
Rap é o som da paz que prega uniao  
Mais uma estrela da constelação  
Meu compromisso eu sei não é em vão  
Então se liga jao, se liga jao  
Ai  
Rap é o som da paz que prega uniao  
Mais uma estrela da constelação  
Meu compromisso eu sei não é em vão  
Então se liga jao, se liga

Quem foi que falou  
Que eu não sou um moleque atrevido (salve  
jorge  
Aragao)  
Ganhei minha fama de bamba  
Nos sambas de roda (e é isso que incomoda)  
Fico feliz em saber  
O que fiz pela música, faça o favor  
Respeite quem pode chegar  
Onde a gente chegou

Moro, ligo

Ai é quente faça um hip-hop consciente  
Aqui é possemente rap linha de frente  
Nem tente, cê agora já foi enquadrado  
Som bate pesado, todos de maos pro alto  
Periferia, rap noite e dia  
Os maluco correria vive na sintonia

Todas quebrada, salve rapaziada  
Avisa os maloqueiro a fita já tá dominada

Ai  
Rap é o som da paz que prega uniao  
Mais uma estrela da constelação  
Meu compromisso eu sei não é em vão  
Então se liga jao, se liga jao  
Ai  
Rap é o som da paz que prega uniao  
Mais uma estrela da constelação  
Meu compromisso eu sei não é em vão  
Então se liga jao, se liga, acorda pra vida

Vem que passa teu sofrer  
Se todo mundo sambasse seria tão fácil viver  
(bis)

### 2) Tático Cinza

Vem na moral dobrando a esquina  
Farol apagado cano pra fora dobrando a  
esquina  
No meio da neblina no meio da rua  
Dsl tático móvel na captura!  
Acionado retrato falado  
Suspeito sou eu na mira de um tático  
Com ferro ou papel na ocasião  
Cada vez mais perto acelera meu coração  
Com flagrante ou se flagrante se pá tá limpo  
Na madrugada pra policia todo mundo é  
bandido  
É cada vez mais chegando devagar  
Sou eu no alvo eu na mira eu no radar  
Me lembro rapidamente da favela  
Daquelas cenas que assisti no cidade alerta  
O camburão colando e metendo balas  
Portas batendo os corpos no chão furados na  
bala  
As pessoas assustadas no local  
Assassinato de quebrada é natural  
Periferia de ponta a ponta sabe  
Fato polêmico real sem disfarce  
A minha história não tem no dicionário aurélio  
Um pingo é letra pra macaco velho  
Vai entender ladrão a minha língua  
No meio da neblina o tático cinza!  
4x é o tático cinza é o tático cinza  
Vem na moral dobrando a esquina  
É o tático cinza é o tático cinza  
Sinto o medo no momento me dominando  
Desespero cada vez mais me seqüestrando  
A maca se aproximando chegando perto  
Meu corpo agonizando a um passo do inferno  
Você não é ninguém você não é nada  
Sem deus com você ou seu anjo da guarda

Eu aqui parado cada vez mais tenso  
 Coração acelerado as pernas tremendo  
 3 elementos no mínimo 4  
 Se passa assim o rosto encapuzado  
 Farol apagado na minha direção  
 Uma matraca e uma doze de repetição  
 Penso comigo fudeu já era  
 Mais um corpo pra debaixo da terra  
 Mais uma alma saindo de um corpo  
 Mais um jovem brasileiro morto!  
 Fazer o que já não me encontro mais com a  
 sorte  
 No pensamento é deus e são jorge  
 Guerreiro protetor que me acompanha  
 Eu vejo o tático chegando na campana  
 Vem na moral fazendo a curva  
 Silencioso todo apagado na captura  
 De quebrada na madrugada  
 Sou eu na mira no meio da neblina  
 É o tático cinza  
 4x é o tático cinza é o tático cinza  
 Vem na moral dobrando a esquina  
 É o tático cinza é o tático cinza  
 Será meu deus que eu vou morrer dessa forma?  
 Morto por tiros meu sangue pra fora  
 Não vou correr não vai adiantar  
 Eu to sentindo a morte vindo me buscar  
 Me lembro da minha mãe dizendo pra mim  
 Deus te abençoe meu filho e que você seja  
 feliz  
 Me lembro de uma pá de mano guardado  
 Salve salve faxina renato!  
 A minha mente dispara o coração acelera  
 Já to imaginando o caixão e as velas acesas  
 O necrotério lotado  
 Várias pessoas chorando e os comentários  
 "foi a policia foi a policia"  
 Aqueles filhos da puta de farda cinza!  
 Tudo isso eu penso em fração de segundos  
 Mas com certeza eu sei que sou mais um  
 defunto  
 Ele vem vem devagar e na maldade  
 Lá dentro tem uma rapa de covarde  
 Eu to escutando um barulho conhecido  
 Tipo assim mais ou menos de gatilho  
 Meu moleque vai chorar e vai ser foda  
 Quando ele olhar o meu corpo descendo na  
 cova  
 Que sufoco parece um pesadelo  
 Não sou o ultimo e nem o primeiro  
 Não vejo a placa nem o prefixo  
 Só o farol brilhando o meu crucifixo  
 De repente eu escuto uma voz bem seca  
 "deitado no chão filho da puta mão na cabeça!"  
 O final é esse daí você já sabe

Mais um jovem morto pelos covardes  
 4x é o tático cinza é o tático cinza  
 Vem na moral dobrando a esquina